Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

Considerações geraes sobre o conjuncto da civilisação chinesa e sobre as relações do Occidente com a China

POR

PIERRE LAFFITTE

—o—

TRADUCÇÃO
DE
Generino dos Santos

—o—

RIO DE JANEIRO
Typ. do "Jornal do Commercio"
RODRIGUES & CIA.
1938

Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

Considerações geraes sobre o conjuncto da civilisação chinesa e sobre as relações do Occidente com a China

POR

PIERRE LAFFITTE

TRADUCÇÃO
DE
Generino dos Santos

RIO DE JANEIRO
Typ. do "Jornal do Commercio"
RODRIGUES & CIA.
1938

Acervo da Biblioteca
Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ

ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ
BIBLIOTECA
REGISTRO Nº
34889/13
121.11
Lo163c
Col.F.C.

Forão impressos désta obra:

200 *exemplares em papel* BUFFON *de 1ª qualidade e*
800 *exemplares em papel de 2ª qualidade, que constituem a "edição popular"* (TESTAMENTO *p. XXIV*).

INDICE

	Pags.
Advertencia. . .	5— 7
Introducção. . .	11— 16
Primeira licção. . .	17— 58
Apreciação abstracta das bases essenciaes da civilisação chinesa, e dos elementos modificadores desta civilisação...	17— 58
Importancia do estudo systhematico da civilisação chinesa..	17— 20
Considerações preliminares sobre a differença entre o Fetichismo e o Theologismo	20— 31
Base mental da civilisação chinesa	31— 37
Consequencias intellectuaes e moraes, da base mental da civilisação chinesa	37— 42
Caracter geral da Familia na China	43— 45
Caracter geral da sociedade chinesa	46— 50
Dos elementos modificadores da civilisação chinesa	51— 58
Primeiro elemento modificador da civilisação chinesa: philosophia de Lao-tsen	52— 55
Segundo elemento modificador da civilisação chinesa: Buddhismo. . .	56— 58
Terceiro elemento modificador da civilisação chinesa: Catholicismo. . .	58
Segunda licção	59—114
Theoria geral do desenvolvimento da civilisação chinesa....	59—114
Theoria summaria das duas forças que dirigiam o desenvolvimento da civilisação chinesa: Imperador, classe dos lettrados. . .	59— 66
Decomposição do conjuncto da evolução chinesa em suas phases essenciaes. . .	66— 70

Apreciação geral da primeira phase da civilisação chinesa (do anno 2500 antes de Jesus Christo até o anno 200 antes de Jesus Christo) ..... 70— 77
Apreciação geral da segunda phase da civilisação chinesa (do anno 200 antes de Jesus Christo até os nossos dias) 77— 94
Estado actual da civilisação chinesa, considerada como méta final de sua longa evolução ..... 94—114
TERCEIRA LICÇÃO ..... 115—178
Apreciação abstracta de Confucio, e de sua influencia sobre o conjuncto da civilisação chinesa ..... 115—149
Considerações geraes sobre a evolução intellectual da China, e sobre a situação geral no meio da qual surgiu Confucio. . . .. 115—121
Apreciação da obra e da vida de Confucio ..... 121—139
Considerações geraes sobre a Escola de Confucio, ou Escola dos lettrados. . . .. 139—149
Das relações do Occidente com a China ..... 149—178
Considerações preliminares sobre a situação geral do Occidente em si mesma, e em relação ao resto do Planeta.. 149—155
Exame summario das relações do Occidente com a China, e do estado actual destas relações ..... 156—166
Dos principios geraes segundo os quaes devem ser reguladas as relações do Occidente com a China ..... 166—178

ADVERTENCIA

Miguel Lemos considerava este livro de Pierre Laffitte "o unico trabalho verdadeiramente recomendavel do degenerado discipulo, pretendido sucessor de Augusto Comte", taxando-o em nota á tradução do Cathecismo Positivista "de interessante opusculo" em que o autor "se encarregou de demonstrar em seu conjuncto, e em suas partes, o theorema sociologico constituido pelo admiravel trecho que acabamos de citar". O trecho referido é a condensação da philosophia da civilisação chinesa, por Augusto Comte na Introducção da Synthese Subjectiva, pags. 22 e 23. (1)

Por assim julgar as conferencias de Laffitte, apparecidas pela primeira vez em volume no mez de Junho de 1861, em Paris, na livraria Dunod, encarregou Generino dos Santos de levar a effeito versão brasileira, para melhor conhecimento do opusculo, pelo publico brasileiro, sob sua immediata direcção.

Incontinente poz Generino mãos á obra e apresentou a traducção feita a Miguel Lemos que por falta de meios não a poude publicar, conforme dá noticia á pag. 37 da 2.ª circular annual (1882): — "Finalement, pour répandre dans le public les principes

---

(1) Vide nota á Advertencia (pag. 182).

généraux qui nous guident dans la discussion de ces matières, j'avais prié notre confrère M. Generino dos Santos de traduire les leçons de M. Laffitte sur la civilisation chinoise. Sa traduction est faite, mais la cherté chez nous du travail typographique nous oblige à en ajourner la publication."

No acervo de originaes deixados por Generino foi ella encontrada, e obedecendo ao testamento que tudo manda publicar, ficou sendo o undecimo volume do Espolio Litérario.

As ultimas paginas, não foram porem achadas, de sorte que, para não deixar incompleta a obra, traduzi-as, notando todavia o ponto em que termina a versão do poeta pernambucano.

Cotejei cuidadosamente os originaes portuguezes com as edições francesas, embora não houvesse introduzido corrigendas no trabalho de Generino, apenas escolhendo o termo mais adequado, quando por elle varios foram deixados, sem ainda ter fixado o preferido, certamente esperando fazel-o quando da publicação.

Hoje este livro é raridade bibliographica apesar de ter tido além da edição citada, outra da Sociedade Positivista, de Paris em 1900 e tambem publicação integral na Revista Occidental. (Tomo XXI, 2.ª serie, anno XXIII, 1.º de Julho de 1900 — 14 de Carlosmagno de 112; n. 4, pags. 1 a 41 e no numero seguinte das pags. 137 a 239).

Não foi possivel obedecer na totalidade a primeira divisão feita para a publicação em dez volumes da farta bagagem litteraria deixada por Generino, comtudo as linhas mestras foram conservadas, e sendo immutaveis as directrizes quanto aos principios fundamentaes que vem dirigindo, de accordo com as vontades exaradas no Testamento, a collectanea de tudo quanto foi encontrado.

Pensa a Testamentaria que principalmente no momento não só o interesse intrinseco do trabalho de Laffite merece ser lembrado, mas tambem o assumpto em occasião de ventilação no mundo, de questões concernentes á China, seu grau de civilisação e suas relações com o Occidente e outros povos do Oriente.

Rio, 20 — 1.º — 1938.

L. F. V. S.

CONSIDERAÇÕES GERAES

sobre o conjunto da civilização chineza e sobre as relações do Occidente com a China

POR

PIERRE LAFFITTE

VERSÃO

de

GENERINO DOS SANTOS

INTRODUCÇÃO

Dou publicidade ás lições consagradas a Confucio e á civilisação chineza, no curso publico e gratuito que em 1859 e 1860 professei sobre a *Historia Geral da Humanidade* (1).

Destacando esta parte de uma vasta exposição, é meu principal intuito chamar a attenção dos espiritos e corações elevados para a necessidade de instituir uma politica simultaneamente racional e moral que regule as relações do Occidente com o resto do Planeta. Taes relações estão sendo, de mais em mais, dominadas por um ignobil mercantilismo, ou por um proselytismo estreito que, de resto, não serve as mais das vezes sinão de pretexto para operações politicas e commerciaes. Espero, outrosim, que o exemplo de uma concepção politica baseada sobre uma aprofundada apreciação philosophica da situação que se trata de modificar poderá persuadir os espiritos reflectidos á necessidade de prestar, ao menos no estudo dos phenomenos sociaes, o gráo de attenção e perseverança que exige o estudo dos phenomenos mais simples da vida e do mundo. De resto,

(1) Publico no fim deste volume o programma do meu Curso, afim de que se possa fazer uma idéa do seu conjuncto. Para mais detalhes, ver *Cours philosophique sur l'histoire generale de l'Humanité*, por Pierre Laffitte (discurso de abertura) 1 vol. in-8, em casa de Dunod, livreiro, caes dos Agostinhos, 49, Paris.

a instituição de uma politica verdadeiramente planetaria, além da sua alta importancia em si mesma, ainda se prende directa e indirectamente ás mais urgentes necessidades da reorganisação occidental; porque a verdadeira doutrina, capaz de instituir o estado normal da Humanidade, se deve desde logo caracterisar pela sua aptidão para construir uma politica que realmente abranja o conjuncto dos negocios terrestres. E' o que realmente faz o Positivismo e o que não tardarão a comprehender os espiritos verdadeiramente dignos de sentir o valor de uma tal doutrina, destinada a produzir em fim o religamento das almas de eleição.

Mas, para que o grupo das populações adiantadas possa adoptar uma politica conveniente em relação ao resto do Planeta, é mister que se opere systematicamente uma mudança no modo por que elle se concebe a si mesmo; esta mudança reagirá, de resto, afortunadamente sobre a politica interior do Occidente.

Consiste ella essencialmente na substituição definitiva da noção de Christandade pela de Occidentalidade. Não sendo tal substituição mais do que o enunciado systematico de um facto, será susceptivel de ser adoptada por todos os espiritos serios e reflectidos, resistencia se lhe não poderá offerecer sinão da parte d'um fanatismo desde então singularmente excepcional.

Eu applico, segundo Augusto Comte, a denominação de *Occidentalidade* ou *republica occidental* ao grupo das cinco populações adiantadas — franceza no centro, italiana e espanhola ao meio-dia, britanica e germanica ao norte — que se têm conservado sempre solidarias desde Carlos Magno.

A denominação de *occidentalidade* é mais racional do que a de Christandade. Primeiro que tudo, é mais precisa, porque elimina de um tal grupo, não só a Prussia, mas ainda as populações christães do Oriente que não podem ter seriamente a pretenção de fazer parte delle. Tem, d'outro lado a vantagem de po-

der representar o conjuncto de todos os antecedentes que contribuiram para a formação desse memoravel grupo. A palavra christão designa apenas um só desses antecedentes, respeitavel e importante, sem duvida, mas, no fundo, o menos decisivo de todos. A occidentalidade deve sua constituição sobretudo á conquista romana, completada pela politica de Carlos Magno, pela dominação catholica, pela incomparavel influencia da feodalidade e pela evolução revolucionaria destes ultimos cinco seculos. Tem esta denominação a vantagem de aquinhoar assim todos os nossos antepassados, não escurecendo os mais importantes no exclusivo proveito de um dentre elles.

Mas a substituição da Christandade pela Occidentalidade, além da sua maior racionalidade, deve determinar nas cogitações dos homens de Estado, e finalmente das populações, uma mudança capital, pondo-os no ponto de vista verdadeiramente civico, que, occulto desde Cezar e Trajano sob a bandeira do Christianismo, sem duvida transpareceu nos grandes typos dos Henrique IV e dos Richelieu, mas que se não pôde entretanto desprender completamente sinão em Frederico, o mais eminente dos estadistas de que porventura se possa honrar o Occidente, depois de Carlos Magno. Sem que o genio de Frederico aqui seja indispensavel, é a situação por tal forma luminosa que um verdadeiro homem de Estado deve comprehendel-a. Si Frederico pôde governar, pondo-se no ponto de vista puramente civico de um grande dictador, o que era então possivel a um tal homem é agora necessario. O dever de um homem de Estado é, pois, agora governar livre de todas as preoccupações theologicas que d'ora avante devem ser exclusivamente relegadas para o dominio da vida privada. Ademais, é este, na França, o estado estrictamente legal, tal como resulta da propria proclamação da liberdade dos cultos. Si a lei é athéa, segundo a exacta expressão de um legista contemporaneo, pode-se

ainda dizer com mais verdade que em França o Estado não tem religião. Cabe, pois, aos homens de Estado e as populações pôr as suas idéas e os seus sentimentos ao nivel da situação.

Esta substituição da Occidentalidade á Christandade, tão capital relativamente ao estado interior do Occidente, por que designa o unico terreno commum em que todos se podem entender, terá uma equivalente efficacia em relação á politica exterior. Desde então, não mais poderá o escopo do Occidente consistir em impôr ao Oriente uma synthese em completa decomposição na sua propria séde. E' fora de todas as syntheses provisorias que se deverá buscar a concepção susceptivel de tornar a religião universal. Este ponto de vista christão que tão profundamente vicia a apreciação das outras populações do Planeta, não mais virá impedir de concebel-as. Poder-se-ha desde então apreçial-as racionalmente, a coberto de todos os preconceitos retrogrados ou revolucionarios.

Estas vistas geraes são desde já susceptiveis de serem aceitas por todos os espiritos de eleição, por todos aquelles, em uma palavra, que dignamente se preoccupam com as questões sociaes. Que, para dizer a verdade neste particular, as opiniões se acham abaixo das necessidades da situação, n'um gráo talvez unico na historia (1).

Nutro a esperança de ter feito sufficientemente resaltar a superioridade do espirito religioso, comparando a admiravel missão organisada pelos jesuitas com a oppressão, ora hypocrita e ora violenta, instituida por um ignobil mercantilismo.

---

(1) Assim, pode-se assignalar como uma fraqueza verdadeiramente lamentavel, da parte dos espiritos avançados, continuar o emprego da era christã, em vez de adoptar com altivez o uso da era moderna (isto é, datando de 1789), proposta desde ha muito por Augusto Comte.

Ouso esperar emfim que as naturezas verdadeiramente religiosas, sobretudo catholicas, prestarão o seu apoio a uma politica racional e moral que reprova o emprego da força publica, posta ao serviço da cubiça privada, e que vem pedir, em nome da Humanidade, conveniente respeito para com as civilisações que surgiram, fóra do Occidente, no resto do Planeta. Toda a religião séria, seja qual fôr a sua base dogmatica, deve bem alto protestar contra o emprego da violencia como preambulo ou apoio a uma predica qualquer. A nobre missão dos jesuitas na China póde servir de exemplo nesse particular.

Emfim, é-nos possivel esperar que, um dia, uma sã opinião que surja no seio do Occidente, determine, sob o nome de "marinha occidental" a instituição de uma força publica que se empregue, afóra a protecção a um commercio util, em garantir sobretudo as populações atrasadas contra as tentativas de oppressão que produzir, cada vez mais, uma cubiça d'ora avante cada vez menos regrada.

No trabalho que ora publico, não sómente inspirei-me nos principios fundamentaes da philosophia positiva, mas ainda na vista especial, tão profunda quão luminosa, que derramou Augusto Comte sobre o assumpto da civilisação chineza.

"Um concurso especial de influencias, sobretudo sociaes, dispoz a civilisação chineza a desenvolver o fetichismo, além de tudo quanto algures foi possivel. Mais bem systematisado que em nenhum outro caso, elle prevaleceu sobre o Theologismo e preservou o terço da nossa especie do regimen das castas, apezar da hereditariedade das profissões etc. (Augusto Comte — *Synthese Subjectiva*, Tom. I. Introducção).

Foi sob tal inspiração que, no meu curso publico sobre a *"Historia Geral da Humanidade"*, apreciei a

civilisação chineza e o seu mais eminente representante, CONFUCIO.

Ouso esperar que um tal trabalho contribuirá para propagar a convicção de que só a religião demonstrada póde abarcar o conjuncto dos negocios terrestres mediante uma politica simultaneamente racional e moral.

P. Laffitte

10, rua Monsieur le Prince.

Paris, 27 de São Paulo, 73.

18 de Junho de 1861.

PRIMEIRA LIÇÃO

(e decima quarta do Curso)
Sexta-feira, 6 de Homero de 72
(3 de Fevereiro de 1860)

APRECIAÇÃO ABSTRACTA DAS BASES ESSENCIAES DA CIVILISAÇÃO CHINEZA E DOS ELEMENTOS MODIFICADORES DESTA CIVILISAÇÃO.

Importancia do estudo systematico da civilisação chinesa.

Senhores.

Vamos hoje encetar a apreciação geral do conjuncto da civilisação chineza. Attente a importancia de um tal estudo, em si mesmo e quanto á sua applicação social, lhe consagraremos tres sessões.

Ha no fundo do extremo Oriente uma civilisação consideravel, que se desenvolve de um modo constante, no meio da maior actividade, digam o que disserem, e cujos contactos com o Occidente augmentam dia a dia. Esta civilisação, tão mal apreciada a tantos respeitos, é a civilisação chineza. Seu estudo é importantissimo no ponto de vista philosophico, em razão da apparente estranheza que sóe despertar em quasi todos os obser-

vadores que della se têm occupado, até hoje, mesmo com os mais completos documentos e com disposições as mais satisfatorias; d'outro lado, será extremamente util para servir de base a uma politica verdadeiramente racional do Occidente.

Desde a grande missão dos jesuitas que a civilisação chineza deu lugar a numerosos e importantes estudos. Até então as narrativas de Marco Polo se haviam tido por fabulosas.

Aos jesuitas é que devemos finalmente um primeiro conhecimento serio da China; e, de então para cá, os estudos sobre tal assumpto teem continuado com grande ardor, devotamento, e, em geral, com a mais viva sympathia pela civilisação correspondente. Pode-se entretanto dizer que, não obstante rapidos golpes de vista engenhosissimos, mão grado observações especiaes interessantes, falta ainda á civilisação chineza uma apreciação geral e systematica.

Isso, porém, não é de admirar desde que tal apreciação só se podia fazer depois que Augusto Comte descobriu as leis abstractas da evolução intellectual. Antes disso, impossivel era pôr-se alguem n'um ponto de vista verdadeiramente relativo, e collocar-se, por conseguinte, n'uma completa independencia mental, em relação aos estados anteriores do espirito humano.

Todas as intelligencias que tem emprehendido o estudo da China, se achavam dominadas, ou pela Theologia, ou pela metaphysica ou pela sciencia pura. Ora, nenhuma destas tres disposições é conveniente para uma apreciação definitiva e completa da civilisação chineza.

Quanto ao espirito theologico, é isso evidente. Trata-se aqui de uma civilisação cuja base fundamental não é a theologia, de um povo que não teve desenvolvimento theologico proprio e espontaneo, e em quem um tal espirito fôra importado do estrangeiro e n'uma época em que já se achava essencialmente constituida

sua civilisação. Não podiam, portanto, homens como os jesuitas, por exemplo, occupando-se com ardor da civilisação chineza, comprehender sinão os seus detalhes; nunca, porém, o seu conjuncto nem o seu espirito essencial, e, por consequencia, emprestavam aos pensadores chinezes concepções que no fundo lhes eram completamente estranhas.

Com relação ao espirito metaphysico, a coisa é mais incontestavel ainda. Não sendo a metaphysica mais do que uma modificação gradual e dissolvente da theologia, como poderiam intelligencias, dominadas por um tal espirito, julgar sensatamente, no seu conjuncto, uma civilisação ainda mais estranha á metaphysica do que a theologia? E' isto de tal modo impossivel que viu-se um homem, tão distincto como o sr. Abel Rémusat, que de um modo tão notavel e profundo se occupou da China, considerar a philosophia de Lao-Tseu como representante do pensamento primitivo da China, o ponto de partida de sua civilisação. Ora, esta philosophia de Lao-Tseu, inteiramente metaphysica, não é como deixarei patente, mais do que um elemento perturbador, ou pelo menos um simples modificador da civilisação chineza, e, com certeza, uma importação estrangeira.

E' um exemplo frisante do quanto podem as preoccupações do momento em intelligencias, aliás distinctas, e competentissimas como erudição. No tempo em que escrevia o sr. Abel Rémusat, uma metaphysica que brilhou com ephemero clarão, mas que está hoje em completa decadencia, occupava a scena philosophica.

Involuntariamente dominado por uma tal situação, o sr. Abel Rémusat cuidava fazer melhor saborear esta China que tanto havia estudado, fazendo aperceber, no seu mais remoto berço, estas divagações metaphysicas que preoccupavam então os lettrados do Occidente.

Quanto á sciencia, propriamente dita, não era ella mais apta que a theologia e a metaphysica para construir uma theoria real desta civilisação. Tem, entretanto o espirito scientifico pontos de contacto numerosos e reaes com o verdadeiro espirito de tal civilisação, no sentido de que um e outro admittem a actividade espontanea da materia. Não se achava comtudo a sciencia, nem assás desligada da metaphysica nem n'um ponto de vista assás geral, para tentar resolver um tal problema; tanto mais quanto a sciencia occidental, essencialmente abstracta, se não achava por isso mesmo em condições de comprehender o espirito, real mas concreto, da China. Era de mister, pois, a descoberta das leis intellectuaes, que fez Augusto Comte, para que fosse possivel emprehender o estudo systematico deste grande problema. Verdade é que esta theoria constitue uma difficil e caracteristica applicação dos principios da verdadeira philosophia da Historia.

Counsiderações preliminares sobre a differença entre o Fetichismo e o Theologismo.

Antes de encetar este estudo, devo dar algumas explicações preliminares sobre a differença essencial que ha entre o fetichismo e o theologismo, e mostrar que o theologismo não é mais do que uma evolução transitoria entre o Fetichismo primitivo e o definitivo Positivismo.

Na evolução de toda a sociedade, não ha sinão dois estados completamente normaes, susceptiveis de elevação e de consistencia, e que não offerecem a necessaria instabilidade do estado theologico: é, de um lado, o estado fetichico, ponto de partida fundamental da rasão humana e de toda e qualquer sociabilidade; e, de outro lado, o estado positivo, que é o seu termo final.

Depois de ter rapidamente indicado a distincção essencial entre o Fetichismo e o Theologismo, insistirei

sobretudo nesta noção capital: que o theologismo constitue uma simples transição.

Intellectualmente, consiste o Fetichismo em considerar os corpos, não sómente como activos, mas ainda como vivos; em considerar os diversos modos de actividade que elles nos manifestam como devidos ás paixões e as inclinações que os animam; n'uma palavra, em assimilar o mundo ao homem. Não ha mais do que um simples exaggero n'uma tal apreciação, cuja base é incontestavel. Certo é (a sciencia cada vez mais o affirma e o Positivismo poz fóra de duvida) que a materia é realmente activa.

Mas, além da actividade propria á materia em geral, um modo de actividade existe que pertence unicamente a certos corpos e constitue a vitalidade: todos os corpos são activos, mas nem todos os corpos são vivos. O unico erro que comette o Fetichismo, nessa relação, é ter dado a todos os corpos um certo modo de actividade que não convem sinão a alguns. Consiste elle, pois, em conceber todos os corpos, não somente como dotados de uma actividade espontanea, o que é incontestavel, mas tambem como vivos, o que constitue um exaggero necessario em começo.

Pode-se dizer com effeito, que semelhante theoria constitue o ponto de partida inevitavel do espirito humano. Qual é a lei fundamental segundo a qual age a nossa intelligencia? E' assimilar os phenomenos menos conhecidos áquelles que melhor conhecemos; o que importa dizer que a tendencia essencial do nosso espirito é fazer a hypothese mais simples em relação ao conjuncto dos dados obtidos. Esta lei capital de philosophia primeira não é sinão a verificação systematica de um grande facto geral da nossa intelligencia. Ora, o que nós mais e melhor conhecemos, em começo, é o homem. Nós nos sentimos, e sentimos que os nossos actos se produzem em virtude de um conjuncto de paixões particulares, de impulsos distinctos: a colera, a

bondade, o amor etc. Por consequencia, vendo os corpos exteriores agirem com uma intensidade de si bem maior do que os proprios corpos vivos; vendo os movimentos dos rios, as perturbações das tempestades, todos os grandes phenomenos metereologicos que provam possuir a materia uma actividade tão caracteristica e tão poderosa, é inteiramente inevitavel suppôr que os corpos que manifestam tal actividade, queiram-n'a e produzam-n'a em virtude de paixões e pendores analogos aos que determinam os actos do homem. E', pois, o Fetichismo um estado inteiramente inevitavel da intelligencia humana, e resulta necessariamente de uma tendencia fundamental do nosso espirito, e das noções ou informações que em começo possuimos.

O ultimo termo do estado fetichico é a astrolatria propriamente dita. Quando sob a influencia deste fetichismo espontaneo, favorecido por convenientes condições cosmologicas, chega uma sociedade a um estado sedentario, que sufficientes meios fornece a um certo numero de individuos de observar os astros, e entregarem-se a uma actividade directamente especulativa, então acima do Fetichismo popular espontaneo superpõe-se um Fetichismo mais systematico, que consiste em conceder um poder director a estes remotissimos sêres, cuja influencia preponderante uma attenta observação desde logo nos demonstra. Em resumo, o Fetichismo é o ponto de partida necessario do espirito humano; e o ultimo elemento do estado fetichico, o mais systematico, é a Astrolatria.

Que serviços tem prestado ao espirito humano o Fetichismo? Além de que é elle inevitavel, com ser a unica theoria que surge espontaneamente das condições primitivas da nossa natureza e da nossa situação, deve-se-lhe a instituição regular e desenvolvida da observação concreta ou observação dos sêres.

Com effeito, o Fetichismo concebe cada phenomeno como produzido pela propria vontade do sêr que o apresenta; este sêr tambem tem paixões, sentimentos, disposições moraes que perfeitamente o ligam ao observador correspondente. Por conseguinte, é claro que a imagem de cada um destes sêres apparece com uma força, uma nitidez, uma intensidade, que não pode ter entre os observadores para os quaes estes corpos são completamente inertes e nenhuma especie de relação affectiva com elles tem. E' evidentissimo que esta intima relação de odio, de benevolencia, de colera etc., etc., entre o sêr observado e observador, deve necessariamente produzir uma imagem mais nitida, uma mais viva representação.

O Fetichismo institue, pois, a observação concreta, isto é, a observação dos sêres, com um poder que lhe é proprio, e assim fornece as imagens concretas que em seguida servem de base á contemplação abstracta ou observação dos phenomeno. O Fetichismo reune assim os materiaes de todas as nossas especulações quaesquer, e representa este papel capital, tanto no desenvolvimento do individuo como no da especie.

Quanto ao Theologismo, cuja phase caracteristica é o Polytheismo, elle surge da observação abstracta pela necessaria intervenção de um sacerdocio. Devo summariamente desenvolver esta importante proposição.

Quando o espirito humano chega a verificar a existencia de propriedades communs a diversos corpos, e a consideral-as isoladamente, a necessidade de representar taes propriedades, independentemente dos corpos a que ellas pertencem, o leva, em virtude da primitiva disposição que ficou explicada, a assimilar tudo ao homem, a encarregar um sêr particular da producção e direcção de cada um desses phenomenos. — Assim, por exemplo, quando se sabe da noção de uma arvore individual a noção mais abstracta de floresta, institue

se o Deus da floresta, isto é um sêr que preside ao conjuncto dos phenomenos communs ás diversas arvores da floresta.

O Polytheismo, ou a creação de sêres distinctos dos corpos e que produzem em cada um delles os diversos phenomenos que manifestam, surge da observação abstracta, e, uma vez que o artificio logico consistente em imaginar Deuses para representar os phenomenos, em vez de attribuil-os aos sêres, foi instituido, este artificio susceptivel de um immenso desenvolvimento, consolida a abstração e lhe permitte renovar-se até ao infinito.

Mas esta instituição systematica da abstração pela creação dos Deuses, é uma operação intellectual de uma alta difficuldade, que não pode mais emanar espontaneamente da razão vulgar, ella é sempre devida a uma classe especulativa distincta, ou a um sacerdocio; e, uma vez estabelecida concorre para o desenvolvimento do proprio sacerdocio.

Assim, ao Fetichismo succede, por intervenção de um sacerdocio, o Polytheismo ou o theologismo que emanado da abstracção a consolida e estende.

Si considerarmos este segundo estado caracteristico da razão humana, impressionar-nos-ha immediatamente a profunda consistencia mental do Fetichismo comparado como a instabilidade inevitavel do Polytheismo.

O Fetichismo, reduzido a observação dos sêres, comporta verdadeiramente poucas divagações. D'onde podem provir as divagações do espirito humano? Da instituição da abstracção, ou da consideração dos phenomenos independentemente dos corpos que os manifestam. Resulta d'ahi, com effeito, a possibilidade de conceber o phenomeno em uma infinidade de condições além das que teem lugar na realidade. Assim, se se estuda o phenomeno da locomoção em si mesmo, em vez de não apreciar senão seres reaes em movi-

mento, chega-se então a imaginar a locomoção em uma infinidade de casos que jamais a observação concreta fez conhecer; chega-se a conceber a locomoção sobre a agua, no ar, para todos e quaesquer seres; chega-se a conceber a abstracção feita do tempo, isto é com uma rapidez infinita. Em uma palavra, o estudo abstracto dos phenomenos, permitte a concepção de uma infinidade de casos possiveis, emquanto que a observação concreta não faz conhecer senão os casos reaes.

A instituição da abstração devida ao Polytheismo, estabelece pois para a intelligencia uma situação activa, mas instavel, e constantemente exposta a intimas divagações. O Fetichismo pelo contrario, reduzido á observação dos sêres, não tomando em consideração senão os casos reaes, e não os casos possiveis que a abstracção permitte imaginar, offerece um estado mental menos activo sem duvida, mas de uma grande consistencia e de uma perfeita rectidão.

O Fetichismo é naturalmente synthetico, por que não considera nunca os phenomenos isoladamente, mas sempre nas suas dependencias mutuas; mas não é systematico: a systematisação suppõe sempre a abstracção. O estado fetichico não comporta o desenvolvimento caracteristico dos diversos aspectos essenciaes da nossa natureza. Assim, não permitte o desenvolvimento da grande sciencia, isto é da sciencia abstracta que tem por fim descobrir as leis reaes de successão ou semelhança dos diversos phenomenos. Só nos phenomenos considerados isoladamente é que podemos esperar descobrir leis que os regem. O desenvolvimento scientifico real suppõe pois necessariamente o estabelecimento da abstracção. Eis um dos grandes aspectos da nossa natureza, cujo desenvolvimento não pode se produzir durante o estado fetichico. Assim, o Fetichismo é um estado synthetico, susceptivel de duração, de consistencia, mas que não facilita a cultura especial dos

diversos elementos da natureza humana e que não comporta a sua verdadeira systematisação.

Só o Positivismo satisfaz a estas duas condições: é synthetico; mas de outro lado profundamente abstracto, elle é systematico, e coordena as diversas faculdades especiaes da natureza humana, segundo o seu desenvolvimento activo.

Entre o Fetichismo primitivo e o Positivismo definitivo, synthetico e systematico, se intercala pois o theologismo que constitue uma transição necessaria ao desenvolvimento das forças humanas; porque o Positivismo não pode regulal-as senão depois de seu desenvolvimento antecipado. E' mister pois conceber o Theologismo como tendo por fim presidir á evolução especial das diversas forças elementares da natureza humana, mas tambem como necessariamente instavel, pela impossibilidade em que se acha de regulal-as; e por consequencia, o Theologismo não é senão uma transição mais ou menos rapida entre o estado primitivo e o estado final.

Esta proposição capital foi estabelecida por Augusto Comte, para as tres grandes transições grega, romana e feodal. A evolução revolucionaria, começada no Occidente, depois do seculo XIV, não comportando o nome de transição, mas antes de crise, por causa do caracter cada vez mais anarchico que ella manifesta, a medida que se approxima do termo final. Cada uma destas tres transições presidiu mais especialmente á evolução de um dos aspectos da nossa natureza: a intelligencia, a actividade e o sentimento.

Pois bem, julgo ser necessario estender uma tal concepção á propria Theocracia, de modo a conceber todo estado theologico como uma transição mais ou menos estavel.

De um modo geral, pode-se dizer que o Theologismo é mais ou menos revolucionario e não pode ser

senão transitorio porque *institue a abstração sem poder regulal-a.*

Com effeito, o espirito theologico erige as abstracções que elle representa em deuses, cujas vontades são necessariamente mais ou menos arbitrarias. Não conhecendo assim nenhum limite, tal abstracção conduz a infinitas divagações que não são refreadas senão pelas necessidades da vida pratica. O theologismo é pois um estado mental continuamente exposto a imminentes divagações, estado que jamais foi sufficientemente regulado, e que tem sempre perturbado mais ou menos profundamente o conjuncto das instituições no meio das quaes surgiu. — A abstracção não póde ser regulada senão pelo espirito scientifico, que concebe todos os phenomenos, como sujeitos a invariaveis leis de successão e semelhança.

Assim, todo e qualquer estado theologico é necessariamente instavel. — Si considerarmos agora a theocracia propriamente dita, primeira phase do estado theologico, veremos então surgir a verificação especial de nossa proposição.

O que caracterisa a Theocracia, é o regimen das castas, e a coordenação das differentes castas entre si pela preponderancia da casta sacerdotal. E' certo que o regimen dos castas institue perfeitamente as diversas profissões, dá-lhes inabalavel consistencia, consolida a divisão do trabalho e permitte importantes desenvolvimentos á nossa actividade. Mas a coordenação das diversas castas pelo sacerdocio é insufficiente. Pode-se dizer com effeito, em contraposição a prejuizos vulgares, que a theocracia não institue um *governo sufficiente;* é um regimen que não é assás governado. — Em uma verdadeira theocracia, cuja base é necessariamente polytheica, não ha nunca uma condensação unica do sacerdocio, como no regimen judaico ou no Papado. Ha familias sacerdotaes distinctas, correspondentes ás diversas divindades; e isto era indispensavel,

sem o que um tal regimen teria offerecido uma intensidade de oppressão inimaginavel. Mas, não estando grupada em redor de um padre dominador os diversos elementos da casta sacerdotal, segue-se d'ahi que a casta sacerdotal não governa sufficientemente. Ella institue regras para a nutrição, o vestuario etc., etc., consolida a divisão do trabalho, consagra religiosamente a hereditariedade mas não organisa uma religação das diversas castas. Assim, a organisação interior de um tal regimen não é sufficientemente estavel. Dá-se pois o contrario do prejuizo ordinario, que concebe o *excesso de governo* como sendo o seu principal inconveniente.

De outro lado, com relação ás sociedades exteriores, o regimen theocratico propriamente dito não offerece um poder de reacção sufficiente, ou se este tal poder de reacção se desenvolve sufficientemente, pelo advento gradual dos militares, o proprio regimen theocratico se acha compromettido; os militares fazem-n'o pesar sobre os padres, bastante para os subordinar, mas insufficientemente para trazer a preponderancia do caracter francamente militar, como o da civilisação romana. Obtem-se então um regime bastardo, o da Persia, por exemplo, que tomou-se superficialmente pelo verdadeiro typo da theocracia e não é mais do que um regimen theocratico degradado.

Assim, pois, o regimen theocratico em si mesmo, além dos inconvenientes proprios a todo o theologismo resente-se da falta de um governo sufficiente e de um poder de reacção bastante energico contra as perturbações exteriores, de modo a não constituir senão um estado muito instavel e verdadeiramente transitorio.

Tal proposição tem verdadeira importancia historica, porque traz maior clareza á apreciação dos diversos estados sociaes surgidos á superficie do nosso Planeta. Ella tem de mais um alto valor social, por-

que estabelece uma relação mais intima entre as duas unicas religiões que tem sido e podem ser universaes: o Fetichismo e o Positivismo.

O Fetichismo é a unica religião que tem sido espontaneamente universal. E' o estado mental pelo qual teem estréado todas as intelligencias, é o ponto de partida de todos os estados sociaes. Demais, a razão concreta ou pratica permaneceu fetichica, mesmo nas civilisações anteriores ao estado monotheico. Aquelles mesmo que admittem um Deus unico governando todas as cousas, explicam na vida ordinaria os diversos phenomenos pela vontade correspondente, mais ou menos clara, mais ou menos nitida, dos sêres que observam. Esta razão concreta, que permaneceu fetichica, é a razão geral, universal, que domina todas as intelligencias. A razão abstracta que systematisa e coordena não teve até aqui senão uma acção modificadora. Pode-se dizer que as classes populares, em todos os regimens, têem conservado o Fetichismo como base do seu estado mental. — Sendo ainda o Fetichismo em todos os estados sociaes a religião verdadeiramente universal, pois que é a base da razão concreta ou pratica, é pois de uma importancia capital estabelecer o caracter de estabilidade que lhe é proprio, e, pelo contrario, o caracter de instabilidade inherente ao theologismo que institue a abstração sem regulal-a. — Esta proposição essencial nos fará melhor comprehender a relação que deve existir e existirá necessariamente cada vez mais entre o Fetichismo religião espontaneamente universal e o Positivismo religião systematicamente universal. Assim só o Positivismo faz uma justiça caracteristica ao Fetichismo, desenvolve-o, e incorpora-o finalmente. Havia pois utilidade real em collocar todo o conjuncto do theologismo na sua verdadeira posição, como um intermediario transitorio entre os dous estados fundamentaes da razão humana.

Desde o fim do seculo passado que, dominando o theologismo cada vez menos as intelligencias, os proprios espiritos cultivadores tendem a voltar para o fetichismo. Manifesta-se claramente esta tendencia pelo desenvolvimento da poesia fetichica; e as proprias extravagancias pantheisticas são uma forma confusa, mas certa, desta disposição espontanea dos espiritos cultivados para o fetichismo. De sorte que, fazendo-lhe inteira justiça, incorporando-a convenientemente, o Positivismo, ao passo que vem corresponder ás necessidades fundamentaes da razão popular, vem systematisar tambem uma disposição geral das intelligencias cultivadas.

Comprehende-se agora a importancia do estudo da civilisação chineza, civilisação essencialmente fetichica, que, neste sentido, se desenvolveu com uma estabilidade, uma força, uma grandeza verdadeiramente admiraveis. Este estudo tem pois uma alta utilidade historica. Mas tambem tem uma grande importancia politica e moral. As relações do Occidente com a China, como de resto com todas as outras partes do Planeta, tem um caracter de immoralidade anarchica e perturbadora. E' necessario que a Religião que vem estabelecer o regulamento das forças humanas, a preponderancia da Moral sobre a Politica, faça apreciar uma tal civilisação. O Positivismo mostrará assim a sua aptidão exclusiva para a direcção dos negocios terrestres. Eu espero, Srs. que esta convicção resultará para vós do estudo summario que vamos emprehender.

Começarei por uma apreciação geral do conjuncto da civilisação chineza, primeiro em seus elementos essenciaes, depois em seu desenvolvimento concreto.

Apreciarei em seguida o typo mais elevado desta civilisação do ponto de vista intellectual e moral, aquelle em que se resume o seu espirito fundamental, o eminente Confucio, objecto da profunda veneração dos habitantes do grande imperio.

Na terceira parte examinarei o que tem sido historicamente as relações do Occidente com a China, e o que devam ellas ser finalmente.

Base mental da civilisação chineza

O fetichismo, systematisado pela adoração do céo, é a base fundamental da civilisação chineza: tal é a proposição capital que é preciso pôr em toda a evidencia para fazer comprehender o verdadeiro espirito desta grande civilisação. Já estatebecemos que toda e qualquer sociedade estréa necessariamente pelo Fetichismo. Este estado recebeu na China uma verdadeira systematisação, que lhe imprimiu uma consistencia e um desenvolvimento immensos, de modo a tornar-se a base da evolução social desta grande população. Em outros paizes, o Fetichismo deixou incontestaveis e numerosos traços; na China, conservou-se, persistiu e desenvolveu-se.

Si considerarmos, com effeito, os diversos templos, os altares numerosos, erguidos nesse vasto imperio, vêl-o-hemos dedicadas aos rios, ás montanhas, ás constellações, aos principaes planetas, ao Céo, á Terra. O culto dos manes ahi se acha muito desenvolvido; familiar a todo mundo, é organisado por pessôas que não crêem na vida futura. Ora, o que são manes senão fetiches resultantes de nossos despojos mortaes, e que, segundo um tal ponto de vista, conservam um modo de actividade e de vitalidade que lhes é proprio. A morte, no sentido em que a concebem a theologia e a metaphysica, não existe para o Fetichista; ella nada mais é, a seus olhos, do que um modo de vitalidade substituido por outro. Dahi, esse despreso pela morte,

constatado pelos theologos occidentaes, em pessôas que, d'outro lado, desconhecem completamente o que nós chamamos a vida futura, contradicção apparente que a theologia constatou sem poder resolvel-a.

Na China, o Fetichismo foi systematisado pelo *culto do Céo,* e esta systematisação remonta á propria origem da civilisação deste imperio.

O *céo* alli é effectivamente o fetiche preponderante; é o sêr poderoso cuja acção coordena a actividade de todos os outros. Mas esta dominação é preponderante sem ser absoluta, etc. este um caracter essencial a notar. No theologismo, principalmente monotheico, o poder sobrenatural tem um caracter absoluto e uma vontade arbitraria; não acontece o mesmo no Fetichismo; ha nelle uma vontade preponderante, em contacto, em relação com outras vontades espontaneas, tendo a sua lei, um modo de sêr distincto. Aqui, o sêr preponderante, cuja actividade coordena e domina a de todos os outros, é o *Céo.* E' sobre esta grande noção que os philosophos e os legisladores da China se apoiaram para regular a civilisação correspondente. Póde-se fazer uma idéa da marcha seguida pelos legisladores chinezes para chegarem a esta concepção systematica do *Céo.*

O *Céo* é a *séde* commum, evidente e visivel dos corpos celestes. Os corpos celestes tem uma actividade interna ,e incontestavel. E' certo que o conjuncto da vida humana se acha regulada pela marcha do mais poderoso desses corpos, o Sol; a tal ponto que o sol tornou-se o fetiche preponderante em um grande numero de Estados sociaes. Mas, si os corpos celestes teem uma tão grande actividade, é evidente que o *Céo,* sua séde commum, deve ser o maior de todos os sêres. O sr. Rémusat disse a esse respeito: "Não se póde imaginar que os philosophos chinezes, do mesmo modo que a população correspondente adorem este Céo visivel que nós aper-

cebemos" (1). Mas, por que não? Não é mais rasoavel adorem sêres subjectivos que ninguem nunca viu nem verá jamais? Não tem este sêr sobre nós um poder extremo, porque é a séde dos sêres que mais influem sobre a nossa existencia? E', pois, de espantar que se o adore, que se considere a sua actividade como preponderante, quando a mais immediata observação nos prova que é a verdade? E' a disposição que nos creou o estado theologico-metaphysico, apoiado na pretendida inercia da materia, que torna intelligencias, aliás distinctas a tantos outros respeitos, absolutamente inaptas para comprehender o fetichismo, que está, no fundo, muito mais perto da sciencia do que o theologismo, pois que o seu unico erro é não distinguir sufficientemente a vida propriamente dita da actividade.

O segundo grande fetiche da China, subordinado ao primeiro, é a Terra. A este segundo elemento systematico do fetichismo chinez se liga a adoração dos rios, das montanhas, como a do Céo, a da Lua, dos Planetas, das Costellações.

A Terra é um sêr poderoso e activo, dominando a actividade dos sêres que estão na sua superficie. Era, pois, natural que primitivamente se adorasse a este sêr no qual, em começo, não havia feito, nem podido fazer, a separação da actividade e da vida, e no qual era inevitavel suppôr que a actividade lhe fosse devida, como no homem, a um conjuncto de inclinações determinadas.

Encontra-se esta adoração da Terra na origem de todas as civilisações. No que nos resta da theologia grega, vêem-se traços evidentes della: — "Esta Terra, mãe de todos os homens, protectora de todos os sêres, esta mãe commum".

---

(1) Isto é de tal sorte verdadeiro, que os philosophos chineses que designam o Céo propriamente dito pelo nome de *Thian*, designam o Deus christão pela palavra *Thian-tchu, senhor do céo*, de modo a mostrar bem que a concepção christã differe da chinesa, por conhecerem os christãos além do céo um sêr distincto que o rege.

Ficou na linguagem uma multidão de expressões que recordam esta adoração primitiva. Havia uma disposição moral, muito real e muito universal, que é essencialmente fetichica, e que resulta desta consagração da Terra: é o amor do solo natal, este amor que faz amar o proprio lugar e a elle nos vincula profundamente; é claro que é um sentimento fetichico e ao qual é bom obedecer; porque póde ser d'um'alta efficacia moral, e mesmo mental, sob uma conveniente direcção. Estas tendencias especiaes que nos ligam a certas porções da terra, a reliquias, etc., etc., que fazem com que lhes emprestemos inclinações, affeições, em relação com as nossas, são disposições fetichicas e são a prova bem evidente desta profunda tendencia a conceber a Terra, não sómente como activa, o que é evidentissimo, apezar da allucinação metayhysica, mas tambem como viva, animada de sentimento e de vontade em relação moral comnosco. Assim, a adoração da Terra entre os Chinezes se liga a um amor profundo do solo natal. De resto, a concepção fetichica do Céo, á maneira chineza, deixou, ella mesmo, como a adoração da Terra, traços evidentes nas linguas occidentaes.

As provas desta systematisação, na China, do culto fetichico do Céo e da Terra, são de tal sorte numerosas que só sentimos embaraço na escolha dellas para as nossas citações a este respeito. Em Pé-King, por exemplo, entre nove grandes altares ao ar livre, encontramos, seguindo a ordem de preeminencia: altar do Céo, altar da Terra, altar da pedra para obter os fructos da Terra em abundancia, altar do Sol novo, altar da Lua nocturna etc., etc.

Em todas as partes da China, encontramos altares consagrados ao Céo e á Terra; é esta a base do culto do Estado, do culto official. Os outros cultos são tolerados; esse é o culto officialmente instituido. Ha outros altares consagrados aos Planetas, ás Constella-

ções, aos diversos modos de actividade da Terra, aos rios etc., etc. O culto fetichico é pois o culto official, regularmente organisado pelo Estado. — Em certas epocas do anno fixadas pelos ritos, sobretudo na epoca dos solsticios e dos equinocios, o imperador, os mandarins exercem os actos officiaes do culto ao Céo, á Terra etc., etc. nos lugares consagrados a um tal uso. O grande sacrificio ao Céo é feito pelo imperador em pessôa, com uma extrema solemnidade, na epoca do solsticio do inverno. A lavra feita pelo imperador tem por fim produzir o gráo necessario a consumação do grande sacrificio. Lê-se no Li-Ki: "E' para o Tsi (sacrificio ao Céo) que o imperador em pessôa lavra no Kiao do sul; é para offerecer-lhe os grãos que ahi recolhe". Além dos templos especiaes proprios a cada localidade, as capitaes de cada provincia, departamento e cantão, devem ter officialmente os seguintes templos: altar á Terra, altar dedicado aos ventos, ás nuvens, ao trovão, á chuva, ás montanhas e ás ribeiras; um altar dedicado ao primeiro agricultor; um templo dedicado á litteratura; um templo dedicado á serie de imperadores que teem governado a China; um templo á constellação da Ursa-maior; um templo dedicado aos fossos que rodeam e guardam a cidade; um templo ao demonio que produz as molestias; um templo honorifico dedicado aos ministros d'Estado celebres pelos serviços que prestaram ao seu paiz; um templo honorifico dedicado aos sabios das aldeias; um templo honorifico dedicado aos homens que foram modelos de fidelidade, de sincedidade, de rectidão e de piedade filial; um templo honorifico dedicado ás moças que se distinguirão pela sua eminente castidade, ás mulheres casadas que se distinguiram pelas suas virtudes e pelo seu pudor — Eis o culto official. Sem embargos disso, além dos templos consagrados ao culto official, existe na China um grande numero de monasterios e de edificios religiosos pertencentes aos Tao-sse e aos budhistas. — E' pois

evidente que a civilisação chineza tem por base mental o Fetichismo systematisado pela adoração do Céo e da Terra.

Como seja esta proposição importantissima e se faça mister dar-lhe toda a clareza possivel, devo accrescentar a este respeito algumas considerações indirectas.

Eu já fiz notar que o amor ao solo natal, sentimento essencialmente fetichico, existe muito desenvolvido entre os chinezes; mas existe ainda entre elles uma inclinação caracteristica a esse respeito; é o amor profundo da natureza. — Esta disposição, que é contradictoria, e antipathica a todo esperito theologico, principalmente ao monotheismo, existe eminentemente desenvolvida entre os chinezes; e isto está perfeitamente em relação com a prepoderancia fundamental do Fetichismo conservado nesta população. Abundam provas nesse sentido. Eu me limitaria a citar algumas linhas do Sr. d'Harvey-Saint-Denys, que caracterisou isto do modo mais feliz e mais claro: "Entre nós, diz o Sr. d'Hervey-Saint-Denys, amam-se as flores; entre os chinezes é-se apaixonado por ellas. O que nos agrada em um jardim é a variedade do olhar, a riqueza das côres, a belleza ou a variedade das especies; para os chinezes cada planta é objecto de verdadeiro culto, de uma especie de amor mystico, que inspira por si só uma grande parte de suas poesias; nos romances, na historia, e até nos habitos de sua vida privada, acham-se exemplos desse amor ingenuo e apaixonado. Graves magistrados convidam-se mutuamente a virem admirar as suas peonias e os seus mal-me-queres. Falla-se muito mesmo, nos monumentos de litteratura chineza de uma especie de extase que os nossos costumes não permittem comprehender e que consiste em embriagar-se com a vista das plantas procurando surprehender por uma attenção continua os progressos de seu desenvolvimen-

to". E' incontestavel o que diz o Sr. d'Hervey-Saint-Denys. Em um interessante romance de costumes, cuja traducção devemos ao Sr. Abel Rémusat, *Iu-Kiao-li* ou as *Duas primas,* este amor das flores, da natureza, como habito intimo da nossa vida privada se mostra do modo o mais ingenuo. Ahi se vê ao mesmo tempo o caracter feliz e affectuoso que a conservação desse espirito fetichico tende a desenvolver em nós. Ha com effeito nesse apego pelo mundo exterior, as flores etc., etc., uma especie de adoçamento dos costumes chinezes; com certeza. Esta disposição moral renasce no Occidente cada vez mais á medida que o theologismo declina; o espirito theologico havia lhe posto entraves sem destruil-a.

Emfim esta preponderancia do fetichismo systematisado pelo culto do Céo e da Terra, mostra-se ainda nos habitos da vida chineza pela theoria familiar dos dias felizes e desgraçados; theoria fetichica, da qual existem ainda numerosos traços entre nós.

Em resumo, pois, desta longa demonstração, podemos estabelecer proposição capital: "A civilisação chineza tem por base mental o fetichismo systematisado pela adoração do Céo, cuja vontade preponderante e regular governa todas as outras existencias".

CONSEQUENCIAS INTELLECTUAES E MORAES, DA BASE MENTAL DA CIVILISAÇÃO CHINEZA

Trata-se de estudar agora as consequencias intellectuaes e moraes da base fundamental da civilisação chineza.

Resulta necessariamente desta preponderancia do fetichismo um grande desenvolvimento da observação concreta. D'ahi uma extrema sagacidade, uma precisão, e pode-se mesmo dizer, uma verdadeira minuncia na observação dos sêres. Estes caracteres se mostram

em todas as suas producções scientificas; producções que consistem essencialmente em descripções e não em theorias abstractas analogas ás da Europa occidental. De resto, este espirito de observação se mostra nas suas pinturas de plantas e de flores, tão notaveis pelo seu extremo cunho de realidade.

Um segundo caracter, consequencia inevitavel do espirito geral dessa civilisação, é a ausencia de fabulas entre os pensadores chinezes. Em todas as populações theologicas vêem-se legisladores, e até philosophos, recorrerem mais ou menos a intervenções sobrenaturaes, e isto espontaneamente sob a influencia preponderante do meio social que os domina. Nada disso, entre os chinezes; e é este um caracter que tem impressionado os observadores judiciosos que estudaram uma tal civilisação, sem que se tenham remontado á origem desse phenomeno. Nem Confucio, nem Meng-tseu, nem seus successores recorreram a essas influencias sobrenaturaes tão communs entre as populações theologicas. Elles eliminam estas influencias arbitrarias dos deuses e dos genios, observam os sêres, verificam as condições de sua evolução e os explicam pela influencia dos seres visiveis e reaes.

Mas é preciso agora notal-o, este estado mental em que a abstracção não tem sido systematicamente instituida, tem produzido nesta civilisação uma dupla lacuna: nem a sciencia propriamente dita, nem a arte elevada poderam ahi desenvolver-se.

A sciencia é necessariamente abstracta. A sciencia consiste com effeito em descobrir as leis dos diversos phenomenos distinctos, geometricos, physicos, chimicos, biologicos, considerados em si mesmos e independentemente dos corpos que os manifestam; a sciencia real, a unica que comporta a descoberta de leis verdadeiras, suppõe necessariamente a abstracção.

O mesmo com relação á arte. A grande arte é desconhecida da civilisação chineza; porque a arte emi-

nente, elevada, repousa na idealisação. Ora toda idéalisação suppõe a abstracção, segundo a qual eliminam-se certas circumstancias, e pode-se exagerar ou amesquinhar as propriedades consideradas isoladamente dos sêres. A idealisação não póde nunca resultar de observação concreta ou da observação pura dos sêres; observação que não ultrapasse jamais os estreitos limites da realidade. E' pela abstracção, mas abstracção real, que se podem conceber typos verdadeiramente idéaes e todavia possiveis. — Por consequencia, nem as grandes creações da sciencia, nem as grandes creações estheticas poderam emanar desta civilisação. Um tal phenomeno impressionou a muitos observadores, sem que se podessem remontar, por falta de uma theoria geral, á origem deste facto. Assim na China as obras litterarias impressionam muito por um grande caracter de realidade. Encontram-se romances de costumes, peças de theatro recommendaveis por uma pintura singela e verdadeira da vida real. Mas as grandes obras ideáes, a maneira de Homero e de Dante, sempre lhes teem faltado.

O seu desenvolvimento scientifico é inteiramente elementar; o que elles teem de sciencia veio-lhes principalmente dos Indús, dos mulsumanos, dos christãos; salvo esse esboço que resulta sempre de uma primeira evolução espontanea do espirito positivo.

A profunda imperfeição, que resulta da base mental da civilisação chineza, é pois a impossibilidade de um grande desenvolvimento scienticio e esthetico.

A persistencia do fetichismo desenvolveu na China, no ponto de vista moral, o sentimento da fatalidade e da ordem, ao mesmo tempo que uma disposição á submissão, não absoluta mas relativa, com um caracter que a approxima da verdadeira subordinação scientifica.

A observação dos sêres, sobre tudo quando se chega, como com relação aos corpos celestes, a verificar a

sua marcha regular, desenvolve necessariamente os sentimentos de subordinação e da ordem; a abstracção theologica ao contrario, institue a noção do progresso, mas d'um progresso primitivamente anarchico; submette-se á ordem exterior representada pelas vontades regulares dos Fetiches preponderantes; mas essa submissão, base de toda a moral, não tem um caracter absoluto, visto como os sêres correspondentes não teem senão um poder limitado. Isto se comprehenderá ainda melhor, comparando, sob esta relação, o Fetichismo com o theologismo.

Na China, nem chefes, nem subditos experimentaram a influencia a muitos respeitos desmoralisadora, do typo do arbitrario divino.

Qual é, com effeito, o typo divino?

E' o do arbitrario; um sêr omnipotente não póde ter senão caprichos. O verdadeiro devotamento, como a verdadeira sabedoria, suppõe sempre uma certa submissão.

Somos para os deuses o que são as moscas para as creanças; esmagam-n'as quando brincam. (Shakespeare, o *Rei Lear*).

Um sêr omnipotente, pode impôr obrigações, mas taes obrigações não são de sua parte senão simples phantasias, que a sua unica vontade engendra. Um tal typo devera com o andar do tempo exercer uma influencia mais ou menos desmoralisadora sobre os chefes e sobre os subditos. Sobre os chefes levando-os a imitar este typo de arbitrario. Consistindo o supremo poder em não conhecer limites ás suas vontades, não será pois a suprema felicidade do homem nenhum limite conhecer ás suas phantasias? Não teem os observadores attentos constatado o egoismo profundo que desenvolve a omnipotencia nos chefes consagrados pelo espirito theocratico?

Mas esta influencia manifesta-se tambem nos subditos, agindo do mesmo modo, impellindo-os a se appro-

xirarem como typo de felicidade, não de uma submissão activa e regulada, mas de uma situação que permitte a mais completa evolução de nossas phantasias. De outro lado, o theologismo tende a desenvolver nos subditos a subordinação, como um caracter mais ou menos accentuado de baixeza, porque ella é absoluta, e consiste em submetter-se a todos os caprichos, pelo unico facto de que elles emanam de um superior. O que, de outro lado, dá um caracter profundamente anarchico á independencia, que se apresenta então como uma revolta. Foi a sabedoria dos diversos cleros theologicos que reparou tanto quanto possivel estes inconvenientes inherentes ás suas doutrinas.

A China evitou os inconvenientes moraes de um semelhante typo, precisamente porque os sêres que constituem a base de seu culto são não deuses, mas fetiches, isto é sêres reáes, tendo um poder, mais ou menos grande, mas não absoluto, poder aliás regulado, como o vemos na marcha habitual dos corpos celestes. Pode-se constatar os effeitos felizes desta persistencia do fetichismo. Entre os chinezes, a submissão realmente positiva, não impelle nem á bajulação, nem ao desregramento theologicos. E' talvez uma das influencias mais importantes e menos percebidas do dominio do fetichismo nesta civilisação.

O maior numero dos observadores tem considerado os chinezes como um povo submettido a um dominio arbitrario; assimilando, sob esse aspecto, o seu regimen ao governo islamico em decrepitude. E' isto um erro grave. Uma profunda submissão se combina entre elles com um sentimento muito real de independencia. Os philosophos chinezes tem sempre estabelecido que os imperadores governavam em virtude de um mandato do Céo, mandato que podia ser retirado; o que se constata pela persistencia prolongada de um máo governo; e a historia inteira da China, a successão

de suas numerosas dymnastias, prova sufficientemente que esta theoria não constitue uma mera formalidade.

O rei de Thsi informando-se junto de Meng-tseu de acontecimentos que se haviam passado em epochas já então remotas, fallava-lhe do ultimo principe da primeira dymnastia, desthronado por Tching-thang, e do ultimo principe da segunda dymnastia, condemnado a morte de Wou-wang, fundador da terceira.

"Estes factos são reaes? perguntou elle a Mencio.

"A historia os attesta, responde este.

"Um subdito assassinar a seu soberano! será possivel? replicou o principe.

"O rebelde, retorquio Meng-tseu é aquelle que ultraja a Humanidade. O salteador é aquelle que se revolta contra a justiça. O rebelde, o salteador não é mais do que um simples particular. Ouvi dizer que o castigo tinha, na pessôa de Cheou, recahido sobre um particular. Não vejo que, castigando-o, se tenha feito perecer um principe". (Abel de Rémusat, *Noticia sobre Meng-tseu, Novas miscelaneas asiaticas,* t. II).

O espirito revolucionario do Occidente confunde frequentemente muito a submissão voluntaria, emanada de uma real veneração, com uma submissão absoluta. O typo da dignidade humana não consiste, como pensam estes doutores, em não se submetter senão á força.

Os chinezes se approximam, pode-se dizel-o, espontaneamente do typo normal da verdadeira sabedoria; porque sentem e comprehendem que toda a sabedoria, activa, especulativa ou moral, tem por base a submissão, como condição preliminar, não de inercia mas de uma actividade convenientemente regulada. Comparar sob este aspecto os resultados da evolução scientifica, que não tem por fim senão a realidade, a ella se subordinando, como pueril metaphysica que quer construil-a *á priori.* Taes são os effeitos moraes

inapercebidos que a persistencia fetichica tem produzido nesta grande população.

CARACTER GERAL DA FAMILIA NA CHINA

Depois de ter apreciado a influencia, sobre a intelligencia e o sentimento, da base mental da civilisação chineza, devemos estender a sua acção sobre a Familia, e finalmente sobre a Sociedade, conservando-nos sempre, bem entendido, no ponto de vista o mais geral.

A Familia, elemento, essencial de toda Sociedade, se estabelece e se consolida durante a idade Fetichica. Mas trata-se aqui de ver que acção a systematisação e a persistencia do Fetichismo na China tem tido sobre a constituição da Familia, que caracter especial lhes tem ella imprimido.

Deve-se ao Fetichismo a instituição do tumulo, privilegio admiravel da natureza humana, segundo a bella observação de Vico, e a instituição do culto dos manes, do culto dos antepassados. Este culto dos antepassados, tão profundamente desenvolvido entre os lettrados que não crêem absolutamente na vida futura, foi para os jesuitas objecto de espanto, uma especie de phenomeno paradoxal, cuja chave não lhes era possivel encontrar. E'-nos preciso parar alguns instantes sobre esta importante noção, tão pouco comprehendida por causa da persistencia inapercebida do espirito theologico-metaphysico, mesmo nos melhores espiritos.

O Fetichismo institue espontaneamente os manes; noção capital que persistiu sob o dominio do theologismo, sobretudo polytheico e que a sabedoria social da civilisação romana soube dignamente conservar.

Para o Fetichista todos os corpos são, não sómente espontaneamente activos, mais ainda dotados de vontade, de paixões, de sentimentos; desde então a morte não é para elle, como para o theologista, a passagem

para um estado inerte; é a passagem de um a outro modo de vitalidade. O cadaver d'aquelles que nós amamos não é, como para o theologista um objecto de horror ou quando menos de repulsão; é um sêr vivo, mas vivo de um outro modo, tendo ainda inclinações, sentimentos, interessando-se ainda pelos negocios terrestres. Concebe-se desde então que o respeito pelos restos do corpo humano resulta inevitavelmente do estado fetichico. Este cadaver é ainda aquelle que amastes e venerastes, que tem, não perdido a vida segundo a concepção theologica, mas tomado uma outra fórma de vitalidade; deveis ainda ter para com elle os mesmos sentimentos de affeição que lhe testemunhastes durante a primeira fórma de sua existencia. Si a Terra é concebida pelo Fetichista, apezar de sua apparente immobilidade, como susceptivel de ser amada e adorada, como, com maioria de razão, não aconteceria o mesmo com este corpo que vistes agindo como vós, vivo da mesma vida?

Assim pois a instituição do tumulo, o estabelecimento do culto dos manes resultam necessariamente do estado fetichico da razão humana.

Vistes tambem, senhores, como decorre desta theoria primitiva a descrença na vida futura. Para o fetichista não ha outro mundo, além deste. Sómente sobre esta terra somos susceptiveis de dous modos de existencia: com ou sem locomoção. Nos dous casos, existe affeição, sentimento, nos dous casos nos interessamos pelos negocios reaes. No segundo caso, temos o modo de existencia vital proprio aos corpos inorganicos que nos cercam; sómente devemos ter então uma affeição mais especial por aquelles que já amámos. O culto dos manes está pois em correlação natural com a descrença na vida futura. O que parecia paradoxal aos espiritos theologicos é, pelo contrario uma cousa perfeitamente natural.

De resto, pode-se constatar no Occidente que, á medida que a crença na vida futura diminue, o culto do tumulo augmenta; quanto mais um paiz é donimado pelo espirito theologico, mais o culto do tumulo é negligenciado, mais a repulsa que inspira o despojo mortal é consideravel. Paris offerece neste caso um exemplo incontestavel. Esta capital da emancipação não é tambem a cidade em que o culto do tumulo se acha mais desenvolvido?

Assim, o culto dos manes tornou-se um elemento capital, essencial da familia chineza. O culto dos antepassados é o seu grande caracter. Em cada caso, quando está completa, se encontra um lugar consagrado ao registro dos antepessados. Toda casa chineza verdadeiramente normal tem o seu templo domestico, uma sala consagrada em que se vai periodicamente fazer offerendas aos antepessados, informal-os de todos os actos importantes que realisam no seio da familia, os obitos, os casamentos etc., etc. Em seguida, como consequencia desta grande e admiravel instituição, o respeito á idade, a obediencia e a veneração filiaes, receberam na China um desenvolvimento immenso. Este culto dos antepassados, este respeito aos manes, profundamente encaixado nos costumes, se caracterisa pela preoccupação extraordinaria do ataúde. Um homem se occupa da construcção de seu tumulo como de uma das cousas mais essenciaes á sua existencia; é inteiramente decisivo. Como consequencia desta concepção dos manes, pode-se considerar o horror do chinez pela mutilação propriamente dita, cortar a cabeça é um modo de execução temido, porque mutila. Os seus romances de costumes dão-nos traços curiosos disto.

Assim pois o culto dos antepassados, o respeito á idade, a obediencia e a veneração filiaes, taes são os caracteres geraes que a base mental da civilisação chineza desenvolveu na familia, de maneira a merecer da

parte dos Occidentaes antes uma respeitosa admiração do que um despreso estupido.

CARACTER GERAL DA SOCIEDADE CHINEZA

Vamos examinar agora qual foi a influencia do espirito fetichico sob o ponto de vista social.

O caracter geral da sociedade chineza é a ausencia, não só do regimen das castas, como tambem do espirito deste regimen. Não sómente são na China, castas propriamente ditas analogas ás da India, como não ha ali aristocracia hereditaria. A familia imperial não constitue uma verdadeira casta real; posto que esta unica excepção, justificada por importantes considerações sociaes fundamentalmente em nada alterasse a generalidade da nossa proposição.

Para os imperadores a funcção é hereditaria, mas não de uma maneira absoluta. O imperador escolhe em sua familia o membro mais digno de succeder-lhe e não é ás mais das vezes o mais velho que elle escolhe; o que é contradictorio com o espirito de casta. De sorte que a hereditariedade necessaria de funcção suprema fica reduzida á sua mais simples expressão, e esta hereditariedade de nenhuma sorte resulta do espirito de casta. O imperador é concebido como governando em virtude de um mandato do Céo, o que o torna responsavel, não sómente pelas perturbações sociaes, mas até pelas perturbações cosmologicas; e a persistencia continua de um estado de desordem é concebido como o signal decisivo da necessidade de transmittir a uma outra familia a funcção suprema. Pode-se dizer que nunca população foi mais estranha ao regimen e ao espirito de casta do que a população chineza. E certo que o Fetichismo não é proprio para constituir o regimen das castas. O Fetichismo adorando sêres reaes não pode fornecer esta consagração absoluta que emana naturalmente de sêres sobrenaturaes. O theologismo, pelo con-

trario, institue espontaneamente as castas, sanccionando de um modo absoluto a hereditariedade natural das funcções. Durante a epocha polytheica, o regimen das castas nasce de que os individuos das classes superiores podem ser considerados como descendentes dos proprios deuses. Homero fornece-nos um quadro singelo de uma tal situação mental. O monotheismo dá a esta consagração um caracter mais absoluto ainda e a concentra cada vez mais, segundo o seu espirito mais systematico. D'ahi surge o typo dos chefes responsaveis, quando nada diante de Deus, agindo porque essa é a sua vontade ou o seu belprazer. Caracter que o monotheismo tentara a dar no Occidente á dictadura real, tendencia felizmente combatida, de um lado pelo espirito militar, e de outro pela evolução gradual de um regimen industrial e scientifico, o regimen das castas attinge a sua completa organisação onde o sacerdocio theologico attinge e conserva uma plena supremacia social, o que mostra claramente a aptidão natural do espirito theologico para constituil-o.

Dá-se assim conta da razão por que a grande civilisação chineza permaneceu estranha aos regimens das castas. A esse respeito, se estabelece desse modo uma relação entre a China e o Occidente, na situação em que este tende a collocar-se.

O Occidente tende a desligar-se cada vez mais do regimen das castas, sob a dupla impulsão preponderante do espirito scientifico e da actividade industrial; e mesmo, é preciso dizel-o, como o espirito revolucionario tem sido até aqui o unico orgam systematico de uma tal tendencia geral, resulta d'ahi que ella tomou em suas mãos um caracter muito absoluto, e por consequencia anarchico. A casta consiste em uma *consagração absoluta* da tendencia natural das funcções sociaes, privadas ou publicas, á hereditariedade.

Recebendo esta tendencia uma consagração absoluta e não relativa, resulta d'ahi que, theoricamente

e como faz mister, o merecimento não possa ser aquinhoado. Mas, posto que a civilisação occidental elimina cada vez mais esta consagração absoluta, ou este espirito de casta, nem por isso se deve chegar a menosprezar a disposição real e capital que lhe serve de base. Só o espirito positivo pode substituir uma consagração relativa a uma consagração absoluta, tomando em legitima consideração uma tendencia natural. Como quer que seja, a evolução occidental para a eliminação gradual do espirito de casta, nos approxima espontaneamente da civilisação chineza, onde elle não surgiu.

Resulta de um semelhante espirito entre os chinezes, um grande sentimento de independencia, e por consequencia de actividade pessoal e de iniciativa. D'ahi, n'esta população, uma actividade industrial intensa, inaudita; a tal ponto que Augusto Comte pôde considerál-a como a raça activa por excellencia. — Assim, em um tal povo, a propriedade privada perfeitamente respeitada, constitue uma das bases desta civilisação. A concepção theorica segundo a qual a terra pertence á autoridade suprema não póde ahi ter curso. Os seus philosophos sentiram profundamente que a propriedade privada é uma base capital da moralisação. — "E' por que um principio esclarecido, constituindo como convem a propriedade privada do povo, obtem como resultado necessario, em primeiro lugar que os filhos tenham com que servir seu pai e sua mãe, em segundo lugar que os pais tenham com que sustentar suas mulheres e seus filhos... Em taes extremidades, o povo só pensa em evitar a morte, como pois, temendo que lhe falte o necessario, teria tempo de occupar-se com doutrinas moraes que lhe ensinassem a conduzir-se segundo os principios da egualdade e da liberdade? (Meng-Tseu).

Sem duvida existiu ali, como em todo organismo social, inevitaveis perturbações; mas pode-se todavia dizer que a propriedade individual, a liberdade de trans-

missão ahi são respeitadas; e é esta uma consequencia inevitavel da ausencia do regimen de castas e da independencia natural de espiritos acostumados a não se submetter a poderes absolutamente indiscutiveis, ao menos em principio.

Vejamos agora qual é o typo governamental desta sociedade. O governo, condição absolutamente necessaria de toda sociedade e que por toda parte surgiu com effeito inevitavelmente, recebe um caracter especial da theoria que o consagra; posto que até aqui nenhuma theoria qualquer tenha podido, por insufficiencia inevitavel, representar todos os elementos que entram na constituição dos poderes directores que teem surgido nas diversas sociedades humanas.

Na China, o typo governamental é tomado por emprestimo á familia. Não sómente a familia é a base essencial desta sociedade, como de todas as outras, como tambem o governo é constituido pelo typo da familia. Não se pensa que seja isto cousa propria de toda a civilisação. Só ás populações fetichistas é dado tomar como no estado patriarchal, por typo do governo, uma generalisação do typo da Familia. O que é com effeito o imperador, segundo os pensadores chinezes? E' o pai e a mãe de todos os seus subditos. O seu caracter essencial, é o caracter paternal. O typo governamental das sociedades theologicas não é tirado por emprestimo da familia, mas sim á Divindade. O typo chinez tem como experiencia moral incontestavel sobre o typo theologico. Segundo a concepção theologica, tem o governo uma autoridade a muitos respeitos indiscutivel; esta autoridade é concebida em sua essencia como mais ou menos arbitraria e caprichosa. A Divindade bem pode sujeital-a a condições particulares de exercicio, taes codições porém apparecem sempre no fundo como caprichos. Na realidade, este caracter absoluto se acha necessariamente limi-

tado pelo meio sociologico correspondente; posto que os reis de França indicassem a sua alta recreação como origem extrema de suas decisões, não é menos certo que na realidade havia limites que elles não teriam impunemente ultrapassado, que não teriam mesmo sonhado infringir. Todavia, concebido com um caracter absoluto, o poder é impellido a divagações, a actos arbitrarios nos quaes jamais pensa aquelle que é tido por pai de uma grande familia social, para com a qual deve mostrar as mesmas disposições que o pai para com os filhos. — Esta noção influiu profundamente e de um modo feliz, na evolução da civilisação chineza. Encontramos com effeito, em um grande numero de seus imperadores, typos tocantes, admiraveis de devotamento como de firmeza paternaes.

Resulta desta concepção uma disposição geral felicissima, a disposição do governo, qualquer que seja a sua origem, fosse mesmo militar, a do impulso ao desenvolvimento industrial, tendencia inteiramente conforme de resto com o espirito desta civilisação, mas que aqui a acção governamental consolida em vez de contrariar. E' uma consequencia do caracter paternal de semelhante governo; d'ahi tambem a tendencia do governo chinez para estender as disposições pacificas e industriaes de sua população.

Em resumo, resulta desta difficil apreciação abstracta, que a civilisação chineza tem por base mental o Fetichismo systematisado pelo culto do Céo, de onde resulta como elemento essencial da sociedade, a familia constituida pelo espirito filial, pelo poder paterno e pelo culto dos antepassados; donde emfim a tendencia fundamental para um regimen puramente pacifico de uma população sem casta, que concebe o poder governamental segundo o typo da autoridade paterna.

DOS ELEMENTOS MODIFICADORES DA CIVILISAÇÃO CHINEZA

(Philosophia de Lao-Tseu — Buddhismo — Catholicismo)

Depois de haver apreciado o espirito geral da civilisação chineza e deduzido as suas consequencias mais essenciaes, devemos estudar de modo summario os seus elementos modificadores.

A sociedade chineza desenvolveu-se com effeito, em contacto com outras civilisações mais ou menos militares, mais ou menos theologicas. Era impossivel que d'ahi não resultassem influencias modificadoras. Os chinezes nunca tiveram esta pretendida disposição odiosa para com os estrangeiros, que se lhes attribue commumente. Conservam-se em guarda contra os Occidentaes, e tem razão, e não se pode senão approvar esta tendencia. Não podem ver nelles até agora senão verdadeiros barbaros que só teem em mira accumular ouro e lucros por todos os meios possiveis. Mas os chinezes acharam-se em contacto com populações que valiam mais para elles do que os occidentaes; desse contactos resultaram os dous elementos modificadores mais importantes desta civilisação: a philosophia de Lao-Tseu e o Buddhismo. Todavia os occidentaes introduziram, secundariamente pelo catholicismo e essencialmente pela grande missão dos jesuitas, um terceiro elemento modificador, a todos os respeitos o mais importante dos tres.

Em regra geral, esta influencia de elementos modificadores, emanados de meios theologicos, tem sido mais perniciosa do que util; tem resultado della, é certo, alguma utilidade secundaria pela introducção de noções scientificas devidas ao Buddhismo e ao Catholicismo, mas estas noções, que muito pouco modificaram o espirito fundamental da civilisação chineza, teem

sido d'outro lado acompanhadas de taes estragos intellectuaes e moraes devidos a devassidão do espirito theologico, que teria sido realmente util que a China não fosse infestada desta peste, para me servir da energica expressão de um philosopho chinez sobre o assumpto. Como quer que seja, trata-se aqui de constatar historicamente a existencia destes tres elementos modificadores e de apreciar summariamente a sua influencia.

PRIMEIRO ELEMENTO MODIFICADOR DA CIVILISAÇÃO CHINEZA: — PHILOSOPHIA DE LAO-TSEU; TAO-SSE OU SECTARIOS DA RAZÃO

O primeiro elemento modificador da civilisação chineza é a philosophia de Lao-Tseu, cujos sectarios, espalhados pela China, tomaram o nome de Tao-esse ou sectarios da razão.

Lao-Tseu nasceu no anno de 604 antes de Jesus-Christo (54 annos antes de Confucio) no reino de Tsou (provincias actuaes de Hou-pe e de Hou-nan) junto ao rio Azul. Foi entre o rio Azul e o rio Amarello, e ao norte do rio Amarello que se formou o grande nucleo da civilisação chineza.

Vejamos primeiro em que consiste a philosophia de Lao-Tseu.

Consiste em um systema metaphisico tendo por fim deduzir tudo de um principio supremo, *a Razão,* e tudo explicar por meio de propriedades abstractas, de modo a apresentar finalmente, como toda metaphysica, simples combinações verbaes por verdadeiras explicações scientificas. Taes noções não tem mais valor real do que as dos neo-platonicos por exemplo; não é pois senão sob o ponto de vista historico que fallo dellas, mostrando sómente o seu espirito geral.

"Antes do cahos que precedeu o nascimento do Céo e da Terra, um unico sêr existia, immenso e silencioso, diz Láo-Tseu immaterial e agindo sempre, sem

nunca se alterar. Pode-se consideral-o como a mãe do universo. Ignoro o seu nome, mas designo pela palavra *"Razão"*. "A razão é a essencia intima de todas as cousas; ella não tem começo nem fim. O universo tem um fim, mas esta Razão não o tem. Invariavel antes do nascimento do universo, ella era sem nome e sempre existente. Razão é o unico nome que lhe póde dar o santo; elle chama-a tambem *Espirito,* por que não ha lugar onde elle esteja e lugar onde não esteja; *Verdade,* porque nada tem de falso em si; *Principio,* em opposição ao que é produzido ou secundario. Este ser é verdadeiramente *unico.* Sustenta o Céo e a Terra e não tem por si mesmo nenhuma qualidade sensivel. Dizem-n'o puro quanto á sua substancia; Razão, quanto á ordem que estabeleceu; Natureza com relação a força que deu ao homem e que existe no homem; Espirito quanto ao seu modo de acção sem termo e sem fim etc., etc." (Abel Rémusat, Miscelanias posthumas de historia e litteratura orientaes) (1). Estamos ahi pois em presença de um verdadeiro estado metaphysico, isto é de uma explicação geral por meio de abstracções indeterminadas e arbitrarias. A metaphysica propriamente dita consiste sempre em partir do typo theologico, tornando-o gradualmente cada vez mais abstracto, de modo a não conservar por base de toda a explicação, senão uma noção geral de força, una e indeterminada. Estado verdadeiramente doentio da razão humana, e que constitue o abuso da abstracção, quando esta abstracção se desprende assim de toda base scientifica. E um estado mental que não tem mais utilidade social do que utilidade intellectual.

Um primeiro caracter desta philosophia de Lao-Tseu é o desprezo pelo passado, pelos antecedentes;

(1) Vêr para mais detalhes sobre esta escola metaphysica: Abel Rémusat, *Miscellaneas posthumas;* G. Pauthier, *China Moderna;* Stanislau Julien, traducção do *Tâo-te-King.*

caracter profundamente contrario ao proprio espirito da civilisação chineza. Ao inverso de Confucio, nunca elle cita os antigos.

O segundo caracter desta philosophia é ser uma philosophia metaphisica e abstracta, contraria ao espirito concreto da civilisação chineza.

De onde vem Lao-Tseu? Evidentemente tem uma origem extrangeira; é provavel que a sua philosophia seja uma importação indú, embora faltem-nos documentos directos para demonstrar rigorosamente uma tal filiação. O sr. Abel de Rémusat sustentou primitivamente a opinião de que a philosophia de Lao-Tseu era de origem extrangeira. Abandonou-a e sustentou finalmente que uma tal philosophia era a base primitiva, o ponto de partida da civilisação chineza. Esta concepção, profundamente irracional, desconhecia as leis elementares do trabalho intellectual. E' inteiramente impossivel que a intelligencia estreie por taes abstracções metaphysicas. Mas uma analyse directa accentua ainda mais a irracionalidade desta opinião. A philosophia de Lao-Tseu é no fundo tão pouco chineza que desconhece precisamente os dois grandes caracteres desta civilisação; respeito pelo passado, pelos antecedentes, preponderancia do espirito concreto. De outro lado, esta doutrina estava tão pouco em relação com a situação correspondente, que os seus sectarios não tardaram em degenerar completamente, de modo a tornarem-se simples politiqueiros, magicos, vendendo o elixir da immortalidade. Esta approximação decisiva não teria certamente escapado a um espirito tão judicioso, tão sagaz como o do sr. Abel de Rémusat, se lhe não tivesse soffrido uma especie de fascinação metaphysica. No momento em que escrevia este eminente sinologo, uma metaphysica hoje desacreditada, derramava um clarão ephemero. O sr. Abel

de Rémusat deixou-se involuntariamente arrastar até representar como base da civilisação chineza uma doutrina inteiramente analoga a que sustentavam então em França os *doutores em questões insoluveis,* com grandes applausos dos lettrados occidentaes. No fundo Lao-Tseu, sob o impulso do contacto indú, fez uma tentativa, honrosa em si mesma, de introduzir a abstracção e theorias abstractas na China. Esta tentativa deveu mallograr-se, porque tendo um caracter puramente metaphysico, sem um desenvolvimento scientifico correspondente por ponto de apoio, estas abstracções rapidamente degeneraram em arbitrarias divagações, analogas ás que vemos no vergonhoso espectaculo mental que nos offerecem os alexandrinos. Os discipulos de Lao-Tseu proseguindo n'estas divagações abstractas em um meio que lhes era contrario, não tardaram em degenerar numa seita de magicos, de politiqueiros que, em nome de uma theologia que não tem maior valor social do que valor mental, se adapta aos lados infimos de nossa natureza. De sorte que os sectarios da razão, os Tao-sse, são numerosos, muitas vezes consultados e todavia despresados. Espectaculo que nos offerece muitas vezes tambem o Occidente, em que vemos indignos charlatães seduzirem momentaneamente a opinião publica, explorando o temor da morte. Os Tao-sse acham-se muito espalhados pela China, um pouco menos que os Buddhistas, mas ainda assim possuindo muitos monasterios.

De resto, faz-se mister notar que esta doutrina foi protegida pelo rovolucionario Thsin-chi-hoang-ti, sobre o qual voltaremos na proxima sessão. Esta approximação resultava necessariamente do despreso dos sectarios de Lao-Tseu pelo passado, pelos antecedentes.

Tal é o primeiro elemento modificador da civilisação chineza, que introduziu elementos theologicos subalternos nesta população profundamente fetichica.

SEGUNDO ELEMENTO MODIFICADOR DA CIVILISAÇÃO CHINEZA: BUDDHISMO.

O segundo elemento modificador da civilisação chineza é o Buddhismo, elle vale talvez mais do que a doutrina dos sectarios de Lao-Tseu, mas no fundo exerceu todavia uma acção essencialmente perturbadora.

O Buddhismo foi introduzido na China sob a dymnastia dos Han, 65 anos depois de Jesus-Christo; está extremamente espalhado pela China. Foi protegido por um grande numero de imperadores. Tem uma certa acção sobre quasi todos os chinezes, mas acção puramente modificadora e no fundo secundaria. O Buddhismo é em geral despresado pela classe dos lettrados, que representa as verdadeiras tendencias da civilisação chineza. Os monasterios buddhistas são numerosissimos. Os Buddhistas organisaram um culto inteiramente analogo ao culto catholico. A analogia da doutrina produziu a analogia do effeito, pois que certamente não houve communicação reciproca. Elles teem uma vida monastica perfeitamente organisada: litanias, reliquias, etc., etc.

O Buddhismo trouxe a China grandes inconvenientes, introduzindo alli o espirito theologico com todas as divagações que lhe são proprias; divagações tanto mais intensas quanto o Buddhismo propriamente dito não offerece a coordenação interior hierarchica do catholicismo; coordenação que remediou tantos inconvenientes proprios á doutrina.

Todavia este elemento de perturbação não produziu tão graves desvios como se poderia crer *á priori;* o Fetichismo tinha sido tão profundamente coordenado na sociedade chineza, este Fetichismo tinha tão profundamente ligado a população ao culto dos antepassados, do Céo, da Terra, no momento da apparição do Buddhismo, que este não poude modificar esta lar-

ga base da civilisação correspondente; desse modo um mandarim qualquer, posto que buddhista, effectuará comtudo os ritos do culto official; de nenhuma sorte de dispensar do culto da familia. Assim o illustre imperador Khan-hi, tão justamente louvado pelos jesuitas, era Buddhista, o que o não dispensava das cerimonias do culto official. O Buddhismo foi mui justamente apreciado por lettrados ou imperadores collocados no verdadeiro ponto de vista da civilisação chineza. Assim o imperador Wo-tsou, da dymnastia dos Tang, morto no anno 846 da nossa era, escrevia, a proposito da necessidade de restringir o desenvolvimento, as seguintes linhas. (padre Grosier, t. V, p. 51):

"Sob as nossas tres famosas dymnastias, nunca se ouviu falar de Fo (Buddha); foi depois da dymnastia dos Han e dos Weï que esta seita que introduziu as estatuas começou a espalhar-se pela China. Nas duas côrtes, em todas as cidades, nas montanhas, não se viu então, senão bonzos dos dous sexos, obreiros occupados despropositalmente a fazer-lhe estatuas.

Nossos antepassados tinham para si que se houvesse homem que não amasse e mulher que não fiasse seda, alguem se resentiria no Estado.

Que será pois hoje que um numero infinito de bonzos, homens e mulheres, vivem e se vestem a custa do suor alheio, occupando uma infinidade de obreiros em construir por toda parte e, ornar por preços fabulosos soberbos edificios."

Não se pode dizer melhor. Havia alli preambulo de um decreto tendo por fim supprimir um grande numero de bonzarias ou conventos buddhistas.

Entretanto o Buddhismo introduziu na China alguns conhecimentos astronomicos e mathematicos; o que não fizeram os sectarios de Lao-Tseu. Esta pequena vantagem é mais que compensada pelo immenso inconveniente de um espirito theologico arbitrario, diva-

gador, impellindo a uma vida monastica completamente occiosa.

TERCEIRO ELEMENTO MODIFICADOR DA CIVILISAÇÃO CHINEZA: CATHOLICISMO.

Quanto ao Catholicismo, ultimo elemento modificador da civilisação chineza, elle não teve na China senão uma influencia muito secundaria. Todavia introduziu alli, na época da grande missão dos jesuitas, algumas noções, scientificas, que lhe foram uteis. Mas, eu o repito, não foi senão minima essa influencia, e inteiramente secundaria, e é sómente como lembrança que eu cito esta terceira influencia modificadora.

Eis terminada a apreciação abstracta da civilisação chineza; apreciação verdadeiramente difficil que servirá de base ao nosso estudo concreto. Consagremos a proxima sessão á theoria do desenvolvimento concreto desta sociedade, desde a sua origem até aos nossos dias.

SEGUNDA LIÇÃO

(DECIMA QUINTA DO CURSO)

Sexta-feira, 13 de Homero de 72. — 10 de Fevereiro de 1860

THEORIA GERAL DO DESENVOLVIMENTO DA CIVILISAÇÃO CHINEZA

Senhores,

THEORIA SUMMARIA DAS DUAS FORÇAS QUE DIRIGIRAM O DESENVOLVIMENTO DA CIVILISAÇÃO CHINEZA: IMPERADOR, CLASSE DOS LETTRADOS.

Na sessão passada occupamo-nos da apreciação abstracta da civilisação chineza, isto é estabelecemos quaes eram os seus caracteres fundamentaes, communs a todas as classes e a todas as idades desta longa evolução.

Vimos que a base mental desta civilisação era o Fetichismo systematisado pelo culto do céo; e estabelecemos em seguida quaes eram os elementos modificadores desta civilisação; elementos resultantes da reacção das sociedades circumvisinhas sobre a China.

Desta base fundamental deduzimos em seguida os caracteres geraes da Familia e da Sociedade.

Constatamos como a Familia, fundada sobre o respeito filial e o culto dos antepassados, era a base desta Sociedade, como de outras quaesquer de resto, mas n'este ponto disse que o proprio governo era concebido segundo o typo da Familia e não segundo o typo divino; distincção capital a que se prendem os principaes caracteres do governo correspondente. Vimos a ausencia completa do regimen das castas em uma tal sociedade, e que, no fundo, não tem siquer a casta real, apezar da hereditariedade necessaria á funcção suprema; — d'ahi uma admiravel combinação de independencia e de submissão, sendo a obediencia filial e commando paternal, em vez da obediencia abstracta e do commando arbitrario que a concepção theologica tende a fazer surgir. — Eis o resumo summarissimo da apreciação abstracta que realisamos na sessão precedente; é preciso agora emprehender a theoria da evolução concreta desta civilisação. — Por que esta sociedade, cujas bases essenciaes determinamos abstractamente, desenvolveu-se effectivamente, e no meio de um crto numero de circumstancias particulares. São as phases principaes desta evolução concreta que vamos estudar, e deduziremos della como remate final uma concepção systematica da situação actual da China.

Mas antes de emprehender propriamente a theoria desta evolução, devo analysar summariamente duas forças elementares distinctas, cuja acção e combinação mutuas presidiram ao desenvolvimento social, ao qual devo fazer-vos assistir hoje.

Estas duas forças elementares são: 1.º uma familia imperial representada por um individuo unico que é o seu chefe; 2.º uma classe particular, que designarei pelo nome de classe dos lettrados, que não attinge a sua verdadeira constituição senão depois de Confucio, mas cujos fundamentos existiam já muito antes.

Taes são as duas forças que presidiram ao desenvolvimento gradual desta civilisação e que se desenvolveram com ella.

Estudemos em primeiro lugar a primeira força elementar da civilisação chineza, e que constitue o seu meio de unidade, a saber um individuo unico, o imperador, em quem se concentra a direcção geral da sociedade. O imperador pertence sempre a uma familia particular; de modo que a hereditariedade serve de base a esta funcção suprema do organismo social, por uma excepção bastante fundamentada para que não seja facil aperceber desde logo a sua razão de ser. Mas esta hereditariedade não tem o caracter absoluto da hereditariedade theocratica. O imperador escolhe o seu successor, não sómente entre os filhos da imperatriz propriamente dita, mas ainda entre os filhos das concubinas legitimas, que lhe permitte a lei chineza; de sorte que a successão suprema possa tocar, em uma familia habitualmente numerosa, verdadeiramente ao mais digno. — A hereditariedade theocratica pelo contrario tem um caracter absoluto; o primogenito succede então necessariamene ao pai; aqui, pelo contrario, a hereditariedade tem um caracter de ordem publica, de modo a combinar, tanto quanto possivel em uma tal situação as vantagens naturaes de hereditariedade com as da escolha. A existencia desta primeira força elementar em todo o curso da historia da China é incontestavel, e nós vemos desde a época das mais antigas tradições até aos nossos dias, um individuo unico pertencente a uma familia particular, governando a China e escolhendo successor entre os seus filhos.

Entre os impulsos fundamentaes que dominam todo o imperador da China, é preciso considerar dous elementos distinctos, e correspondentes a duas ordens de funcções: o elemento ou impulsão militar e o elemento pacifico, industrial, administrativo, paternal em uma palavra. Estas duas especies de impulsos intimos

se encontram sempre em todo imperador chinez, qualquer que seja a sua origem e a sua situação. Occupemo-nos primeiro do elemento militar; a existencia deste elemento é inevitavel; toda a especie de civilisação que se desenvolve em contacto com outras civilisações, tem necessidade de poder defender-se; de um outro lado, a necessidade de reprimir as lutas, as perturbações interiores, em uma palavra, de manter a ordem, desenvolve tambem este elemento militar. E' claro que para este destino, mais do que para qualquer outro, a concentração do poder deve fazer-se e faz-se effectivamente nas mãos do imperador. Tambem o imperador da China tem sempre tido um gráo mais ou menos desenvolvido um caracter militar. Este elemento é, como se vê, essencial á constituição do poder monocratico que sempre dirigiu a China.

A este caracter militar, caracter surgido pela situação, se alia sempre uma disposição pacifica, industrial, administrativa que emana da propria natureza da civilisação correspondente. Já expliquei como o typo do governo chinez era tomado por emprestimo á familia e não ao typo do arbitrio divino. Segue-se d'ahi que o imperador tem sido sempre concebido, segundo a expressão chineza, como o pai e a mãe de seu povo, como representando, com effeito, todas as aspirações e todos os deveres dos chefes de familia, a firmeza de um e a ternura de outro, o que é, como dissemos em resumo a consequencia necessaria da persistencia da civilisação fetichica.

Estes dois elementos da constituição intima do poder monocratico tem desempenhado um papel mais ou menos grande. Ora o elemento militar tem predominado; ora, pelo contrario, o elemento pacifico, industrial, administrativo. Todavia a tendencia geral da civilisação chineza consiste no fundo em fazer prevalecer cada vez mais o caracter industrial e pacifico.

Mas d'onde veio a familia primitiva que fornece o ponto de partida desta successão apta de familias imperiaes? — E' evidente que a coordenação das familias em uma sociedade emana sempre de um individuo, ou para melhor dizer de uma familia preponderante. As situações estabelecem os problemas sociaes, mas a sua solução pertence sempre a um orgam individual, digam o que disserem vagos pensadores humanitarios. Assim, foi pois um individuo unico que primitivamente reuniu as cem familias, das quaes pretende descender a população chineza (1), e que reuniu-as estabelecendo em primeiro gráo de systematisação astrolatrica ao seu fetichismo espontaneo. O individuo que instituio o primeiro grupo desta civilisação, que reuniu as *cem familias*, devera ter sido o fundador necessario da primeira familia imperial, collocando naturalmente a sua familia á frente desta civilisação; e forneceu assim o primeiro typo a este respeito.

Qual tem sido o papel do poder imperial, cuja origem e composição intima acabo de explicar?

Em primeiro lugar o poder imperial tem sido um elemento indispensavel de unidade, de estabilidade e de ordem. Foi por esta concentração e esta transmissão hereditaria que a união, a ordem, puderam ser mantidas, que a sociedade poude ser verdadeiramente fundada, pelo concurso de todas as aspirações para um centro unico que os representa e os religa. Em segundo lugar, tendo o poder imperial um caracter militar tornou-se ao mesmo tempo meio de extensão e de defesa para a sociedade correspondente. Foi nesse poder que recahiu naturalmente a funcção de repellir

(1) — "A população nativa da China é designada pelos proprios chinezes sob o nome de Pe-sing (as cem familias) verosimilmente segundo uma tradição que fixava o numero daquelles que haviam formado o primeiro nucleo da nação". (Abel de Rémusat, *Miscelaneas asiaticas*).

os ataques externos e de congregar por uma mistura de força e de acção civilisadora, as populações circumvisinhas, de modo a dar á civilisação chineza ao mesmo tempo toda a sua extensão e toda a sua estabilidade.

E' preciso accrescentar emfim, que o poder imperial tem sido tambem um elemento de progresso interior. O progresso preparado pelo trabalho dos predecessores recebeu sempre a sua sahcção e a sua consolidação definitiva da parte dos imperadores eminentes da China, que com effeito proclamam os progressos e os encorporam definitivamente.

Assim pois o poder imperial tem sido na China o elemento necessario de unidade, de consolidação, de extenção, e até de progresso da civilisação correspondente.

Estudemos actualmente a segunda força elementar que presidiu aos destinos desta civilisação, a classe dos lettrados.

A natureza da civilisação chineza repellia o regimen das castas, como já ficou estabelecido e é ponto essencial. Mas esta civilisação faria necessariamente surgir uma classe esclarecida, administrativa, lettrada, cultivado, em quem devia recahir a direcção das funcções sociaes sob a supremacia imperial. A accumulação dos capitaes torna inevitavel, permittindo uma cultura intellectual directa, o advento de uma classe distincta. Não tendo esta classe se constituido em casta, pela ausencia na China do espirito theologico, converteu-se em uma classe esclarecida, tendo necessariamente influencia, e em quem recahiu naturalmente a administração da China.

Esta classe surgida desde a estréa desta civilisação, desenvolveu-se em uma população cada vez mais industriosa; mas esta classe não tornou-se a classe dos

lettrados, nem ficou systematicamente constituida senão sob o impulso de Confucio e de sua escola (1).

Até elle, vemos emanar muitos ministros, administradores, generaes, etc., etc., não de castas destinctas, mas da parte mais cultivada da população, mas sem regras fixas, e sem uma doutrina coordenada que sirva de bandeira e de ponto de ligamento. Foi em Confucio que esta classe achou o seu doutor, o seu organisador. Assim, eu consagrarei uma parte da proxima sessão á apreciação systematica da grande escola, da qual este eminente philosopho é o fundador. Qual foi o papel da classe dos lettrados no conjuncto da civilisação chineza?

Esta classe foi o orgam regular do progresso, porque podia entregar-se a uma actividade industrial, scientifica, social, que o regimen das castas não tendia a comprimir e a restringirem limites invariaveis; persistindo no meio do desapparecimento sucessivo das dymnastias chinezas, ella era ao mesmo tempo o orgam da verdadeira continuidade social. De outro lado esta classe agiu como meio de reacção com relação ao poder imperial, para limitar espontaneamente este poder, diminuir nelle o elemento militar e impellir ao desenvolvimento do elemento pacifico e industrial. A classe dos lettrados desenvolveu no imperador o caracter paternal, construiu-lhe o typo e impelliu, durante mais de um novo costume, a realisação desse typo. Foi sob o seu impulso que gradualmente se realisou um admiravel systema de administração geral. Emfim é esta classe o orgam regular da opinião publica contra os desvarios inevitaveis da funcção suprema, e fornece assim uma força modificadora do elemento director.

(1) Tambem vê-se no Tchéou-li, ou ritos de Tchéu, o quadro completo da organização administrativa da China entre o decimo segundo e o oitavo seculo antes de nossa éra. E este documento, além do que nos ensina mais directa mas mais brevemente o Chou-king, dá a prova decisiva da existencia da classe directora com os caracteres geraes que indico.

Taes são pois, imperador e classe dos lettrados, as duas forças geraes que presidiram á evolução da civilisação chineza.

Temos assim, pois, terminado a apreciação abstracta das bases desta civilisação, determinamos em seguida as suas forças directoras, possuimos dest'arte o fio que vai guiar-nos na theoria deste grande phenomeno sociologico, tão mal apreciado ainda no seu conjuncto, não obstante numerosos e interessantes trabalhos de detalhe.

DECOMPOSIÇÃO DO CONJUNCTO DA EVOLUÇÃO CHINEZA EM SUAS PHASES ESSENCIAES.

E' preciso antes de tudo eliminar um erro muito vulgarisado sobre a pretensa immobilidade da civilisação chineza. Segundo uma maneira de ver que a ignorancia occidental tornou muito persistente, a população chineza devera ter attingido desde a mais remota antiguidade um certo estado, que jámais depois ultrapassára. Esta concepção constitue um verdadeiro mysterio, em que se interdiz até o recurso de uma revelação. Porque se admitte, sem revelação alguma, o advento espontaneo de uma civilisação extensissima; o que é evidentemente absurdo; não se saberia com effeito explicar porque mysterio dois mil annos antes de Jesus Christo um estado social tão desenvolvido tem apparecido assim repentinamente e logo depois ficasse perfeitamente immovel. Erudictos, distinctissimos aliás, preoccupados em dar a esta civilisação uma data tão remota quanto possivel, apoiaram esta concepção. Tomaram ao pé da lettra o sonho da edade de ouro dos lettrados chinezes. Os lettrados, necessariamente collocados em um ponto de vista absoluto, deveram naturalmente transportar para o passado o typo ideal de sua civilisação; de tal sorte que para elles todo novo progresso foi uma volta a uma especie de edade de ouro

primitiva; processo do espirito absoluto para sanccionar as innovações necessarias sem interromper entretanto de continuidade; processo logico que encontramos por toda parte, e que só o espirito scientifico póde substituir em virtude de seu caracter relativo. Este sonho de uma edade de ouro collocada no começo da civilisação chineza, tomada muito ao serio pelos honrados eruditos, deu consistencia aos absurdos preconceitos da ignorancia occidental. Mas esta opinião é inteinamente irracional; a civilisação chineza estréou como todas as outras pelo estado o mais grosseiro. As tradições primitivas pintam-nos as suas primeiras tribus tendo apenas cabanas, vivendo de hervas, de bolotas etc., etc., emfim o estado em que encontramos em sua origem todas as populações. A civilisação chineza partiu pois, como todas as outras, de um estado inteiramente inferior e chegou por um longo desenvolvimento gradual a uma imensa extensão, tanto social como territorial.

Mas ha todavia no conjuncto desta civilisação um grande caracter que pôde dar uma certa apparencia á absurda opinião que acabamos de refutar; é que a evolução da civilisação chineza, sempre continua, consistiu simplesmente em desenvolver os germens de sua organisação primitiva; mas este grande caracter que farei sobresahir, é um admiravel titulo ao respeito de todo verdadeiro philosopho, bem longe de ser um signal de inferioridade, como o suppõe a anarchia occidental.

E' um bello phenomeno, que só o estado normal poderá realizar para todas as sociedades, este desenvolvimento prolongado da civilisação, mas sempre todavia com o mesmo caracter; em vez das mudanças mais ou menos, bruscas, e mais ou menos heterogeneas, que nos apresenta a successão das phases da civilisação occidental. Vemos, com effeito, no Occidente, a partir do estado theocratico, uma successão de estados sociaes

heterogenos, posto que ligados entre si, que constituem as evoluções grega, romana, catholico-feudal, nenhuma das quaes sabe fazer conveniente justiça á precedente, e habitualmente até não sabe senão maldizêl-a. A evolução revolucionaria, começada no seculo XIV, aggravou a muitos respeitos um tal estado mental. Vimos succeder-se uma serie de mudanças bruscas, tendo na realidade entre si uma verdadeira ligação, mas inapercebida. Os lettrados occidentaes systematisatisaram um tal estado, tomaram o typo da molestia pelo typo de saude, e subordinaram a esta estranha concepção a apreciação de todas as outras civilisações. Com effeito, a China não nos apresenta nada de semelhante a esta evolução occidetal. E' sempre a mesma civilisação, civilisação astrolatrica, tomando um incremento continuo, mas conservando sempre o mesmo caracter, civilisação em que os contemporaneos bemdizem os seus antepassados, em vez de fazerem consistir a sua estupida grandeza em amaldiçoal-os e desconhecel-os. E' um espectaculo consolador o que nos offerece a China, pode-se ver nelle um desenvolvimento verdadeiramente organico, em que o progresso incessante não desconhece a continuidade, caracter supremo de toda a sociabilidade.

Si na China vemos uma successão continua e em evolução, isto não quer dizer que alli não haja revoluções, si por revolução entende-se sómente uma mudança de dymnastia, e não uma mudança no proprio caracter da civilisação correspondente. A China nos apresenta com effeito em sua longa historia numerosas commoções interiores; mas a que eram ellas devidas? Resultavam de necessidade de mudar, de tempos em tempos, a familia imperial, o elemento director, a força central da sociedade. E' claro que a situação preponderante do poder imperial, apezar dos limites expontaneos que a opinião e a corporação dos lettrados lhe apposeram, tende a perturbar ao cabo de certo tempo a in-

telligencia e a moralidade das naturesas muito pouco eminentes que chegam algumas vezes á suprema funcção. Tambem as perturbações interiores vêm dessas mudanças dynasticas tornadas necessarias. Ora estas mudanças são graves. Trata-se com effeito de substituir o orgam fundamental, aquelle que mantem a unidade, o ligamento das populações, e que se acha por consequencia ligado a todos os habitos na população correspondente. Tambem estas mudanças são acompanhadas de suas commoções, mas estas commoções não alteram o caracter fundamental da civilisação. E' um orgam que se elimina, depois que exerceu a sua funcção no organismo social, segundo um trabalho analogo a aquelle que se realisa normalmente no organismo individual, com acompanhamento todavia de uma perturbação pathologica transitoria; mas estas revoluções não desconhecem a continuidade social. Tem-se chegado no Occidente, segundo uma concepção tão absurda quanto immoral, a santificar este estado de molestia, em vez de deploral-o, a considerar como um estado verdadeiramente normal um desenvolvimento sem regra e sem limites. Tambem, estas tristes disposições pathologicas explicam porque o desenvolvimento organico e normal de uma grande civilisação foi tomado como um signal de inferioridade por intelligencias embrutecidas pelo espirito anarchico que domina muito, mesmo áquelles que se creem os mais conservadores.

Si considerarmos o conjuncto da civilisação chineza, vemos que elle se estende, de modo sufficientemente authentico desde o anno 2500 antes de Christo aos nossos dias. E' mister não ligar grande importancia a este numero 2500. As cifras, entretanto, teem sempre uma verdadeira utilidade logica, sobretudo em sociologia, quando se referem a épocas primitivas, para limitar divagações muito naturaes. Mas a sua importancia scientifica com relação ás épocas primordiaes

não é tão grande, como com relação ás épocas mais approximadas, visto a extrema lentidão da evolução social em seus começos. E' pois durante um periodo de mais de 6000 annos que se desenvolve de um modo continuo esta grande civilisação.

A historia da evolução chineza se divide em dous grandes periodos distinctos. O primeiro se extende desde o anno 2500 antes de Jesus Christo até o anno 200 antes de Jesus Christo, isto é até Thsin-chi-hoang-ti. E' o periodo da fundação. Elle se acha separado do segundo periodo pelo reinado caracteristico de Thsin-chi-hoang-ti, que foi um homem de Estado de uma vigorosa energia, de uma individualidade fortemente accentuada, e que constituiu o imperio chinez propriamente dito.

O segundo periodo se estende desde o anno 200 antes de Jesus Christo até aos nossos dias. E' o periodo do desenvolvimento. O imperio chinez finalmente constituido nos apresenta então uma evolução continua, cujo estudo systematico nos conduzirá emfim á apreciação da situação actual do grande imperio.

APRECIAÇÃO GERAL DA PRIMEIRA PHASE DA CIVILISAÇÃO CHINEZA. DO ANNO 2500 ANTES DE JESUS CHRISTO ATÉ O ANNO 200 ANTES DE JESUS CHRISTO.

Esta phase geral da civilisação chineza é a phase da installação. Desde sua origem até Confucio esta civilisação se estabeleceu com todos os caracteres que vimos constituil-a: fetichismo systematisado pelo culto astrolatrico, ausencia de castas, mas existencia de uma classe educada administrando e governando sob a direcção de um chefe unico, emfim familia solidamente estabelecida sobre o culto dos antepassados e o respeito filial. Confucio pelo anno 550 antes de Jesus Christo construiu a philosophia que systematisa uma tal civilisação, e estabelece assim as bases da organi-

sação regular da classe dos lettrados; esta phase termina pela energica acção militar de Thsin-chi-hoang-ti que constituiu emfim o imperio chinez. A partir desde momento a civilisação chineza definitivamente fundada se desonvolverá por uma acção gradual e continua.

Os philosophos e historiadores chinezes dominados por um louvavel sentimento de continuidade, queriam introduzir na historia de sua sociedade uma unidade que a natureza das cousas não permitte. Imaginaram na mais alta antiguidade toda a sua civilisação ulterior. São os tres sonhos da edade de ouro; mas o que ha de verdadeiro é que os germens desta civilisação remontam effectivamente á mais alta antiguidade; mas são apenas germens que só uma longa civilisação pôde desenvolver.

As tradições collocam o berço da civilisação chineza sobre as margens do Hoang-ho ou rio Amarello, para o lado norte do curso deste rio, isto é para as provincias da Chen-si e de Chan-si. Foi nesse ponto que a formou o grupo que havia de tornar-se por uma extensão gradual o imperio chinez.

A civilisação chineza desce em seguida este grande rio, se extende sobre as duas margens, irradia-se para o norte e para o sul, e acaba emfim por attingir a sua immensa extensão actual. As tradicções, conforme se regem ás proprias leis de toda formação social, nos apresentam o primeiro grupo como restrictissimo, pois concebem-no como formado de cem familias, dos quaes toda a população chineza pretende descender, de mais este nucleo nos é representado como estando primitivamente em um estado completamente selvagem. Mas uma vez reformado, ligado por um culto astrolatrico, pela adoração systematica do céo surgido da iniciativa de uma familia preponderante, este nucleo, digo, radia-se então sobre as populações circumvisinhas de dois modos differentes, por uma acção con-

quistadora, e pela acção natural de uma civilisação mais adeantada sobre populações não constituidas, e que não offerecem, por consequencia, elementos de resistencia á uma influencia civilisadora. Vemos então esta sociedade adquirir uma constituição mais fixa, estender bastante a sua acção; mas, não sendo o seu caracter preponderante primitivo o caracter militar, as conquistas não são senão momentaneas, e em vez de formarem um imperio unico, formam em redor da população iniciadora, um grande numero de grupos ou reinos distinctos, submettidos a uma mesma civilisação, mas não apresentando uma real subordinação politica. Os historiadores chinezes que quizeram introduzir na evolução de sua civilisação uma completa unidade, apresentam uma tal situação como uma especie de decomposição de um imperio unico. Assim até Confucio vemos produzir-se o seguinte phenomeno geral: desenvolvimento da civilisação astrolatrica com os caracteres geraes que lhe assignalei, formação de um grande numero de pequenos Estados dominados por uma tal civilisação.

E' preciso ver agora qual foi em tal situação o papel especial de Confucio, sobre o qual voltarei depois mais profundamente, mas que é preciso apreciar summariamente, para bem indicar os passos essenciaes desta longa evolução.

O papel de Confucio foi construir para a classe esclarecida, administrativa, cujo desenvolvimento se havia produzido conformemente ao espirito da civilisação chineza, uma doutrina philosophica que fosse a expressão systematica da propria natureza dessa civilisação.

Este papel é immenso, e homem jámais talvez exerceu uma acção maior, mais profunda, e mais regular no desenvolvimento de uma sociedade. A doutrina de Confucio, como veremos mais tarde, estabelecia o typo ideal da civilisação correspondente. Esta doutrina sys-

tematica, construindo o typo que devia realisar, forneceu a concepção em torno da qual poderam e deveram grupar-se os theoricos, os administradores, todos aquelles, em uma palavra, que fariam parte da classe esclarecida. Esta doutrina deu a uma tal classe uma verdadeira constituição, uma real unidade; fundou finalmente a classe dos lettrados: é a partir de Confucio que esta classe se constitue. Desde esse momento tambem a civilisação chineza se desenvolve com uma intensidade e uma regularidade extremas, porque ella adquiriu emfim uma primeira coordenação do seu segundo elemento director. A primeira força fundamental, elemento de ordem, de unidade, de consolidação, isto é o poder imperial, devera ter-se estabelecido desde o começo, mas o elemento modificador, posto que surgido desde a origem da propria naturesa desta sociedade, não chega a coordenar-se senão a partir de Confucio. Isto concebe-se. A concentração estava na propria naturesa do primeiro elemento que deveu, desde o começo, ser mais ou menos systematico, mas o segundo elemento, elemento modificador, dispersivo por sua naturesa, não pôde chegar senão mais tarde a conquistar a doutrina que lhe deu uma coordenação e permittiu-lhe assim exercer sua acção mais completa e mais caracteristica.

De Confucio a Thsin-chi-hoang-ti (de 550 antes de Jesus Christo até 221 antes de Jesus Christo) o que vemos nós?

A situação politica da China, situação dispersiva permanece a mesma, mas a civilisação propriamente dita caminha gradualmente. A classe dos lettrados adquire, de dia a dia em cada uma das pequenas dymnastias uma importancia crescente. Vemos com effeito irem os lettrados de reino em reino propiciar os seus conselhos, o seu conhecimento dos negocios. Tal philosopho da seite de Confucio, nascido em um reino, torna-se mandarim, ministro em outro. Assim se estabelecem

por intermedio da classe dos lettrados relações cada vez mais regulares entre reinos politicamente distinctos, de modo a preparar o advento da unidade politica realisada por Thsin-chi-hoang-ti. A semilhança dos costumes, dos habitos, se desenvolve cada vez mais sob a influencia da classe dos lettrados, ao mesmo tempo que esta classe impelle activamente ao desenvolvimento industrial e pacifico dessas diversas populações. Chegamos assim a Thsin-chi-hoang-ti (221 antes de Jesus Christo até 209). Vamos ver qual foi o papel deste grande homem, a importancia capital do seu impulso, apezar dos graves desvios de que foi acompanhado.

Thsin-chi-hoang-ti pertencia á dymnastia dos Thsin, cuja séde era ao norte da China, nas provincias actuaes de Chen-si e era chefe de uma das oito dymnastias que compunham então o povo chinez. Chegou a conquistar todos os reinos, reuniu todos os outros estados sob um só dominio e fundou verdadeiramente o imperio chinez. Achando-se o reino de Thsin-chi-hoang-ti em contacto com os Tartaros, a actividade militar devera ahi desenvolver-se melhor do que nos reinos collocados nas proximidades embocadura do rio Amarello em que a actividade pacifica devia ter mais preponderancia; não é para admirar depois disto que a conquista tivesse vindo dessa dymnastia. Thsin-chi-hoang-ti conseguiu unir sob um mesmo dominio politico reinos ligados entre si, aliás pela mais extrema analogia de civilisação. Uma vez verdadeiramente constituido o imperio chinez, Thsin-chi-hoang-ti estendeu o seu dominio além do rioYang-tseu-kiang ou rio Azul, até Tonquin, nesta região que constitue actualmente a China meridional, Aggregou assim ao imperio populações que não eram realmente chinezas, isto é nas quaes não se achava desenvolvida a civilisação, cujos traços fundamentaes tinha descripto. Mas estas populações, depois de haverem sido conquistadas pelas armas de Thsin-chi-hoang-ti foram em seguida gradual-

mente conquistadas pela civilisação chineza. Estas duas partes da China poderam apresentar-nos sempre lutas, mas a volta á unidade politica acabou sempre por fazer-se. Por consequencia a conquista de Thsin-chi-hoang-ti foi no fundo decisiva para a consolidação e extensão do imperio chinez. Thsin-chi-hoang-ti repelle e contém os Tartaros. Houve sempre lutas entre a civilisação chineza que se desenvolvia constantemente, que se estendia sem cessar e os nomades que a circumscreviam pelo norte e pelo oéste. Thsin-chi-hoang-ti triumphou delles e chegou a contel-os sufficientemente. Deve-se-lhe a construcção da famosa muralha, destinada a defender a China contra os Tartaros. Mas esta immensa construcção foi antes um monumento do orgulho do que um meio de defeza. A China foi, apezar da famosa muralha, conquistada duas vezes, pelos Mongoes e pelos Mandchús. Mas a sua conquista reduziu-se, como justamente observaram, a conferir-se-lhes o direito de montar guarda no interior do vasto imperio. Thsin-chi-hoang-ti desenvolveu fortemente no governo chinez o elemento militar; d'ahi a extrema opposição dos lettrados. Todavia esta acção militar foi util para constituir realmente o imperio chinez, mas a classe dos lettrados tinha uma fortissima consistencia e estava bastante enraisada nos alicerces desta civilisação para que o movimento operado por Thsin-chi-hoang-ti podesse ser outra cousa mais do que uma dictatura militar passageiramente necessaria á fundação sufficientemente estavel deste grande imperio. Esta obra capital, realisou-a Thsin-chi-hoang-ti, força é dizel-o, com uma extrema violencia. Tem-se querido justificar muitas vezes taes violencias por uma pretensa necessidade; são exaggeros de espirito absoluto. Estas violencias provem sempre de uma verdadeira inferioridade moral, em naturezas eminentes aliás a muitos outros aspectos. Os lettrados dominados pelo sentimento da continuidade, preoccupados com o caracter

administrativo e paternal que queriam fazer prevalecer no governo chinez, desconheceram completamente o que tinha de util, de necessaria a politica de Thsin-chi-hoang-ti para fundar realmente o imperio chinez e dar-lhe uma base sufficiente de estabilidade contra os ataques exteriores. Não souberam desligar-se sufficientemente do typo antigo e fizeram a Thsin-chi-hoang-ti e a seu ministro Li-sse viva e continua opposição. Esta opposição conduziu Thsin-chi-hoang -ti a uma medida de uma violencia e de uma brutalidade extremas. Ordenou a destruição de todos os livros e prohibiu a quem quer que fosse, sob pena de morte, o conservar um exemplar siquer, principalmente dos livros antigos e venerados pela população. Esta ordem de um barbaria inaudita foi executada com uma crueldade extrema; posto que, por sua propria naturesa, ella não podesse ter um completo bom exito, provocou todavia da parte dos lettrados admiraveis devotamentos. Elles mostraram uma nobre coragem em defender estes livros em que se condensava toda a sabedoria dos seculos anteriores. Eis qual foi principalmente a medida extrema, injustificavel de Thsin-chi-hoang-ti que suffocou assim com uma violencia imperdoavel uma opposição bem natural, e que ella podéra facilmente vencer, no que ella houvesse de desarrazoada, sem recorrer a tão selvagens expedientes. Mas convem notar que Thsin-chi-hoang-ti tão profundamente inimigo da classe dos lettrados ou dos sectarios de Confucio, foi pelo contrario partidario esclarecido dos sectarios da Razão, dos Tao-sse. Isto se concebe, os Tao-sse, como todos os metaphysicos, mais ou menos, tinham o despreso do passado; deviam tornar-se sympathicos a um revolucionario como Thsin-chi-hoang-ti. Os sectarios de Confucio ao contrario, verdadeiros representantes da civilisação chineza, tinham pela antiguidade o mais profundo respeito. — De resto é preciso notar que a protecção concedida pelos imperadores chinezes aos

Tao-sse ou aos buddhistas é em geral um signal de retrogradação. Isto se concebe, visto o caracter inferior destas doutrinas que impellem, mais ou menos, a indefinitas divagações mentaes.

Tal é a analyse summaria desta primeira phase da civilisação chineza.

Esta civilisação está constituida quanto ás suas bases essenciaes, e o imperio chinez ficou emfim estabelecido. Elle poderá experimentar commoções, lutas, despedaçamentos; mas os seus diversos elementos se approximarão sempre pelos seus habitos anteriores, e pela acção da classe dos lettrados cada vez mais systematicamente organisada. — Assistiremos agora, na segunda phase ao desenvolvimento continuo desta civilisação d'oravante solidamente assentada.

APRECIAÇÃO GERAL DA SEGUNDA PHASE DA CIVILISAÇÃO CHINEZA: DO ANNO 200 ANTES DE JESUS CHRISTO ATÉ OS NOSSOS DIAS.

Desde 200 annos antes de Jesus Christo até aos nossos dias, a historia da China nos apresenta um grande numero de dymnastias, algumas das quaes reinaram simultaneamente, durante periodos de anarchias.

Mas como se trata aqui, não de uma historia detalhada e concreta da China, mas de uma rapida exposição systematica sobre a marcha geral desta civilisação, consideremos durante este periodo sómente seis grandes dymnastias (os Han, os Thang, os Soung, os Youens ou Mongoes, os Ming, e os Thaï-Thsing ou dymnastia dos Mandchús). Estas dymnastias estão separadas por periodos de anarchia ou mesmo de decomposição politica; mas é importante notar que estes periodos de anarchia vão diminuindo de duração e de intensidade á medida que a civilisação correspondente

se consolida e estende. — Eis os limites chronologicos destas seis dymnastias fundamentaes.

Os Han desde 202 antes de Jesus Christo até 263 depois de Jesus Christo; os Thang, desde 618 depois de Jesus Christo até 905 depois de Jesus Christo; os Soung, desde 960 depois de Jesus Christo até 1119 depois de Jesus Christo; os Youens ou Mongoes, desde 1295 depois de Jesus Christo até 1341 depois de Jesus Christo; os Ming desde 1368 depois de Jesus Christo até 1573 depois de Jesus Christo; os Mandchús ou dymnastia Thaï-Thsing (muito puro) desde 1618 depois de Jesus Christo até aos nossos dias.

Esta indicação summaria dá grandes marcos numericos, que nos servirão para classificar, em intervallos de tempo não arbitrarios, os progressos, successivos da Sociedade correspondente. Entre os Han e os Thang vemos uma verdadeira decomposição politica da China, da mesma sorte que entre os Thang e os Youens. Todavia durante o reinado destas dymnastias simultaneas, os progressos da civilisação chineza continuam no fundo, si bem que muito lentamente; o cunho de unidade fortemente impresso por Thsin-chi-hoang-ti, e a semilhança fundamental de costumes e de crenças, systematicamente representada pela classe dos lettrados, conduzem ao fim de um certo tempo á unidade politica, uma civilisação cada vez mais homogenea.

E' preciso ver durante este longo periodo duas ordens de progresso: o desenvolvimento interior da sociedade chineza, e de um outro lado a extensão territorial; em seguida uma reacção cada vez mais efficaz contra as populações circumvisinhas (Tartaros, Thibetanos) traz a subordinação definitiva destas populações, de modo a dar á esta sociedade toda a estabilidade sufficiente, antes dos contactos occidentaes. E'

este duplo movimento de acção interior e de reacção exterior que vamos estudar (1).

Vemos realisar-se sob Thsin-chi-hoang-ti, e aperfeiçoar-se sob seus successores, uma importante descoberta industrial, indispensavel ao desenvolvimento da classe dos lettrados, a invenção do papel e da tinta. A invenção do papel é devida a Moung-tien, principal general de Thsin-chi-hoang-ti, elle ensinou ao mesmo tempo a arte de servirem-se delle com tinta e pinceis, em vez de taboinhas de bambú, sobre as quaes se gravava. Gravava-se tambem algumas vezes, posto que excepcionalmente sobre a pedra. Não é raro ver-se na China importantes progressos industriaes devidos a militares. O modo anterior da propagação de documentos consistia em graval-os sobre taboinhas de bambú.

Esse modo, imperfeitissimo em si mesmo, quanto á facilidade e á rapidez, podia convir emquanto a classe theorica e administrativa estava pouco desenvolvida. Mas desde que esta classe tomasse uma extensão necessaria em uma sociedade cada vez mais desenvolvida e cada vez mais industriosa, era naturalmente levada a aperfeiçoar os meios de transcripção. A invenção do papel e da tinta era pois naturalmente trazida pela natureza da situação e preparada pelos antecedentes. Uma vez realisado este progresso, concorreu enormemente para o desenvolvimento da classe lettrada e administrativa, facilitando a sua propagação e acquisição de conhecimentos; e esta invenção acoroçoava assim o progresso da situação correspondente, augmentando o numero de pessôas esclarecidas. Esta invenção se consolida entre Thsin-chi-hoang-ti e a grande dymnastia dos Hans; e a fabricação aperfeiçoada do papel tornou-se uma industria consideravel da China.

---

(1) Para se fazer uma idéa mais precisa da successão dynastica na China, póde-se consultar a taboa chronologica cuja traducção é devida ao P. Amiot, e que está reproduzida no fim do livro do Sr. Pauthier, intitulado: *China*.

O segundo imperador da dymnastia dos Han o Imperador Hoë-ti (benevolente) 194 a 188 antes de Jesus Christo) revogou o decreto de Thsin-chi-hoang-ti contra os antigos livros; elle reagiu assim contra o que havia de violento e oppressivo na tentativa deste renovador. A dymnastia dos Han foi a este respeito reparadora, marchou no sentido da civilisação chineza, e a desenvolveu, conservando da obra de Thsin-chi-hoang-ti o que tinha de essencial, a unidade politica, e uma melhor centralisação administrativa. Porém um dos typos mais eminentes desta dymnastia foi Wen-ti (o *imperador lettrado,* de 179 antes de Jesus Christo). Elle animou os lettrados, concorreu para o desenvolvimento da agricultura, e trouxe a um governo ao mesmo tempo firme activo, um espirito verdadeiramente paternal; realisou este nobre typo normal da funcção suprema systematisado por Confucio e sua escola.

Assim, a proposito de eclipse, phenomeno que adquiriu na China uma alta importancia por causa da base astrolatrica do culto, Wen-ti publicou uma declaração verdadeiramente caracteristica.

"Sempre ouvi dizer que o Céo dá aos povos que creia, superiores para alimental-os e governal-os. Quando estes superiores, senhores dos outros homens, não são virtuosos e governam mal, o Céo, para os fazer entrar de novo na orbita do dever, lhes envia calamidades ou os ameaça. Houve nesta decima primeira lua, um eclipse do sol; que advertencia não foi elle para mim! Em cima os astros perderam a luz, em baixo os povos estão na miseria. Reconheço em tudo isto a minha pouca virtude. Logo que esta declaração seja publicada, examine-se em todo o imperio, e com toda a attenção possivel, quaes são as minhas faltas, afim de que eu seja dellas advertido. Que se procurem e sejam-me apresentadas para desempenhar esta funcção, as pessoas que mais luz, mais retidão e firmeza tiverem; por minha parte recommendo a todos aquelles que estão encar-

regados de applicarem-se mais que nunca a bem cumprir os seus deveres principalmente e a reduzir em proveito do povo, toda a despesa inutil."

Vemos surgir aqui sob o impulso de Wen-ti, o direito secular de representação ao imperador, o que constitue um progresso capital nesse governo monocratico. Este direito de representação, abertamente proclamado por Wen-ti, sempre mantido desde então, desenvolveu-se e coordenou-se mais tarde pelo conselho dos censores, destinado a advertir o imperador. Esta funcção, cujo exercicio tem sido muitas vezes perigoso, deu lugar da parte dos lettrados a admiraveis devotamentos; offereceu um limite ao arbitrio, que tende a produzir o supremo poder. Vemos nesta instituição caracteristica um exemplo deste esforço continuo da classe dos lettrados para exercer uma acção moderadora em relação ao poder imperial, por uma creação regular da opinião publica. — Por que as observações dos censores publicos na Gazeta imperial são reproduzidos pelas gazetas provinciaes.

Do mesmo modo, Wen-ti abrogou por uma declaração expressa a lei de Thsin-chi-hoang-ti que prohibia criticar o governo.

"Hoje, entre as nossas leis, encontro uma que incriminou o fallar-se mal do governo; é este o meio, não sómente de privar-nos das luzes que podemos receber dos sabios que estão afastados de nós, como tambem de tapar a bocca aos officiaes da nossa côrte. Como pois d'oravante será o principe avisado das suas faltas e dos seus defeitos? Esta lei está ainda sujeita a um outro inconveniente: sob o pretexto de que os povos tem feito protestos publicos e solemnes de fidelidade, de submissão e respeito para com o principe, se alguem parecer desmentir-se na menor cousa, accusa-se-o de rebellião. Os mais anodinos discursos passam para os magistrados, quando lhes apraz, por murmurios sediciosos contra o governo. Assim o povo, simples e igno-

rante, quando menos cuida, será accusado de um crime capital. Não posso consentir nisso; que semelhante lei seja abrogada."

O imperador Khang-hi fez sobre este edicto as notaveis reflexões seguintes: "Thsin-chi-hoang-ti havia feito muitas leis semelhantes. Kao-tsou (fundador da dymnastia dos Han) abrogou grande numero dellas. A de que se trata aqui, não foi abrogada senão sob Wen-ti. E' ter esperado muito (1)."

Um dos successores de Wen-ti foi Wou-ti (o imperador guerreiro) de 140 antes de Jesus Christo a 86 antes de Jesus Christo) que não sómente desenvolveu o movimento interior da China, mais ainda reagiu vigorosamente e felizmente contra as populações barbaras circumsivinhas; de maneira a começar e a estabelecer as bases desta extensão que, terminada no seculo XVIII, devia emfim annexar ao grande imperio oriental, como elemento subordinado, a Tartaria e o Thibet. Sob Wen-ti os estudos historicos continuam na China e o seu poderoso desenvolvimento. Foi sob o seu reinado que Ssema thsian (o Herodoto da China) executou a sua grande obra que, com o nome de *Memorias historicas*, nos offerece uma verdadeira encyclopedia (Ver a noticia que lhe consagrou o sr. Abel Rémusat nas suas Novas miscelanias asiaticas, tom. II). Foi sob esta dymnastia (65 depois de Jesus Christo) que o Buddhismo officialmente introduzido na China, ahi adquire uma importancia as mais das vezes funesta, posto que sob a dymnastia actual tenha sido um intrumento politico util com relação ás populações da Tartaria e do Thibet dominadas por essas doutrinas.

Entre a dymnastia dos Han e a dos Thang (de 263 depois de Jesus Christo a 618), vemos um longo periodo muitas vezes de anarchia e sempre de dispersão

(1) M. G. Pauthier, *De la Chine.*

politica, que succede á eliminação necessaria da dymnastia dos Han.

A dymnastia dos Thang que se extende de 618 depois de Jesus Christo a 905 é uma das mais consideraveis da historia da China. E' a dymnastia litteraria. Ella viu surgir um grande numero de producções litterarias, romances, peças de theatro. Sob esta dymnastia realizou-se um grande progresso, foi o estabelecimento do systema dos exames.

Foi este um acontecimento consideravel pelo qual a classe dos lettrados tendeu para a sua constituição actual. A classe dos lettrados se havia enormemente desenvolvido. Fornecia ministros, administradores, juizes, todos aquelles emfim que eram chamados a dirigir esta industriosa população. A necessidade de obter garantias, na escolha dos individuos, de modo a regular acção desta classe, deveu fazer-se sentir. Foram pois as necessidades essenciaes de uma tal situação que conduziram ao estabelecimento do systema dos exames. Uma vez estabelecido, este systema consolidou profundamente a classe correspondente dando-lhe mais unidade e, por conseguinte, mais força. Não era mais d'ora em diante uma classe mais ou menos vaga na qual o imperador podia ou não escolher. Foi uma classe verdadeiramente coordenada, em que os exames prestados foram a escada legal pela qual o individuo se elevava gradualmente ás mais altas funcções do Estado. Um tal progresso, dando mais consistencia á classe dos lettrados, melhora a sua acção sobre o conjunto da civilisação correspondente. Vemos assim continuar no mesmo sentido a evolução geral desta Sociedade. Sob esta dymnastia, as escolas publicas, os collegios, a instrucção, o culto de Confucio tomam uma extensão consideravel.

Um dos typos mais eminentes dos Thang foi Taï-tsoung (de 627 depois de Jesus Christo até 949) em quem podemos largamente constatar este nobre ideal

do imperador, construido por Confucio e desenvolvido pela sua escola. "Elle ordenou que d'ora avante os imperadores chinezes, antes de confirmarem as sentenças de morte contra os criminosos, estivessem tres dias, em abstinencia". A pena de morte é sanccionada unicamente pelo imperador, salvo o caso de uma repressão immediatamente necessaria. Esta sancção definitiva da pena de morte, faz-se em uma época determinada do anno, e vemos de que nobres precauções moraes o imperador Taï-tsoung cerca o acto solemne segundo o qual se realiza a eliminação necessaria de um membro da sociedade. Estamos longe como se vê, do puro arbitrario theocratico que tão levianamente se tem supposto em um tal governo.

Taï-tsoung incita ao desenvolvimento da piedade filial, base da familia, e finalmente da Sociedade. Organisa um vasto systema de trabalhos publicos, e de soccorros para os velhos, para os enfermos; o que, de resto, foi continuado pelos seus successores. O estabelecimento de hospicios para os engeitados, prova quanto são absurdas as declamações de que se nutre a estupidez occidental sobre uma pretendida organisação regular do infanticidio. Elle compoz um livro sobre a arte de reinar.

"Depois de ter, diz elle, empregado quotidianamente o tempo necessario em despachar os negocios do imperio, é-me aprasivel consagrar o que me sobra a passear a vista e os pensamentos sobre os historiadores do tempo passado; ahi examino os costumes de cada dymnastia, os bons e máos exemplos de todos os principes, as revoluções e as suas causas; faço-o sempre com proveito e tanto o tenho feito, que assim posso fallar."

As suas recommendações ao filho são admiraveis.

"Meu filho, sê justo, mas sê bom, reina sobre ti mesmo, mantem absoluto imperio sobre tuas paixões, e reinarás sem esforço sobre os corações de teus subdi-

tos. O teu bom exemplo, melhor que as ordens mais rigorosas, lhes fará cumprir com exactidão todos os seus deveres; pune raramente e com moderação, mas derrama beneficios ás mancheias; não adies nunca para amanhã graças que poderes conceder hoje mesmo; adia pelo contrario os castigos até que te hajas assegurado por ti mesmo de que foram justamente merecidos."

Sob esta dymnastia é que foi estabelecida a celebre academia chineza dos Han-lin que se compõe dos espiritos mais intelligentes e mais cultivados e que concorre para a direcção litteraria, politica e moral da China.

Esta poderosa dymnastia estendeu o seu poder sobre os Turcos e os Tartaros, até as proximidades do mar Caspio.

Foi pelo ano de 931, sob os Thang posteriores, que tem lugar a invenção, pelo ministro Foung-tao, da imprensa chineza. Ella não emprega caracteres moveis e consiste em gravar sobre madeira. Grava-se todo o livro sobre laminas de madeira e imprime-se depois, impressão que se faz de resto muito economicamente. Uma tal invenção era fortemente solicitada pelas necessidades e pela natureza da civilisação correspondentes, e ha razão para admirar que ella tivesse tardado tanto a se produzir, depois da invenção do papel e da tinta, que constitue a sua preliminar indispensavel. A necessidade de multiplicar extraordinariamente as copias, em um paiz em que crescia consideravelmente a classe dos lettrados, devia impellir á descoberta de uma typographia que permittisse produzir facil e rapidamente as copias das diversas obras. A situação conduzia pois a uma tal invenção e não é de admirar que ella se tenha produzido emfim em uma população industriosissima. Esta imprensa não é a nossa imprensa de caracteres moveis; consiste em laminas de madeira

sobre as quaes gravam-se os caracteres que formam a obra que é preciso reproduzir. Os chinezes acharam todavia, no decimo primeiro seculo da nossa éra, a imprensa de caracteres moveis, mas pouco servem-se della e preferem a impressão em laminas gravadas, não por espirito de cega rotina, como o suppõe a fatuidade occidental, mas em razão de motivos bastante racionaes.

Os chinezes teem-se servido pouco dos caracteres typographicos moveis por duas razões; uma social consoante ao estado de sua civilisação, outra atinente á natureza de sua escripta.

A razão social é que os chinezes reimprimem muito os mesmos livros. No occidente o movimento revolucionario determinou uma producção abusiva, consistindo as mais das vezes em mediocres reproducções degradadas de excellentes originaes. A China produz sem duvida numerosos commentarios, todavia o respeito a continuidade social conduz á reproducção repetida das mesmas obras; póde-se então, sem inconvenientes, conservar-lhes as laminas gravadas; tanto mais quanto estas laminas de madeira podem ser facil e economicamente retocadas. E' preciso com effeito fazer notar de passagem a superioridade economica da impressão chineza sobre a impressão occidental. Elles não imprimem senão de um só lado da folha e com uma rapidez extrema. Um operario pode tirar duas mil folhas por dia.

Mas ha tambem uma outra excellente razão para que os chinezes prefiram o seu modo de impressão aos nossos caracteres moveis, é a natureza da sua escripta. Entre nós, os sons elementares são representados por um numero limitadissimo de caracteres, cujas combinações reproduzem todas as palavras. D'ahi o emprego dos caracteres moveis. Na China não acontece o mesmo. A sua escripta não é uma escripta phonetica, ou pelo menos, para fallar mais exactamente, elles não representam pelos seus caracteres os diversos sons elementares e necessariamente pouco numerosos, que ser-

vem para exprimir todas e quaesquer palavras. Quando um caracter representar o papel de signal phonetico, exprime uma palavra e não uma articulação distincta, e este signal phonetico jámais é empregado exclusivamente; está sempre ligado a um signal idéographico. D'ahi o numero extremo dos seus caracteres, susceptivel de resto de uma extensão indefinita com os progressos de sua civilisação. Pode-se estender o numero destes caracteres no minimo a trinta mil. Vê-se desde então que immenso numero delles seria necessario fabricar. Os chinezes não deveram pois espontaneamente procurar imprimir com caracteres moveis; e depois de os haver encontrado deveram preferir a impressão em laminas gravadas como verdadeiramente mais commoda e mais economica.

Todavia um habil sinologo o sr. G. Pauthier resolveu o problema de uma facil impressão chineza por meios de caracteres moveis; baseam-se sobre uma engenhosa decomposição abstracta do maior numero dos caracteres chinezes. Achou que estes diversos caracteres resultavam da combinação de um numero relativamente pouco extenso de caracteres, chinezes. Cada caracter propriamente dito se compõe então de um primeiro, tendo uma significação ideographica, e de um segundo tendo uma significação phonetica. Imprimiu-se já em Paris e na China, segundo este novo systema.

Em seguida a invenção da impressão, desenvolveu-se a instituição das gazetas; primeiramente da Gazeta Imperial, e finalmente das Gazetas Provinciaes, por meio das quaes se estabelecem facil e rapidamente communicações entre o governo e a população. De resto o processo dos cartazes, tão util para fazer appello á opinião, é empregado ao mesmo tempo, não só pelo governo como pelo publico.

Sob a dymnastia dos Soung (de 960 a 1119 depois de Jesus Christo) o systema de exames, já instituido para as funcções civis, applica-se tambem ás funcções

militares; é uma organisação analoga á dos nossos exames de admissão ás escolas militar, naval ou polytechnica. Devemos fazer notar sómente a este respeito a tendencia continua para a eliminação do arbitrario no poder monocratico que preside os destinos deste grande povo. Chega-se assim ás funcções publicas, não essencialmente por capricho do soberano, mas sim por uma serie regular de provas claramente determinadas.

A grande dymnastia dos Youen ou Mongoes governa a China desde 1295 até 1341, depois de se haver estabelecido por uma conquista a que não poderam resistir os chinezes em virtude da anarchia politica que arrasta sempre a eliminação necessaria de uma dymnastia.

O estabelecimento da dymnastia dos Mongoes nos offerece um exemplo capital do papel que representa a corporação dos lettrados, como depositaria systematica dos principaes resultados intellectuaes e moraes desta civilisação, e por consequencia da continuidade que ella imprimiu-lhe; o que permittiu um desenvolvimento verdadeiramente homogeneo.

Assim Yeliu-thsou-thsai, principal ministro de Ogodaï, filho de Tchingkis-khan, e que lhe succedeu em 1229, posto que tartaro, era um lettrado eminente, iniciado ao mesmo tempo em todas as sciencias da China e nos conhecimentos astronomicos os mais profundos dos mulsumanos. Além de haver introduzido todas as sciencias na China, fez comprehender ao seu soberano a importancia, a necessidade de servir-se dos lettrados como juizes, administradores, e começou assim com devotamento e habilidade a incorporação dos conquistadores na civilisação chineza, de modo a assegurar a continuidade e o progresso desta civilisação:

"Tartaro de origem e tornado Chinez pela cultura do seu espirito, elle foi o intermediario natural entre a raça dos opprimidos e dos oppressores; achou-se collocado junto de Thching-kis e de seus successores,

como uma providencia protectora dos povos vencidos, e sua vida consumiu-se inteiramente em pleitear junto da barbaria triumphante, a causa das leis, da boa ordem, da civilisação e da humanidade. Substituiu o jugo da força pelo da razão; o poder do arbitrio pelo das instituições; a pilhagem pelo systema regular dos impostos; a brutal autoridade dos conquistadores tartaros pela influencia lenta mais irresistivel dos lettrados da China." (Abel Rémusat, *Novas miscelaneas asiaticas*). O fundador propriamente dito da dymnastia dos Youens ou Mongoes, Khoubilaï-khan (em chinez Hou-pi-lie) neto de Tchinkis, continuou e desenvolveu na mais alta escala uma tal politica e fez-se definitivamente chinez, concorreu activamente para a extensão desta civilisação; e esta dymnastia de conquistadores pode-se contar entre aquellas que contribuiram para a grandeza da China. Foi Hou-pi-lie que fez de Pé-king a capital do Grande-Imperio. Foi sob Hou-pi-lie que pelos Mongoes foi introduzido o Lamaïsmo, forma particular do Buddhismo propria ao Thibet, e caracterisada principalmente por uma organisação clerical que não nos offerece habitualmente esta religião. Hou-pi-lie morreu em 1294.

De resto Hou-pi-lie trouxe novos aperfeiçoamentos á administração chineza, além d'uma firmeza militar indispensavel. Em suma esta dymnastia manteve a grandeza do imperio, e contribuiu para o seu desenvolvimento interior. Quando a sua incapacidade crescente tornou necessaria a sua completa eliminação, os chinezes expulsaram-n'o e enxotaram ao mesmo tempo os Mongoes; e á dymnastia dos Youens succedeu assim a dymnastia nacional dos Ming (1368-1616).

Taï-tseu (o grande antepassado de 1327 a 1398) foi o fundador da dymnastia dos Ming. Ming quer dizer luz. Os imperadores chinezes teem por costume dar aos annos de seu reinado, o nome que designa o espirito ou o caracter que elles querem imprimir-lhe; e é

o nome dos annos do reinado que os Europeus tomam habitualmente pelo nome do imperador. Assim, Khanghi quer dizer *paz profunda*, pois fizeram disto o nome do Imperador que havia escolhido esta palavra para o nome dos annos do seu reinado. O nome dos annos de reinado do fundador da dymnastia dos Ming é Houng-Wou (fortuna na guerra) e é sob este nome que elle é habitualmente designado na Europa. Nasceu em 1324 em Sse-tcheou, burgo da provincia de Kiang-nan. Filho de um lavrador, fizeram-n'o bonzo. Na decadencia da dymnastia dos Mongoes, e nas lutas que então surgiram, deixou o seu monasterio, acabou por congregar em torno de si um numero consideravel de partidarios, eliminou emfim definitivamente os Mongoes e começou mesmo por tornar tributarias algumas de suas tribus. Apoiando-se no interior sobre os lettrados, restabeleceu a ordem, desenvolveu a prosperidade interior com o concurso da classe lettrada que tinha sabido atrahir a si, e desenvolveu os elementos desta grande civilisação, emquanto lhe dava por suas expedições contra os Tartaros uma sufficiente estabilidade. Seus successores immediatos continuaram a politica deste grande homem. Houng-Wou, seguindo o uso chinez, uso verdadeiramente social, tornou publico o testamento no qual motiva a escolha que fizera de seu successor, ao mesmo tempo que dá-lhe os conselhos principaes que comporta esta solemne manifestação. Esta combinação de uma escolha livremente feita na familia imperial, e de uma manifestação publica desta escolha e das razões que a determinaram, é uma instituição social que o estado normal das sociedades humanas deve adoptar e generalisar. Houng-Wou, no interior do seu imperio, aperfeiçoou a administração, desenvolveu os trabalhos publicos realmente uteis, instituiu para velhos e enfermos soccorros necessarios, incrementou o culto dos antepassados, o de Confucio e dos homens eminentes, em uma palavra desenvolveu com actividade durante uma longa

carreira, todos estes caracteres verdadeiramente sociaes d'um verdadeiro typo d'imperador da China.

Esta dymnastia dos Ming, depois de haver derramado grande brilho e ter prestado importantes serviços alterou gradualmente o seu caracter sob os deslumbramentos da suprema funcção; no meio dos lettrados, que arrastou necessariamente uma tal degeneração, surgiu pela conquista a dymnastia dos Mandchús actualmente reinante; esta conquista não se realizou senão depois da mais extrema resistencia, tornada inefficaz pelo estado de anarchia intima em que se achava então a China.

A dymnastia actual data officialmente do anno de 1616, ella tem contribuido da maneira mais efficaz para o desenvolvimento da China, de um lado dando impulso com tanta actividade quanta sabedoria a evolução interna, e de outro lado, tornando finalmente tributarios a Tartaria e o Thibet, de modo a dar a esta grande civilisação toda a estabilidade necessaria, emquanto não surgissem o contactos perturbadores com o Occidente.

Qual era, com effeito, o elemento perturbador da civilisação chineza, antes dos seus contactos com o Occidente. Eram evidentemente os Tartaros, isto é uma população ou antes grupos de populações nomadas ou semi sedentarias, necessariamente em luta continua com esta sociedade industrial, rica e pacifica. Estas lutas apresentaram varias peripecias. Os Tartaros muitas vezes repellidos e algumas vezes conquistados, mas tambem algumas vezes conquistadores. Mas no segundo caso aggregando-se e incorporando-se á civilisação chineza, e depois de uma oscillação mais ou menos grande, servindo ao seu desenvolvimento. A conversão dos Tartaros ao Buddhismo depois de Thing-kis preparou evidentemente a submissão definitiva que realisou a dymnastia actual dos Mandchús. Khang-hi e Khiansoung, os dous principaes representantes desta dymnas-

tia tornaram finalmente tributarios os Tartaros e os Thibetanos, de modo a dar á civilisação chineza toda a consolidação possivel.

O mais conhecido dos imperadores da China na Europa foi Khang-hi, contemporaneo de Luiz XIV reinou de 1662 a 1723). Elle concedeu á grande missão dos jesuitas uma protecção sabia e esclarecida; comprehendeu com sagacidade a utilidade de encorporar á civilisação chineza os conhecimentos scientificos occidentaes. Poz um jesuita á frente da secretaria dos astronomos, depois de ter por uma judiciosa experiencia, constatado a superioridade da astronomia occidental sobre a astronomia chineza; a experiencia que elle imaginou foi fazer calcular, para um dia dado o comprimento da sombra de um gnomon de grandeza determinada, o que suppõe o conhecimento para este dia da declinação do sol, e a solução de um triangulo rectangulo. As previsões dos jesuitas conformaram-se com a experiencia, o que não succedeu com as previsões dos astronomonos chinezes, o que mostra claramente o estado de infancia de uma tal astronomia. Depois de ter restabelecido completamente a ordem no interior do seu imperio e ter no estrangeiro impedido na Tartaria, por uma sabia combinação de politica e de guerra, a formação de uma nova potencia tartara comparavel á de Tchingkis, Khang-hi consagrou a sua longa carreira ao desenvolvimento da prosperidade interior de seu vasto imperior. Khang-hi que acoroçoou activamente os progressos das lettras em seu imperio, foi elle proprio um lettrado distincto.

Seu neto Kao-tsoung, designado na Europa pelo nome dos annos de seu reinado, Khian-loung (protecção celeste) reinou de 1736 a 1796; submetteu definitivamente a Tartaria e assegurou finalmente o avassalamento do Thibet; no Thibet é de certo o Dalaï-lama quem governa em apparencia, mas sob a direcção real dos Mandarins chinezes. Sob este grande e magnifico

imperador realisaram-se no interior progressos em conformidade com a importancia das expedições exteriores. Desenvolveu largamente os trabalhos de utilidade publica: devem-se-lhe bellos trabalhos para impedir as inundações do rio Amarello. — Tomo emprestado ao sr. Abel de Rémusat algumas palavras com que elle caracterisa a nobre natureza deste principe, e este sentimento do dever que faz conceber o supremo poder como uma funcção social, sujeita a imperiosos deveres, segundo o typo construido pela philosophia de Confucio e que tantos dignos imperadores realisaram sob o impulso e com o auxilio da corporação lettrada.

"A' medida que o imperador envelhecia, tornava-se mais exacto no cumprimento das ceremonias que fazem parte dos deveres do soberano, e quando as enfermidades que começavam a assaltal-o, obrigavam-n'o a relaxar algum tanto a sua exactidão, justificava-se disso por declarações publicas. Applicava-se desse modo cada vez mais aos negocios do Estado, e na edade de 90 annos, levantava-se alta noite, na estação mais rigorosa para dar as suas audiencias ou trabalhar com os seus ministros.

"Era dotado, diz ainda o sr. Abel Rémusat, de um caracter firme, de um espirito penetrante, de uma rara atividade, de uma grande rectidão, amava a seus povos como um soberano chinez deve amal-os, isto é era solicito em governal-os com severidade e a todo custo mantinha a paz e abundancia entre os seus subditos. Seis vezes no decorrer de seu reinado, visitou as provincias do meio dia, e cada vez que o fez foi para dar ordens uteis, fazer construir diques á beira mar, punir as malversões dos grandes, para os quaes se mostrava inflexivel."

Kiang-loung protegeu activamente o desenvolvimento litterario e a diffusão geral da instrucção; elle proprio foi um lettrado distincto. Com justa razão pois, poderam os missionarios pôr á frente das ultimas me-

morias os seguintes versos, publicados pelo padre Amiot:

Sem treguas occupado em mais de um mister diverso
Que offerece um governo admiravel, e serio,
O maior potentado havido no universo
E' o lettrado melhor que existe em seu imperio.

Eis pois, Srs., um bosquejo muito geral, mas sufficiente para a finalidade a que nos propomos do desenvolvimento concreto desta civilisação. Temos assistido á evolução gradual de um duplo phenomeno; desenvolvimento interior de uma sociedade industrial e pacifica sob a dupla direcção de um poder monocratico e de uma classe administrativa recrutada por meio de exames regulares, em todas as classes de sua população; e d'outro lado, no meio de lutas continuas, extensão crescente desta sociedade que consegue subordinar finalmente as populações perturbadoras do interior.

Depois desta longa apreciação geral, devemos terminar mostrando o seu complemento final por um resumo summarissimo do destino actual desta grande civilisação.

ESTADO GERAL ACTUAL DA CIVILISAÇÃO CHINEZA, CONSIDERADO COMO MÉTA FINAL DE SUA LONGA EVOLUÇÃO

A longa evolução, cuja theoria abstracta e, em seguida, a apreciação concreta, tenho estabelecido, terminou, Srs. por construir no Extremo Oriente uma immensa sociedade, producto de uma longa elaboração

continua de 4.000 annos. E' esta resultante final que é preciso apreciar summarissimamente no seu conjunto. Vendo esta grande sociedade ao mesmo tempo estavel e progressiva, tendo obtido melhor do que nenhuma outra até aqui, esta conciliação tão almejada entre a ordem e o progresso, comprehendereis perfeitamente a superficialidade dos prejuizos estupidos que, no Occidente, nasceram a este respeito de sentimentos tão ignobeis.

O imperio chinez compõe-se da China propriamente dita, e dos paizes tributarios que são: o Thibet, a pequena Boukharia, a Mongolia, o paiz dos Mandchus e a Coréa, além de um grande numero de ilhas, sobre as costas orientaes da China, entre as quaes a Formosa. O avassalamento dos paizes tributarios no fim do seculo XVIII, depois de lutas que remontam á propria origem da China, e constituem a historia da sua actividade exterior, dá a esta civilisação a sua estabilidade essencial, além do serviço prestado á humanidade pela sua acção civilisadora sobre populações atrasadas, cujas temiveis excursões tão profundamente perturbaram outr'ora até a Europa occidental.

A China propriamente dita está comprehendida entre 20° e 41° de latitude norte e 140° e 95 de longitude, o que lhe dá uma extensão de 525 leguas de norte a sul, e de 600 leguas de léste a oeste, ou cerca de 300.000 leguas quadradas de superficie. Não conto na China propriamente dita tres provincias tomadas ao daiz de Liao-tung e dos Mandchus, que foram annexados por Khiang-toung e submettidos a um regimen differente do dos povos tributarios. — A China propriamente dita se divide em dezoito provincias. Tomo emprestado ao sr. G. Pauthier o quadro da população destas dezoitos provincias, tal qual resulta dos recenceamentos officiaes de 1852 e 1812:

RECENSEAMENTOS OFFICIAES DE 1852 E 1812

Provincias	Capitaes	População em 1812	População em 1852
1—Tchi-li ou Pe-tchi-li	Pe-king.	27,990,871	40,000,000
2—Chang-toung. . . .	Tsi-nan-fou. . . .	28,958,764	41,700,621
3—Chan-si.	Tsi-youen-fou. . . .	14,004,212	20,166,972
4—Ho-nan.	Kai-young-fou. . . .	23,037,171	33,173,526
5—Ksiang-sou. . . .	Nan-king.	37,843,501	54,494,641
6—Ngan-koei.	Ngan-king-fou. . .	34,168,059	49,201,992
7—Kiang-si.	Nan-tchan-fou. . .	23,046,999	43,814,866
8—Fo-kien.	Fou-tcheou-fou. . .	14,777,410	22,699,460
9—Tché-kiang. . . .	Hang-tcheou-fou . .	26,256,784	37,809,765
10—Hou-pé.	Wou-tchang-fou. . .	27,370,098	39,412,940
11—Hou-nan.	Tchang-cha-fou. . .	18,652,207	26,859,608
12—Chen-ai.	Si-ngan-fou	10,207,256	14,698,499
13—Kan-sou.	Lan-tcheou-fou. . .	15,193,125	21,878,190
14—Sse-tchouan. . . .	Tchin-tou-fou . . .	21,435,678	30,867,875
15—Kouang-toung. . .	Canton.	19,174,030	27,610,128
16—Houang-si.	Kouei-lin-fou. . . .	7,313,895	10,584,429
17—Yun-Man.	Yu-nan-fou.	5,561,430	8,008,300
18—Kouei-tchoeou. . .	Kouei-Yang-fou. . .	5,288,219	7,615,025
Totaes.	. . . . .	360,279,597	536,909,300

Pode-se dizer que a China propriamente dita tem, pois, no minimo uma população de 400.000.000 de habitantes submettidos a um systema regular de governo; o que constitue certamente o resultado mais frisante de uma evolução social sem exemplo por sua duração e pela sua continuidade.

Vejamos primeiro qual é a actividade geral, essencial desta immensa população.

Assistimos alli, Srs. a um grande espectaculo, uma população de 400 milhões de almas, entregue a uma actividade essencialmente pacifica e industrial; e na qual, graças á submissão da Tartaria pela dymnastia actual, o exercito está reduzido á funcção normal de simples policia — para manter a ordem contra as perturbações interiores, individuaes ou collectivas.

A propriedade privada é perfeitamente respeitada em sua acquisição, no seu emprego e na sua transmissão; e isto se applica tanto ás propriedades moveis

como á possessão de terra. A este respeito, a segurança, base essencial de toda actividade, como de toda civilisação, é ali tão grande quanto nos paizes mais bem regulados da Europa occidental (1). A terra ali se acha muito dividida; a pequena propriedade toma um desenvolvimento immenso. A classe dos pequenos cultivadores é a mais respeitada depois da dos lettrados. Quando mesmo a grande existe, a pequena cultura é que domina. A grande cultura é essencialmente moderna e occidental. Ella deriva do desenvolvimento abstracto das populações do extremo Occidente. E' a grande cultura que será no futuro, muito mais do que no presente, a base e condição de systematisação ou industria agricola. Desde então, na China, a cultura pastoril, base da grande agricultura, não existe por assim dizer, principalmente no meio dia da China. A cultura dos cereaes, e sobretudo do arroz, é o grande objecto da agricultura chineza. A ausencia da cultura pastoril, por consequencia a falta de adubos, apezar dos cuidados inauditos dos chinezes para tudo utilisar a este respeito, é uma causa inevitavel do esgotamento do sólo. Mas estes inconvenientes incontestaveis, inherentes, de resto, á naturesa de uma tal civilisação, são infinitamente compensados pela existencia da immensa classe dos pequenos cultivadores, classe livre,

(1) "A grande riqueza do imperio, a industria infatigavel do povo e seu inviolavel apêgo ao paiz, são tantas outras circumstancias que provam que se o governo é cioso de seus direitos, não negligencia em absoluto seus deveres. Não somos um admirador enthusiasta do systema chinez, mas queremos explicar, si possivel, as causas que tendem á producção de bens inapreciaveis e de que ninguem pensa em contestar a existencia. Na pratica, manifesta-se necessariamente um grande numero de abusos; mas, no geral, e si considerar-se os resultados definitivos, a machina funcciona bem, e repetimos que se encontram notorios testemunhos na nação a mais alegremente industriosa, a mais pacifica e a mais opulenta da Asia. Nós insistimos sobre esta qualificação de *alegremente industriosa*, porque ella é um dos principaes traços caracteristicos que impressionam os estrangeiros chegando á China, e que demonstra incontestavelmente que cada cidadão possue uma bôa parte dos fructos de seu trabalho. (*Da China*, por J. F. Davis, antigo presidente da Companhia das Indias na China.)

energica, independente; o que resulta necessariamente da vida laboriosa e sabia de uma população, cuja propriedade pessoal é convenientemente respeitada.

A cultura das hortaliças, das flores, a jardinagem tem na China um desenvolvimento inaudito e uma grande perfeição. A cultura das arvores (o bambú, a arvore do chá etc.), é um dos grandes objectos desta industria agricola. A base da nutrição na China é essencialmente vegetal. Dahi o immenso desenvolvimento da cultura dos vegetaes. Quanto á nutrição animal, o porco e as aves fazem os principaes gastos. Nas provincias do norte da China, a Tartaria fornece uma grande quantidade de bois, carneiros, veados, etc., etc. Quanto á ferramenta agricola, é sobretudo caracterisada por uma extrema simplicidade. A destreza e o trabalho activo do cultivador supprem a este respeito a inevitavel imperfeição resultante necessariamente do retalhamento extremo da propriedade. De resto, a agricultura chineza é favorecida por um vasto systema de irrigação. Concebe-se desde então a grande importancia attribuida pelo povo chinez ás perturbações atmosphericas, cujas consequencias podem ser tão graves para a nutrição de um tão grande povo. D'ahi o immenso desenvolvimento dos celeiros publicos, sobre os quaes voltaremos mais tarde. De resto a base fetichica desta civilisação contribuiu tambem a este respeito para esta preoccupação extrema dos phenomenos metereologicos.

A agricultura é fim essencial da actividade desta população pacifica. A opinião publica tem sempre consagrado na China a preponderancia desta base essencial de toda actividade industrial.

Consideremos actualmente a manufactura e o commercio, isto é o trabalho de apropriação das materias primas, e o estabelecimento dos meios de facilitar-lhes a troca.

A sua industria é essencialmente empirica e não offerece este emprego de machina que resulta da reacção pratica das sciencias abstractas; mas os chinezes desenvolvem na sua industria uma actividade e uma sagacidade notavelmente combinada com uma extrema paciencia e uma grande sobriedade. Deve-se a isto, o que de resto se concebe, que a industria chineza é sobretudo a pequena industria, como a sua cultura é a pequena cultura; é a consequencia de uma insufficiente concentração de capitaes, e de sua inferioridade no emprego de grandes machinas.

A industria da sêda tem na China, e desde a mais remota antiguidade, uma importancia e uma extensão consideraveis. Só na cidade de Han-tcheou contava-se mais de 600.000 operarios em sêda e mais de 100.000 nas aldeias circumvizinhas. A industria do algodão tem na China importancia analoga, posto que inferior á da sêda; quanto á industria da porcelana, a sua perfeição como a immensidade de seus productos, são sufficientemente conhecidos para que eu insista nisto. Mas para dar uma idéa da actividade industrial desta população utilisando tudo com uma applicação continua, citarei as seguintes palavras, escriptas por um missionario do seculo XVII (Nova relação da China, composta pelo padre Gabriel de Magaillans, da Companhia de Jesus). "Porque como neste reino não haja um pé de terra inutil, tambem não ha homem nem mulher, moço, velho, coxo, manêta, surdo ou cego que não tenha meios de ganhar a sua vida e nem alguma arte ou algum emprego. Os chinezes dizem em commum proverbio, *no reino da China nada existe em abandono.* Por mais vil e inutil que uma cousa pareça, tem o seu uso e tiram della proveito. Por exemplo, na cidade de Pé-kin sómente, ha mais de mil familias que não teem outro officio para subsistir do que vender phosphoros e mechas para accender fogo; ha pelo menos outras tantas que não vivem de outra cousa senão de apanha-

rem as ruas e nas varreduras trapos de çannos de rem nas ruas e nas varreduras trapos de pannos de papel e outras cousas semelhantes, que elles levam e limpam e depois vendem a outros que os empregam em differentes usos, dos quaes tiram lucro."

Emfim para dar-vos uma idéa da sagacidade industriosa da população chineza, posso indicar os serviços que elles tem tirado da cultura do bambú.

Os chinezes chegaram, por uma cultura systematica a produzir uma extrema variedade de bambús; variedade na grossura, na altura, na distancia dos nós, na côr da madeira, na superficie da haste, na substancia e espessura da madeira, nos ramos, nas folhas, emfim elles determinam nos bambús variedades constantes e que se perpetuam, como por exemplo a producção de lobinhos ou excrescencias cornosas, boas para comer, Este bambú assim aperfeiçoado por uma habil cultura é empregado em uma multidão de objectos.

"As novas vergonteas do bambú quando começam a sahir da terra são tão tenras e tão delicadas como os aspargos. Cortam-n'as e tornam-se um alimento são e agradavel. O consumo desse comestivel é immenso e permitte um commercio consideravel. O que não é comido nos sitios é transportado algures e mesmo até ás extremidades do imperio. Para impedir que se corrompam os pequenos rebentos, fendem-n'os em quatro, que expõem durante certo tempo ao vapor dagua fervendo e seccam-n'os depois. Assim preparados conservam,-se por muito tempo e podem ser transportados para longe. Posto que ocos os bambús são muito fortes, e podem sustentar os mais pesados fardos: fazem-no algumas vezes substituir a madeira dos arcabouços. Os seus troncos durissimos de cortar transversalmente, raxam-se com a maior facilidade na direcção do seu comprimento; devidem-nos em filetes desligados com os quaes fabricam esteiras, caixinhas com compartimentos, pentes e uma multidão de obras lindas. Os

bambús naturalmente furados em tubos empregam-se por baixo ou por cima da terra para condução e distribuição das aguas. Quebram-lhe as hastes, fazem-nas maceror n'agua e da massa que d'ahi resulta, fabricam, differentes qualidades de papel. A madeira do bambú, lisa, unida, e susceptivel de um bello polimento, recebe da esculptura todos os ornamentos que procuram dar-lhe e admitte da mesma sorte incrustações de ouro, de prata e de marfim. Fervido na agua de cal e posto sob a prensa, pode ainda cobrir-se de signaes que conserva sempre... Segundo o P. Cibot, não ha exaggero em dizer-se que as minas deste vasto imperio valem-lhe menos do que os seus bambús, e que depois do arroz e das sêdas, nada possue que lhe dê tão grande rendimento. (Padre Grosier, *Da China,* tomo II, pag. 381).

O verdadeiro commercio da China é o commercio interior, que desenvolveu-se na mais alta escala, o que se concebe facilmente, visto a extrema extensão do imperio e a sua excessiva população. Este commercio faz-se principalmente por agua. A China está sulcada de rios e canaes; a navegação interior é immensa. O governo vela cuidadosamente pelas communicações das diversas provincias entre si. A China é um mundo que póde bastar-se e effectivamente basta-se a si mesma.

"Naveguei, diz o padre Magalhães, por ordem do imperador no anno de 1656, sobre todo este grande canal e outros rios desde Pé-kin até Macao por mais de 600 leguas, sem fazer por terra mais do que uma unica jornada para atravessar uma montanha que divide a provincia de Kiam-si da Quam-tum. A 4 de Maio do anno de 1662 parti da cidade de Che-kiam, capital da provincia de Che-kiam e a 28 de Agosto do mesmo anno cheguei a cidade de Chim-tu, capital da provincia de Su-chuen. Durante estes quatro mezes, foi sempre por agua, mais de 400 leguas, contando as sinuosidades dos rios; de sorte que naveguei durante um mez sobre

dois rios differentes, mas, durante os outros tres, viajei continuamente sobre o grande rio Ki-am, que chamam Filho do mar. Durante esta longa navegação, encontrei cada dia um tão grande numero de juncos ou de jangadas de todas as qualidades de madeira que se ligassem-'nas uma ás outras, dariam uma ponte de muitas jornadas de comprimento. Eu viajei ao longo de algumas ligadas contra a passagem durante mais de uma hora, e algumas vezes durante meia jornada."

Um tal commercio interior de resto desenvolveu-se largamente desde a época em que escreveu o Padre Magalhães, tambem o commercio exterior da China é no fundo inteiramente insignificante para esta população, não obstante a grande extensão que tomou neste seculo.

Na realidade tem sido mais nocivo do que util á China, a qual nada mais communicamos do que os nossos vicios; além dos perigos especiaes dos contactos com pessôas que não se reconhecem nenhuma sorte de deveres para com as populações orientaes.

De outro lado o commercio com o Occidente não é no fundo para a China (salvo com a Russia) uma troca de objectos uteis; salda-se com relação á China em dinheiro. Ha dois mil annos já que um imperador da China apreciava da maneira mais judiciosa um tal commercio, collocando-se dignamente no ponto de vista social:

"O dinheiro que entra pelo commercio não enriquece a um reino senão quando delle sahe pelo commercio. Não, ha commercio que perdure vantajoso senão o das trocas necessarias ou uteis. O commercio dos objectos de fausto, de delicadeza ou de curiosidade, quer se faça por troca ou por compra, suppõe o luxo. Ora o luxo que é abundancia do superfluo em certos individuos, suppõe a falta do necessario em muitos outros. Quanto maior fôr o numero de cavallos que os ricos atrelarem a seus carros, tanto maior será o nu-

mero de pessôas que irão a pé; quanto mais as suas casas forem vastas e magnificas, tanto mais as dos pobres serão pequenas e miseraveis; quanto mais as suas mezas se cobrirem de iguarias, tanto maior será o numero de pessôas que se acharão reduzidas unicamente a comer arroz. O que os homens em sociedade podem fazer de melhor, á força de industria, de trabalho e de economia, é terem todos o necessario e proporcionarem um bem estar commodo a alguns".

Tal é, pois, Srs., a actividade geral desta industriosa população. Devemos agora estudar a sua constituição, apreciando successivamente a familia e a sociedade propriamente dita.

A base da familia na China, e finalmente como já deixei estabelecido, de toda sociedade, é a piedade filial, o respeito pelo pai, pela mãe e pelos antepassados. A familia assim constituida sobre a sua base essencial, o poder do pai e o respeito pelos antepassados, tem sido objecto de constantes preoccupações dos legisladores e dos philosophos.

O culto dos antepassados e do tumulo, consequencia do espirito fetichico, foi systematisado na China de maneira a constituir um culto privado que tem profundamente consolidado a familia, — as visitas regulares ao tumulo e a sua cuidadosa manutenção constituem deveres essenciaes de todo chinez, quaesquer que sejam as doutrinas theologicas, buddhistas ou outras que tenham vindo sobrepor-se ás bases fetichichas do seu estado mental. Ha para cada familia, qualquer que seja muitas vezes a extrema multiplicidade de seus ramos uma sala commum dos antepassados onde se fazem ceremonias regulares de commemorações; a presidencia ahi pertence a edade independentemente da situação. Emfim em cada familia especial uma sala é consagrada a seus antepassados directos, sala em que estão collocados os escriptos que os recordam, e onde se lhes vai communicar todos e quaesquer

acontecimentos de uma certa importancia que se realisam na familia.

Tal é a admiravel constituição do culto dos antepassados instituição que se approxima tanto quanto possivel do estado verdadeiramente normal da familia humana, cujo caracter essencial é a continuidade. Desenvolver systematicamente um tal sentimento, é pois assegurar o verdadeiro progresso da familia desenvolvendo a sua constituição mais organica. — Este respeito da continuidade largamente desenvolvido na familia, além de assegurar-lhes a sua propria estabilidade, prepara para a sociedade naturezas verdadeiramente organicas, nas quaes, como no occidente, o desprezo pelo passado não conduz a todas perturbações no presente. Assim, pode-se considerar como incontestavel o principio chinez de que um mau filho é sempre um mau cidadão. Emfim esta bella constituição da familia recebeu um aperfeiçoamento caracteristico pela admiravel constituição social que faz remontar aos antepassados a gloria adquirida pelos descendentes, em vez de fazel-a chegar até os successores, segundo o modo emanado principalmente do espirito theocratico. Uma tão santa instituição merecerá sempre o respeito de todo verdadeiro philosopho, e á medida que sob o impulso da religião da Humanidade, o Occidente caminhar para o estado normal, elle encorporará convenientemente esta grande creação. Em vez do uso occidental que, principalmente em nossos dias, não assegura ao successor de um homem eminente senão a possibilidade de uma vida occiosa e inutil, a instituição chineza apoiando-se na piedade filial profundamente desenvolvida, offerece como principal recompensa aos nobres esforços a possibilidade de honrar os seus antepassados ao mesmo tempo que incita a prepararem-se successores dignos de glorificar assim um dia o nosso nome.

Quanto ás relações fraternaes, longe de serem abandonadas á anarchica igualdade do Occidente, ellas são moralmente reguladas de accordo com a subordinação segundo a edade; o que contribue necessariamente não só para a ordem e a estabilidade da familia, como tambem para o desenvolvimento das verdadeiras affeições fraternaes. Apezar dos prejuizos superficiaes do espirito revolucionario, é incontentavel que um certo gráo de subordinação reconhecida, que crea deveres reciprocos, contribue muito mais para a affeição real do que uma egualdade anarchica propria sómente para fazer surgir o conflito inevitavel das pretensões egoistas.

Emfim, o proprio desenvolvimento da civilisação chineza tem, por uma acção inteiramente inapercebida, reagido para a consolidação e o aperfeiçoamento da familia. Esta reacção é devida á influencia necessaria sobre a familia do unico facto da existencia de uma longa evolução social, cuja continuidade nunca foi verdadeiramente rompida. Um chinez qualquer, por mais longe que se remonte na serie de seus antepassados, se acha sempre com elles em sympathia natural de opinião; desde então, o respeito pelos antepassados recebe sempre, da consideração do passado, uma real consolidação em vez de experimentar uma dimiuição. No occidente pelo contrario a continuidade foi muitas vezes rompida. Como, por exemplo, póde o respeito pelos antepassados adquirir no christão uma profunda consistencia, quando remontando sufficientemente á serie das edades chega a antepassados que deve necessariamente amaldiçoar, uma doutrina que se estabelece amaldiçoando os predecessores deve reagir necessariamente de uma maneira penosa sobre o respeito aos antepassados. Assim, o culto dos antepassados e do tumulo, que o fetichismo legou ao polytheismo, tem sido desconhecido e negligenciado pelo monotheismo. Na grande obra prima de Corneille, Paulina

pagã respeita a ordem paterna, christã torna-se segundo a sua expressão:

... Santamente rebelde ás leis do nascimento.

O movimento revolucionario propriamente dito desenvolveu largamente estes profundos inconvenientes moraes da ruptura da continuidade social? Qual póde ser o respeito filital em uma sociedade que cada geração despreza e amaldiçoa a que immediatamente a precedeu? Assim no Occidente a inevitavel reacção do estado revolucionario destroe e abala esta base sagrada da familia que a evolução continua da civilisação chineza consolida e fortifica. Apezar dos estupidos desdens dos revolucionarios christãos, deistas ou atheus, a familia está na China, quanto ás relações filiaes e fraternaes muito mais perto do estado normal do que a familia occidental, e ella é sob este aspecto digna de imitação e de respeito.

A inferioridade relativa da familia chineza se manifesta nas relações conjugaes. O estado monoganico não tem sido attingido na China senão de um modo imperfeito. A lei não permitte senão uma só mulher legitima mas menciona um concubinato regular. Todavia é preciso observar que este concubinato legal é exclusivamente restricto de facto ás classes ricas ou de uma real abastança; e que, mesmo neste caso, está bem longe de ter a extensão que a legislação permitte. De resto no Occidente, sobretudo nos grandes centros de actividade, vê-se muitas vezes um concubinato irregular, e que não fica adstricto a qualquer dever, substituir o concubinato regulado pela legislação chineza. Todavia quando o Occidente regenerado poder ter com á China outros contactos que não os determinados por uma rapacidade sem freio, é certo que é no aperfeiçoamento das relações conjugaes, nas classes abastadas, que se fará sentir a sua acção benefica. Sob este aspecto a familia occidental, sobretudo regenerada pela fé

demonstravel, apresenta uma verdadeira superioridade, como é ella incontestavelmente inferior, sobretudo em nossos dias, quanto ás relações filiaes e fraternaes. E certamente os chinezes podem mais, pela melhoria moral do Occidente, pelo espectaculo que nos offerecem de uma sociedade regulada, que nós não podemos, pelo seu progresso intellectual e moral, pelo equivoco beneficio de nossos progressos industriaes, sobretudo quando estes progressos se desenvolvem: cada dia mais fóra de toda a preoccupação moral; o que tende incontestavelmente a produzir, digam o que disserem os emphaticos declamações de um liberalismo absurdo, para typo de homem civilisado uma especie de animal materialmente poderosissimo. De resto, as consequencias deste descalabro industrial, para as classes laboriosas, onde este desenvolvimento se produz com mais intensidade, não é de modo algum proprio para arrastar a China a uma activa imitação.

Apreciemos agora a sociedade propriamente dita e primeiro que tudo o seu culto.

A adoração fetichica systematisada pela astrolatria, tal é, como já estabeleci, o culto official da China. Mas este culto official é completado pelo dos grandes homens, ou antes pelo culto systematico de todos aquelles, homens ou mulheres, que prestaram a sociedade quaesquer serviços, intellectuaes, industriaes ou moraes. Este culto dos nobres naturaes é dominado pelo de Confucio.

Confucio é o objecto do culto mais importante depois do Céo e da Terra; elle é para a China o philosopho por excellencia; e a nossa apreciação systematica sobre os philosophos provará que tal culto é bem merecido. Assim o culto dos grandes e nobres naturaes, completando um culto fetichico astrolatrico, tal é o culto official da China, aquelle que representa o verdadeiro espirito desta grande civilisação, e que por suas manifestações regulares consolida um tal espirito.

E' evidente que o culto regular das grandes naturezas devia resurgir de uma população em que a constituição da familia tinha conduzido ao culto, regular dos antepassados. Extendeu-se aos antepassados sociaes o culto prestado aos antepassados da familia. Este respeito systematico do passado, caracter de uma civilisação verdadeiramente organica, conservou e desenvolveu o respeito da velhice que instituia o Fetichismo e que a anarchia occidental compromette cada vez mais com as outras bases essenciaes de toda a sociabilidade. O culto official da China nos apresenta assim uma serie homogenea que liga a adoração e o culto dos principaes seres exteriores (Céo, terra, rios) á adoração ou ao culto dos principaes representantes da sociedade, desde os maiores philosophos, até aos antepassados directos de cada familia.

Provincias notaveis por producções particulares teem templos especiaes. Assim a provincia de Tchékiang tem um templo dedicado aos primeiros bichos da sêda, pela razão de que, em tempos immemoriaes, esta provincia desenvolveu tal cultura.

Os mandarins são os padres do culto official; quanto aos sacrificios solemnes ao Céo são celebrados pelo proprio imperador.

Mas ao lado do culto official, e simultaneamente com elle, o chinez se serve de praticas religiosas tomadas por emprestimo á religião de Tao-sse, ou á dos Buddhistas, ou a outras crenças mais ou menos supersticiosas. Mesmo um grande numero de mandarins não permanece exclusivamente fiel ao culto official: combinam com elle praticas buddhistas ou de Tao-sse; mas estas praticas em nada alteram nem devem entrar no culto official da China; e ellas são no fundo muitas vezes despresadas por aquelles mesmos que se servem dellas. De resto o respeito ao culto de Buddha é necessario a um governo que tem por entre os seus tributarios immensas populações buddhistas. Mas os verda-

deiros homens de Estado da China sabem clara e judiciosamente apreciar a superioridade do culto official sobre os cultos theologicos que coexistem ao lado delle. Vou dar a este respeito algumas citações decisivas. O imperador Khang-hi publicou, sob o nome de *Santa instrucção*, um certo numero de maximas moraes, que foram commentadas por seu successor Young-tching. Um mandarim superintendente das salinas de Chen-si, chamado Wang-yeou-po, fez della uma paraphrase, que tem curso em todo o imperio e contem sobre o assumpto que nos occupa explicações verdadeiramente caracteristicas.

Um dos pontos sobre os quaes o principe commentador insiste com mais força, é o afastamento para as falsas seitas, e a de Fo que é estranha á China é sobretudo objecto de sua censura. Falla com despreso dos dogmas sobre os quaes ella repousa; chama o ridiculo sobre as suas praticas. Os buddhistas, como os outros partidarios de seitas indianas, ligam muita importancia a certas palavras ou a certas syllabas consagradas, que repetem perpetuamente, crendo purificarem-se de todos os seus peccados pela só articulação dessas santas syllabas e ganharem a sua salvação por meio desta commoda devoção. O lettrado chasqueia muito espirituosamente deste uso. "Suponde que violastes as leis em qualquer ponto, que vos conduzem a sala do julgamento para serdes punido: si vos puzerdes a gritar com toda a força muitos milhares de vezes: — Vossa excellencia! julgais que só por isso o magistrado vos poupará?" (Abel Rémusat, *Miscelanias asiaticas*).

O lettrado aprecia em seguida com grande sagacidade e inferioridade propria a todo culto theologico.

"Si não queimardes papel em honra de Fo, e não depuzerdes offerendas em seus altares, elle se mostrará descontente e fará cahir sobre vossas cabeças o

seu julgamento. O vosso deus Fo é pois um miseravel; tomemos por exemplo o magistrado do vosso districto: si jamais fordes comprimental-o e cortejal-o, com tanto que sejaes homens de bem e cumpridores do vosso dever, elle nem por isso vos prestará menos attenção; mas se transgredirdes a lei, se commeterdes violencias, si usurpardes os direitos d'outrem, podeis tomar mil caminhos para lisongeal-o, elle se mostrará sempre descontente comvosco."

O mesmo lettrado desenvolvendo os pensamentos do imperador Young-tchin aprecia da maneira seguinte a religião catholica e o seu papel na China.

"A seita do proprio senhor do Céo (catholicismo), esta seita que falla incessantemente do Céo, da terra e de sêres sem sombra e sem substancia, esta religião é tambem corrompida e pervertida. Mas, porque os Europeus que a ensinam sabem astronomia e mathematicas, o governo os emprega para corrigir o calendario; isto não quer dizer que a sua religião seja bôa e de nenhuma sorte deveis crer nos que elles vos dizem."

Tal é o ponto de vista systematico segundo o qual os verdadeiros lettrados julgam todas e quaesquer religiões theologicas.

Depois de haver apreciado o culto, resta-nos agora indicar rapidamente a organisação deste vasto imperio.

O governo está concentrado nas mãos do imperador. Elle tem o soberano poder; mas, posto que em ultima instancia toda decisão emane delle, como todo poder, este poder está limitado pelo conjunto das opiniões e das regras estabelecidas de tempos immemoriaes, e cujo conjunto não seria por muito tempo violado impunemente por uma dymnastia. De um lado, como já longamente desenvolvi, sendo o typo imperial tomado por emprestimo á familia, o imperador é concebido e concebe a si mesmo, como pai de seus subditos, sujeito por consequencia aos deveres de uma tal funcção, e não como uma especie de divindade, obran-

do segundo caprichos arbitrarios, conforme o typo theologico. E' pois sob o peso continuo de uma tal concepção que se exerce e é acceito o poder supremo. Além disso, um conjunto de praticas e de preceitos longamente creado pela serie dos antecedentes só regula o exercicio desse poder.

O imperador escolhe o seu successor entre seus filhos, afastando-se quanto possivel da hereditariedade theocratica.

Não ha ali aristocracia hereditaria. Já dei na precedente sessão a theoria deste grande phenomeno sociologico. A classe governante se recruta, por exames convenientemente graduados, em todas as classes da população. Ha tres exames successivos, conferindo titulos analogos aos de bacharel, licenciado e doutor. Todo mundo póde, depois de ter passado os exames regularmente constituidos, obter o titulo de bacharel. Os licenciados por sua vez são escolhidos, depois de certos exames, d'entre os bachareis, e os doutores, sempre do mesmo modo, dentre os licenciados. Os empregados, mesmo para as mais altas funcções, são escolhidos entre os licenciados e os doutores. E' de tal sorte que a China é administrada e governada por uma classe não hereditaria, emanada da massa da população por um systema regular de provas que aquinhôa tanto quanto possivel o merito.

E' certo que na pratica numerosos abusos podem ser, e são commettidos, na obtenção de titulos; mas tomada em seu conjunto uma tal organisação governa e administra uma população de 400 milhões de homens, de modo a assegurar a existencia material e moral do maior numero, tão bem certamente como em nenhuma outra população do planeta.

Eis aqui pois, Srs., como é constituida e recrutada a classe governante em todo o imperio. Vejamos agora como ella reparte entre si regularmente as diversas funcções especiaes:

No alto da hierarchia estão collocados dois conselhos, o Conselho de Ministros, e o Conselho privado, cujas funcções consistem em zelar pelo conjunto da machina governamental.

Depois destes dois grandes conselhos, vêem seis ministerios, ou antes seis conselhos, cuja séde é Pékin e que dividem entre si toda a direcção especial do imperio:

1.º — *O Ministerio dos funccionarios civis,* ou conselho encarregado da escolha dos funccionarios, isto é o analogo ao nosso ministerio do interior;

2.º — *O ministerio das finanças* ou conselho encarregado de tudo que é relativo ás rendas do imperio;

3.º — *O ministerio dos ritos* ou conselho que inspecciona tudo o que concerne aos ritos, ao culto dos antepassados da dymnastia reinante, ás grandes solemnidades civis ou religiosas;

4.º — *O ministerio da guerra;*

5.º — *O ministerio da justiça;*

6.º — *O ministerio das obras publicas.*

Sómente estes ministerios são dirigidos por um conselho, cujo presidente tem mais autoridade do que os nossos ministros, porque deve consultar os seus collegas.

Cada um destes ministerios está dividido em secções ou divisões. Assim o ministerio das finanças está dividido em 14 directorias e o dos ritos em 4 directorias.

Vejamos agora, Srs., a decomposição geral do imperio; o imperio chinez propriamente dito está dividido em 18 provincias, um governador está collocado á frente de cada uma destas provincias, ou algumas vezes teem duas sob a sua direcção. Já dei acima a população de cada uma dellas, tal qual resulta dos recenceamentos de 1812 e de 1852. Algumas são tão popu-

losas como a França. Cada provincia está dividida em prefeituras e cada prefeitura em districtos, os districtos em cantões, os cantões em aldeias ou communas. Um certo numero desses districtos pertencem directamente a alçada de Pé-kin em vez de depender hierarchicamente do governador da provincia. Os governadores da provincia, além dos prefeitos, tem sob a sua direcção geral collectores geraes das finanças, grandes juizes criminaes, engenheiros chefes e inspectores geraes de pontes e calçadas. — Os prefeitos teem sob a sua direcção sub-prefeitos e mandarins subordinados e finalmente as communas são dirigidas por chefes de municipalidade e conselhos municipaes eleitos pela população.

Não posso entrar em todo detalhe deste vasto systema de administração, desta organisação de trabalhos publicos, desta constituição regular de celeiros publicos, destinados a remediar as desgraças dos annos de penuria, emfim destes hospicios para velhos e engeitados, formados pelo concurso do governo, e pelas livres cotisações dos particulares. O que, seja dito de passagem, responde sufficientemente ás ignobeis calumnias sobre uma pretensa organisação systematica do infanticidio; calumnia segundo a qual se explora a tola impafia do Occidente.

Em resumo pois, Srs., vemos no extremo oriente uma immensa população, essencialmente industrial e pacifica, governada sob a preponderancia de um chefe unico, por uma classe regularmente emanada da massa da população, por meio de um systema bem organisado de exames, por consequencia sem aristocracia hereditaria. Esta classe dos lettrados tem gradualmente estabelecido um vasto systema de administração, sob a direcção da qual vive uma população de 400 milhões de homens. Emfim esta sociedade, depois de longos esforços, conseguiu finalmente aggregar as populações circumvisinhas, menos adiantadas, que tinham sido até

então para ella causa continua de perturbações, de modo a reduzir finalmente o exercito á sua funcção normal de policia.

E' esta immensa sociedade que os contactos anarchicos do occidente tendem a perturbar e a opprimir. Mas antes de estabelecer a politica verdadeiramente nacional que deve finalmente prevalecer no Occidente a este respeito, eu apreciarei Confucio, o typo mais systematico desta grande civilisação.

TERCEIRA LIÇÃO

(DECIMA SEXTA DO CURSO)

Sexta-feira 20 de Homero de 72. — 17 Fevereiro de 1860

APRECIAÇÃO ABSTRACTA DE CONFUCIO E DA SUA INFLUENCIA SOBRE O CONJUNTO DA CIVILISAÇÃO CHINEZA.

Srs.

CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE A EVOLUÇÃO INTELLECTUAL DA CHINA, E SOBRE A SITUAÇÃO GERAL NO MEIO DA QUAL SURGIU CONFUCIO.

Nas duas ultimas sessões, apreciámos summariamente, primeiro o espirito fundamental da civilisação chineza, depois a historia geral do seu desenvolvimento concreto, de modo que a situação actual deste grande imperio fosse determinada e esclarecida por esta dupla elaboração. Vimos assim o imperio chinez constituir-se gradualmente segundo uma evolução cujas leis geraes expuzemos. Nesta theoria philosophica da civilisação chineza, indiquei summariamente o papel especial do seu mais eminente philosopho, d'aquelle que estabeleceu as bases essenciaes, segundo as quaes constituem-se o elemento modificador da civilisação correspondente. Demonstrei, com effeito, que dois ele-

mentos fundamentaes se encontravam nesta evoluçao: uma familia imperial de onde emana um governo monocratico susceptivel de ser substituido quando o exigirem imperiosas necessidades e uma classe esclarecida, lettrada, que representa o elemento ao mesmo tempo modificador e regulador.

O homem que estabeleceu as bases da coordenação systematica desta grande classe foi Confucio. Era pois necessario consagrar uma apreciação especial a este philosopho; mas este trabalho é ainda util por outro titulo, desenvolverá em nós este justo sentimento de respeito que nos permittirá concentrar neste grande typo a representação concreta desta civilisação. — E' por isto que vamos consagrar a primeira parte desta sessão á apreciação especial da obra de Confucio.

Devo primeiro que tudo determinar a situação geral no meio da qual surgiu Confucio. Veremos assim sob o peso de que antecedentes elle agiu, e como foi o orgão das necessidades fundamentaes de uma situação creada pelo passado; comprehenderemos melhor então o poder enorme de sua acção, vendo quanto era ella convenientemente adaptada ao espirito da civilisação correspondente. Confucio foi com effeito um dos homens que mais profundamente influiram sobre o seu meio social.

E' preciso primeiro explicar como os esforços de Confucio e de sua escola, deveram versar essencialmente sobre a moral, sobre tudo pratica, e sobre trabalhos de erudição ou de sociologia concreta.

A civilisação chineza é, como deixamos estabelecido, essencialmente fetichica e foi nesse sentido que ella se desenvolveu. Resulta d'ahi que a China ficou privada da instituição social da abstracção. A instituição da abstracção é uma das maiores creações da Humanidade, e é ella quem domina a evolução mental das populações adiantadas. Todas as altas intelligencias

teem trabalhado no Occidente sob o impulso desta grande instituição, cuja influencia experimentaram sem que todavia dessem por isso, pois que foi a Augusto Comte que se deveu a descoberta assim como a systematisação deste grande phenomeno sociologico por sua distincção dogmatica e historica entre o abstracto e o concreto. Porque as influencias sociaes como as influencias cosmologicas são experimentados muito tempo antes que altas intelligencias lhes tinham descoberto as leis.

O theologismo estabeleceu a abstracção pela representação especial dos diversos phenomenos distinctos por meio dos deuses correspondentes. Ora, não tendo na China o theologismo podido espontaneamente apparecer, a abstracção não pôde ser instituida de um modo ao mesmo tempo profundo e familiar. Ora a abstracção é a condição necessaria das grandes elaborações scientificas, como de todo desenvolvimento esthetico elevado.

Com relação á sciencia, é evidente. Não ha verdadeira sciencia senão a sciencia abstracta. Não é senão estudando os diversos phenomenos distinctos que se póde chegar a constatar ás suas leis. E' assim que se têm desenvolvido gradualmente no Occidente a mathematica, a physica, a chimica, a biologia e finalmente a sociologia pela grande creação de Augusto Comte. Desde então a China essencialmente fetichica não pôde apresentar o grande movimento scientifico proprio ao Occidente, nem mesmo nada de analogo ao da India.

Acontece o mesmo com relação ás grandes creações estheticas. A abstracção é a base essencial da idealisação. A idealisação é a condição de uma arte verdadeiramente eminente. Ora a abstração idealisa, de um lado pela eliminação de certas propriedades, e de outro lado, porque, permittindo consideraveis propriedades separadamente dos sêres, é possivel conceber então os limites extremos de variação, quer para mais, quer

para menos. A China fertil em creações estheticas, secundarias emquanto, representações exactissimas da realidade, devia pois permanecer estranha ás grandes creações estheticas, politicas ou plasticas.

A China, estranha assim ao theologismo, e por conseguinte á instituição da abstracção, apresentou um meio social refractario ás puras elaborações scientificas como ás grandes creações estheticas.

Assim se explica o estranho phenomeno muitas vezes assignalado, d'uma vasta população tendo produzido immensos trabalhos de moral e de erudição, sem que jámais a sciencia propriamente dita, nem a arte verdadeiramente elevada, tenham podido directamente apparecer.

Eis, pois, uma situação geral que afasta as grandes intelligencias, as naturezas theoricas, das especulações propriamente abstractas ou das grandes elaborações estheticas.

E' este o primeiro factor geral que domina a evolução mental desta civilisação.

Mas a situação social propriamente dita, actua ahi no mesmo sentido que a situação intellectual, impellindo para as especulações moraes, e principalmente de moral pratica, as intelligencias theoricas que esta afasta dos trabalhos da sciencia pura.

Estabelecemos que um dos caracteres fundamentaes da civilisação chineza era a ausencia de castas, e por consequencia tambem a ausencia de casta sacerdotal, ou de classe puramente theorica, que não póde existir em começo senão por uma sancção theologica. Resulta d'ahi que a classe rica e esclarecida applica a sua actividade á administração e ao governo propriamente dito da sociedade. Segundo esta situação os espiritos puramente theoricos são impellidos á dirigir a sua actividade mental para as especulações moraes, directamente ligadas ao governo da sociedade — tambem sob esta duplice influencia os pensadores se tem essen-

cialmente occupado da moral; — pode-se notar aliás que a propria natureza da moral é perfeitamente adaptada a isto. A moral constitue para a classe theorica a passagem da theoria á pratica; é ao mesmo tempo arte e sciencia. Pela sua base ella attinge ás mais altas theorias, porque ella repousa necessariamente sobre o conhecimento da natureza humana, que finalmente repousa sobre todas as concepções scientificas reaes; pelo seu coroamento torna-se directamente pratica, porque institue o governo da natureza humana. A moral é theorica quanto á sua base, pratica quanto ao seu immediato destino. E' claro que sob todos os aspectos as intelligencias fortes achavam meio de satisfazer em semelhante estudo as suas verdadeiras aptidões mentaes, procurando realisar um real destino pratico, conforme com a influencia do seu meio.

Resulta pois d'ahi uma situação fundamental, que preparava e provocava a grande operação de Confucio; operação que produziu admiraveis resultados apezar das immensas perturbações dos Tao-sse e dos buddhistas. Esta construcção não foi tão grandemente efficaz senão porque se achava precisamente no verdadeiro sentido da evolução da civilisação no meio da qual se produzia; porque a coordenação de Confucio é uma coordenação moral e politica e era o genero de theoria que impunha aos verdadeiros pensadores uma tal situação.

De resto o estado especial da China no momento em que appareceu Confucio, dava um alto destino immediato á sua elaboração philosophica.

No momento em que surgiu Confucio, vemos uma civilisação, cujos principaes caracteres já indiquei, existindo simultaneamente em varios pequenos reinos, collocados essencialmente sobre o percurso do rio Amarello, e em alguns paizes adjacentes como Chan-toung.

A origem commum da civilisação propria a esses diversos pequenos Estados se manifesta pela admissão

de uma especie de subordinação, mas apparente do que real, á dymnastia dos Tchéou, que continuava em mudanças inevitaveis a familia installadora da civilisação chineza. Emfim lutas militares extremamente activas existiam entre estes diversos pequenos reinos. Percebe-se pois ali um duplo facto: uma real similitude da civilisação combinada com uma decomposição politica, ou, em outros termos, um mesmo estado de sociedade coexistindo em varios paizes vizinhos, mais ou menos independentes e continuamente em lutas. E' claro que uma tal situação devia impellir as grandes naturezas a tentarem fazer cessar uma semelhante desordem e implantar a unidade e a ordem entre populações, que tendo habitos e ideas analogos, todavia se viam arrastadas a continuas perturbações. Semelhante empresa podia ser mais ou menos bem effectuada, isto dependia da natureza do orgão que surgisse para preencher a funcção, mas havia em situação que solicitava semelhante esforço, foi esta grande missão que se consagrou Confucio. Elle procurava com effeito agir sobre os chefes, os ministros desses diversos governos, em nome de uma doutrina moral que não foi outra cousa mais do que a systematisação mais ou menos abstracta do conjunto dos antecedentes da civilisação chineza. Foi este o grande problema que elle quiz resolver e resolveu. Elle procurou em seguida por uma predica activa da sua doutrina moral e politica persuadir os chefes a fazerem cessar a anarchia permanente de suas lutas militares, e as desordens de sua insufficiente administração interior; tendia assim a fazer prevalecer cada vez mais uma civilisação pacifica e industrial, em relação com os antecedentes communs destas diversas populações.

Depois de haver indicado, Srs., qual era a natureza desta grande operação, como a situação a exigia, como o conjunto dos antecedentes a preparara, em uma palavra, estando determinada a parte necessaria desta operação, falta-nos ver como a desempenhou o

orgam encarregado de uma tal funcção pelo conjunto dos destinos sociaes do seu paiz.

APRECIAÇÃO DA OBRA E DA VIDA DE CONFUCIO

Khoung-Fou-tseu (Confucio) nasceu 551 annos antes de Jesus Christo no pequeno reino de Lou, que era uma parte da provincia actual de Chan-toung. Morreu em seu paiz natal 479 annos, antes de Jesus Christo e no septuagesimo terceiro ano de sua edade. Seu pai era governador de Tseou, cidade de terceira ordem, hoje Tseou-hien, na provincia de Chan-toung. Perdeu o pai muito cedo e foi educado sob a direcção intelligente e devotada de sua mãe. Educado com muito cuidado, mostrou desde a meninice esta combinação de intelligencia, veneração e devotamento que caracterisa esta nobre natureza. Na edade de dezesete annos acceitou por convite de sua mãe um mandarinato subalterno que consistia em inspeccionar a renda dos cereaes e das diversas substancias alimentias. Mostrou nestas modestas e uteis funcções uma grande firmeza e esta constante preoccupação do interesse publico, que dirigiu toda a sua existencia. Casou-se na edade de desenove annos, ainda por convite de sua mãe, e logo depois (na edade de vinte e um annos), obteve na administração publica uma mais alta funcção; foi encarregado da inspecção geral dos campos e dos rebanhos, com os poderes necessarios para operar neste sentido todas as reformas que julgasse uteis. Na edade de vinte e quatro annos, no momento de pleno desenvolvimento de sua carreira administrativa, perdeu a mãe. Conforme aos antigos usos, mui negligenciados então, mas cuja influencia elle queria já restabelecer e desenvolver, abandonou todo emprego publico, e consagrou tres annos a um retiro que soube nobremente utilisar. Foi então que concebeu definitivamente o seu grande

projecto de reforma. Neste fecundo retiro elle traçou o plano e entregou-se a profundos estudos sobre a antiguidade chineza, e sobre diversas questões de moral e de pratica, e tambem ás meditações indispensaveis ao acabamento de sua grande missão. Terminada a luta, completa os seus longos estudos por viagens nos diversos reinos da China situados na baixa do rio Amarello; apreciou por uma observação attenta os diversos paizes que queria converter á sua doutrina, que não era outra senão a systematisação philosophica das tradições e das tendencias da civilisação chineza. Vemo-l'o então durante vinte annos percorrer estes pequenos reinos, formando discipulos, consultado pelos reis e seus ministros e actuando continuamente sobre elles para conduzil-os a uma direcção paternal, moral e pacifica das populações que lhe eram submissas. Segundo a observação do padre Amiot póde-se constatar que a acção de Confucio estendeu-se exclusivamente em porção da bacia do rio Amarello, em redor da qual constituiu-se, e propagou-se em seguida gradualmente a civilisação chineza. "Do lado do norte, não foi além da fronteira do Pe-tchi-li, não passou o rio Kiang, do lado do meio dia; a provincia do Chan-toung foi o seu limite do lado do Oriente, e a provincia do Chen-si foi o que elle viu de mais longinquo do lado do Occidente". (G. Pauthier, *Da China*).

De volta ao seu paiz, acceitou o convite do rei de Lou, para tornar a entrar para a administração e foi na edade de cincoenta annos promovido ás funcções de chefe da magistratura civil e criminal; mostrando assim esta combinação de vida politica, e de estudos theoricos de moral e de historia, que devia caracterisar a sua escola, e que não é no fundo senão uma systematisação necessaria do elemento modificador da civilisação chineza. Mostrou desde o começo, em suas altas funcções, esta energica firmeza, que constitue a sua condição necessaria. Começava com effeito por exigir

a morte do principal funccionario politico da administração precedente, de modo a condensar sobre o principal culpado um indispensavel castigo; e a provar ao mesmo tempo, sua irrevogavel decisão de impedir novas prevaricações; trouxe a estas altas funcções esta bondade activa e devotada á causa publica, que nelle se allia á energia, sem a qual ella aborta essencialmente. Os historiadores chinezes têm narrado cuidadosamente os detalhes desta administração. Vemos de resto ao mesmo tempo muitos discipulos de Confucio chegarem nos diversos reinos da China ás altas funcções administrativas e politicas, emquanto que outros continuam a propaganda philosophica e moral de seu mestre. Por occasião da morte do rei de Lou, seu protector, elle abandonou os negocios publicos, e immediatamente o seu paiz natal, e continuou, acompanhado de um certo numero de discipulos, as suas peregrinações philosophicas e sociaes pelos outros diversos pequenos reinos da China. Restituido emfim ao seu paiz natal, depois de quatorze annos de ausencia, consagrou inteiramente os ultimos annos de sua vida á elaboração definitiva de sua doutrina e á formação de discipulos que deveriam continual-a, depois delle. O numero de seus discipulos tendo consideravelmente augmentado, elles se haviam espalhado pelos diversos principados que formaram então a China propriamente dita. Beirando a edade de sessenta e seis anos, perdeu sua mulher, logo depois seu filho e emfim o seu mais amado discipulo Yen-hoei, aquelle em quem elle punha a sua predileção porque via nelle a humanidade, a virtude por excellencia. Assim foram amargurados os ultimos annos deste grande renovador. Algum tempo antes de sua morte, reuniu os seus principaes discipulos, e fez-lhes as suas ultimas recommendações sobre o espirito de sua doutrina e as condições de sua applicação: "A herva sem succo, dizia elle, está inteiramente secca, eu não tenho mais onde assentar-me para re-

pousar; a sã doutrina tinha inteiramente desapparecido, estava completamente esquecida, tratei de revocal-a e de restabelecer o seu imperio. Não pude conseguil-o; encontrar-se-ha alguem depois da minha morte que queira tomar sobre si tão penoso encargo?"

Seus funeraes foram organisados pelos discipulos com piedoso cuidado; elles instituiram o uso de uma peregrinação annual ao tumulo do grande renovador.

Sua escola medrou, a sua influencia augmentou e honras gradualmente crescentes foram concedidas á memoria de uma das mais nobres naturezas, de que possa honrar-se a Humanidade, do homem que mais decisivamente influiu sobre a civilisação chineza, isto é sobre os destinos de varias centenas de milhões de homens. O verdadeiro culto de Confucio começou sobretudo sob o fundador da dymnastia dos Han que foi uma dymnastia reparadora e progressiva. Elevaram-se logo templos a Confucio nas principaes cidades da China. Foi sobretudo sob Tchen-thsoung, terceiro imperador da dymnastia de Soung (998 antes de Jesus Christo) que o culto de Confucio constituiu-se definitivamente; "sob a dymnastia dos Han, nomearam-n'o Koung ou duque; a dymnastia dos Thang nomeou-o primeiro santo; foi em seguida designado sob o titulo de pregador real; a sua estatua foi revestida de uma tunica egualmente real e uma corôa foi collocada sobre a sua cabeça. Sob a dymnastia dos Ming, foi nomeado o mais santo, o mais sabio e o mais virtuoso dos preceptores dos homens."

Emfim os seus descendentes directos, por uma excepção unica, possuiram o titulo de nobres hereditarios, de que gosam ainda. Taes são os principaes traços da vida deste grande homem (1); falta-nos agora apreciar o conjunto de sua obra.

(1) Deve-se ao padre Amiot uma biographia detalhada e interessante de Confucio.

Não ha, propriamente fallando, obras de Confucio; além da compilação dos antigos monumentos da China, compilação que constitue os livros sagrados propriamente ditos, existem sob o nome de Confucio algumas obras redigidas pelos seus discipulos immediatos, e que conteem não somente as suas theorias, mas ainda muitas vezes as suas proprias palavras.

As quatro principaes obras que trazem o nome de Confucio são: *Hiao-king,* ou livro da *Obediencia filial,* o *Ta-hio* ou o Grande estudo, o *Tchoung-young* ou a *Invariabilidade no meio* e o *Lun-yu* ou *Entretenimentos philosophicos.* As duas principaes obras, o *Hiao-king* e o *Ta-hio* foram redigidas por um discipulo immediato de Confucio, Theng-tseu. Theng-tseu tinha nascido, como seu mestre, no reino de Lou (provincia actual de Chang-toung) na cidade de Wou, a meridional, tinha quarenta e seis annos menos que Confucio; nasceu por consequencia em 505 antes de Jesus Christo.

O *Tchoug-young,* ou a *Invariabilidade no meio,* foi redigido por Tseu-sse, neto de Confucio, e por quem foi continuada a linha directa desta grande familia. Tseu-sse tinha trinta e sete annos, quando perdeu seu avô. Emfim o *Lun-yu* ou Entretenimentos philosophicos foram recolhidos por alguns discipulos de Confucio.

Vou dar algumas citações destas diversas obras (o *Ta-hio,* o *Tchoung-young,* e o *Lun-yu*) afim de melhor fazer resaltar o espirito geral da systematisação philosophica e moral do grande sabio da China (1).

O Ta-hio ou o *Grande estudo* se compõe de um argumento attribuido a Confucio, e de uma explicação devida a Theng-tseu, discipulo deste philosopho. Esta curtissima obra tem sido, por parte dos philosophos chinezes, objecto de numerosos commentarios, o mais

(1) Foram tomadas estas citações á traducção destas diversas obras, feita pelo Sr. G. Pauthier.

notavel, e que a acompanha muitas vezes, é devido a Tchou-hi, que viveu pelos fins do seculo XII da era christã. — Confucio estabelece claramente em *Ta-hio* o problema fundamental do aperfeiçoamento moral.

"A lei do grande estudo, ou da philosophia pratica, consiste em desenvolver e pôr em evidencia o principio luminoso da razão que recebemos do Céo, em renovar os homens e fazer consistir o seu destino definitivo no aperfeiçoamento ou soberano bem."

"Desde o homem mais elevado em dignidade até ao mais humilde e mais obscuro, dever igual para todos; corrigir e melhorar a sua pessôa, ou o aperfeiçoamento de si mesmo, é a base fundamental de todo progresso e de todo desenvolvimento."

Eis claramente estabelecida em termos precisos, o problema supremo: aperfeiçoamento moral de cada um, tal é o destino final. O fim da philosophia moral é chegar a construir e constituir este aperfeiçoamento. Confucio concebeu tambem, de uma maneira geral, as condições mentaes da solução deste problema:

"Os sêres da natureza teem uma causa e effeitos; as acções humanas teem um principio e consequencias: conhecer as causas e os effeitos, os principios e as consequencias, é approximar-se muito de perto do methodo racional com o qual se chega á perfeição.

"E' preciso conhecer primeiramente o fim a que se deve tender, ou seu destino definitivo para depois tomar uma determinação; tomada a determinação, pode-se em seguida ter o espirito tranquillo e calmo; tendo o espirito tranquillo e calmo, pode-se depois, gosar deste repouso inalteravel que nada póde perturbar, pode-se em seguida meditar e formar um juizo sobre a essencia das cousas; tendo meditado e formado um juizo sobre a essencia das cousas, pode-se em seguida attingir ao estado de aperfeiçoamento desejado."

Confucio estabelece, pois, de um modo nitido e preciso, sem nenhuma especie de preoccupação sobre

natural, o problema definitivo do destino humano: attingir pelo aperfeiçoamento moral o estado de plena unidade, empregando a intelligencia em descobrir as condições e os meios de solução. O commentario de seu discipulo Thengtseu é destinado a desenvolver estas noções fundamentaes, referindo-as á historia primitiva e ás mais antigas tradições da China, de modo a manter e consolidar a continuidade social em vez de rompêl-a revolucionariamente, como fizeram até então os outros renovadores.

"Quanto era vasta e profunda a virtude de Wouwang! diz Thong-tseu no seu commentario. Como principe, collocava o seu destino na pratica da Humanidade para com os homens; como subdito, collocava o seu destino nos respeitos devidos ao soberano; como filho, collocava seu destino na pratica da piedade filial; como pai, collocava o seu destino na ternura paternal; e si entretinha relações ou contrahia obrigações com os homens, collocava o seu destino na pratica da sinceridade e da fidelidade."

Vê-se ahi indicado em que consiste este aperfeiçoamento moral, fim supremo da existencia: fazer dominar as diversas relações naturaes pela Humanidade, a submissão, a piedade filial, a ternura paternal, a sinceridade e a fidelidade.

A concepção precisa do estado de perfeição que concebe Confucio está exposta claramente e com precisão principalmente no *Tchoung-young* ou a *Invariabilidade no meio,* devido, como já disse a seu netto Tsen-sse.

Nesta obra, a mais systematica que por ventura tenha emanado directamente de Confucio, Tseu-sse desenvolve as condições mentaes, e expõe a coordenação moral donde resulta o typo de perfeição cuja realisação é preciso ter em mira em cada situação, mas a que só podem attingir os homens excepcionaes destinados ao governo moral ou politico das sociedades.

Vejamos primeiro que tudo como Confucio concebe o typo do philosopho ou do homem que chegou a realizar o ideal da perfeição. — Extraio textualmente do *Tchoung-young*.

"Só os homens soberanamente perfeitos podem no mundo conhecer a fundo a sua propria natureza, a lei do seu sêr e os deveres que della decorrem; podendo conhecer a fundo sua propria natureza e os deveres que d'ahi decorrem, podem por isso mesmo conhecer a fundo a natureza dos outros homens, a lei dos seus sêres, e ensinar-lhes todos os deveres que elles teem a observar para cumprir o mandato do Céo; podendo conhecer a fundo a natureza dos outros homens, a lei do sêr delles e ensinar-lhes os deveres que elles tem que observar para cumprir o mandato do Céo, podem por isso mesmo conhecer a fundo a natureza dos outros sêres vivos e vegetaes e fazel-os cumprir a lei da vitalidade segundo sua propria natureza; podendo conhecer a fundo a natureza dos sêres vivos e vegetaes e fazel-os cumprir a sua lei de vitalidade segundo a sua propria natureza, podem por isso mesmo, por meio de suas faculdades intelligentes superiores, ajudar o céo e a terra na transformação e manutenção dos sêres, podem por isso mesmo constituir um terceiro poder entre o Céo e a terra."

"Os que vem immediatamente depois destes homens soberanamente perfeitos por sua propria natureza, são aquelles que empregam todos os seus esforços para rectificar as suas inclinações desviadas do bem."

O homem perfeito é pois aquelle que, dominado pelas inclinações moraes, chega pelo conhecimento das leis naturaes dos corpos vivos e inorganicos, a modifical-as regularmente, de modo a aperfeiçoar, por uma intervenção systematica, a ordem natural. Confucio constitue assim o nobre typo do poder modificador que constitue, segundo a sua bella expressão, um terceiro

poder intermediario entre o Céo e a terra. Existe ahi como que um profundo presentimento da ordem normal, caracterisada com effeito pelo activo aperfeiçoamento da ordem natural sob o impulso d'uma sociabilidade preponderante. Confucio reconhece as leis geraes da actividade do céo e da terra como bem de uma sabia modificabilidade da ordem espontanea.

Vemos Confucio, aperfeiçoando a civilisação fetichica e astrolatrica, donde emana, tomar emprestado para a sua systematisação politica e moral, ás leis do céo e da terra, um typo de ordem e de regularidade, que elle procura realisar na vida humana pela preponderancia habitual da sociabilidade sobre a personalidade, a unica que pode realizar na ordem humana o typo de regularidade fornecido pela observação do mundo exterior. Uma citação caracteristica vai mostrar-nos effectivamente que é exactamente sobre impulso fetichico da observação das leis naturaes do mundo, que Confucio construiu o seu typo de ordem.

"O philosopho Confucio, diz Tseu-sse, recordava com veneração os tempos dos antigos imperadores, Yao, e Chun; mas se regulava principalmente pela conducta dos soberanos mais recentes Wen e Wou. Tomando por norma de suas acções as leis naturaes e imutaveis que regem os corpos celestes por cima de nossas cabeças, imitava a successrão regular das estações que se opera no Céo; a nossos pés, elle se conformava com as leis da terra e da agua, fixas ou moveis."

"Pode-se comparar (Confucio) ao céo á terra que conteem e alimentam tudo, que cobrem e envolvem tudo; póde-se comparal-o ás quatro estações que se succedem continuamente sem interrompção, póde-se comparal-o ao sol e á lua, que aclaram alternadamente o mundo."

"Todos os sêres da natureza vivem juntos da vida universal e não se prejudicam uns aos outros; todas as leis que regulam as estações e os corpos celestes rea-

lisam-se ao mesmo tempo sem se contrariarem entre si. Uma das faculdades parciaes da naturesa é fazer correr esse regato, mas as grandes energias, as grandes e soberanas faculdades, produzem e transformam todos os sêres. Eis com effeito o que torna grande o céo e a terra."

A ordem exterior fornece assim ao mesmo tempo o typo de toda a regularidade e o ponto de partida e condição necessaria de toda a modificabilidade. Mas esta reacção não póde nem deve ser operada senão sob a direcção de uma verdadeira systematisação moral. Vejamos com mais precisão os caracteres geraes desta systematisação, cujo principio fundamental apenas indiquei: preponderancia da sociabilidade sobre a personalidade.

"Os deveres mais universaes para o genero humano são em numero de cinco e o homem possue tres faculdades naturaes para pratical-os. Os cinco deveres são: as relações que devem existir entre o principe e os ministros, o pae e seus filhos, o marido e a mulher, os irmãos mais velhos e os irmãos mais moços, e a união dos amigos entre si; as quaes cinco relações constituem a lei natural do dever, a mais universal para os homens. A consciencia, que é a luz da intelligencia para distinguir o bem do mal; a humanidade que é equidade do coração; a coragem moral que é a força da alma, são as tres grandes e universaes faculdades moraes do homem; mas aquillo de que nos devemos servir para praticar os cinco grande deveres se reduz a uma só e unica condição."

Segundo o commentador Tchou-hi (seculo XII da éra christã) resulta do Tchoung-young que a *prudencia esclarecida, a humanidade ou a benevolencia universal para com os homens, a força da alma* são as tres virtudes universaes ou capitaes, ou a porta por onde se entra no caminho recto que devem seguir todos os homens. Assim, segundo Confucio, as faculdades es-

senciaes para attingir a este estado de perfeição moral, que permitte devotarmo-nos ao serviço de todos os homens são: a prudencia, a humanidade, e a coragem. De accordo com uma tal concepção, Confucio constituiu o typo do homem de Estado votado ao serviço continuo da Sociedade:

"Todos aquelles que governam os imperios e os reinos, teem nove regras invariaveis a seguir, a saber: regular-se ou aperfeiçoar-se a si mesmo, reverenciar os sabios, amar a seus pais, honrar os primeiros funccionarios do Estado ou os ministros, estar em perfeita harmonia com os outros funccionarios e magistrados, tratar e querer ao povo como a um filho, attrahir para si todos os sabios e artistas, acolher com agrado os homens que vêm de longe, os estrangeiros e tratar com amizade todos os grandes vassalos."

"Desde o momento que o principe tiver bem regulada e melhorada a sua pessôa, desde logo os deveres universaes serão cumpridos para com elle mesmo, etc., etc." (Tchoung-young).

Além de uma tal systematisação moral, Confucio, em harmonia com este grande fim de sua existencia, recolheu todos os antigos monumentos da civilisação chineza, donde resultaram, como retoques litterarios (essencialmente sob a dymnastia dos Han de 202 antes de Jesus Christo) os livros sagrados da China. Estes livros sagrados são o *Y-king* ou *livro das transformações, o Chou-king* ou *livro dos annáes,* o *Chi-king* ou *livro dos versos* e o *Li-ki* ou *livro dos ritos.*

O *Chi-king* ou *livro dos versos* é uma collecção das mais antigas poesias chinezas; e que remontam ás épocas mais afastadas desta civilisação; o *Li-ki* ou *livro dos ritos,* é uma collecção de ritos segundo os quaes se regulam as diversas relações humanas. Este livro que contem documentos antiquissimos não foi constituido sob a forma actual senão sob a dymnastia dos Han.

O *Y-king* (1) ou livros das *transformações* é um dos mais antigos monumentos da civilisação chineza.

Eis aqui qual é a composição fundamental do livro. O primeiro elemento deste livro consiste em vinte e quatro traços ou pequenas linhas, doze das quaes inteiras e doze entrecortadas, ou separadas por um pequeno intervallo. Existem ali os oito trigrammas de Fo-hi, a quem a tradicção attribue a fundação da civilisação chineza (3.000 annos antes de Jesus Christo) 1200 annos pouco mais ou menos antes de Jesus Christo, Wen-wang, fundador da dymnastia dos Tchen, acompanhou estes trigrammos de Fo-hi de commentarios dando a esses vinte e quatro traços uma certa significação, e provavelmente segundo as mais antigas tradicções de que haja vestigio. O filho de Wen-van, Tchou-koug, augmentou este commentario de um novo mais explicito; foi este fundo primitivo que Confucio desenvolveu por um commentario mais amplo ainda. Foi assim que formou-se o *Y-king*. Esta obra assim constituida, tem sido, desde a sua origem até os nossos dias, objecto de uma serie não interrompida de commentarios, numerosos espiritos teem-se exercitado na China sobre este assumpto que offerecia uma atractivo particular pelo seu caracter mesmo de indeterminação primitiva. Vê-se no *Y-king* o emprego dos numeros como meio de explicação e de regulamento, segundo uma tendencia espontanea que encontramos em todas as civilisações. A numeração, estabelecida sob o regimen fetichico, constitue a primeira instituição scientifica da Humanidade. Tendo naturalmente a referir a estas primeiras noções positivas todas as outras. D'ahi esta theoria philosophica dos numeros que vê-se surgir por toda parte e que, apezar dos inevitaveis exaggeros, contém um fundo de verdade e

(1) Vêr a *Noticia sobre o Y-king*, pelo Padre Visdelou, no fim da traducção do *Chou-king* do Padre Gaubil, publicada por de Guignes.

uma importancia social e mental, muito maior do que se suppõe em nossos dias.

Emfim o livro sagrado mais importante collecionado por Confucio, é o *Chou-king* ou *livro dos annaes* que contem noções historicas do mais alto interesse sobre as antigas dymnastias da China. O periodo abrangido por esta obra, se estende desde os imperadores Yao e Chun (2357 antes de Jesus Christo) até o anno de 790 antes de Jesus Christo. A historia authentica da China não remonta, segundo os criticos, muito além do anno 2357 antes de Jesus Christo; depois disso entra-se nos periodos fabulosos, ou semi-fabulosos. Assim, Confucio além da obra directa de sua systematisação moral, colleccionou as tradicções fundamentaes da civilisação chineza, da qual se apresentava com razão como continuador; porque com effeito a sua obra continuava a tradicção aperfeiçoando-a em vez de maldizêl-a.

Em definitivo podemos resumir summariamente a obra de Confucio, e a apreciação do seu caracter e do seu papel.

Vemos primeiramente um grande philosopho apoiando-se, para produzir, uma immensa evolução moral e social, sobre o conjunto dos antecedentes e das tradicções, e nellas se apoiando realmente. Não se trata aqui destas hypotheses arbitrarias pelas quaes o Christianismo construiu-se uma tradicção artificial, na impotencia de representar realmente, por uma theoria verdadeiramente scientifica, os antecedentes de onde emanou verdadeiramente. Aqui é um philosopho que se apoia real e sinceramente sobre a serie dos antecedentes da civilisação chineza e que prosegue no desenvolvimento systematico dessa civilisação. E' um typo verdadeiramente normal, e intimamente conforme ao verdadeiro espirito scientifico, que apoia sempre as suas construcções actuaes sobre as construcções anteriores. Sob o impulso christão e revolucionario, os

Occidentaes, nas especulações moraes e sociaes, desenvolveram pelo contrario uma disposição ao mesmo tempo irracional e universal em desconhecer completamente a continuidade social.

Confucio busca o seu ponto de apoio no fetichismo astrolatrico, base da civilisação chineza. Acceitando inteiramente o fetichismo astrolatrico, e respeitando profundamente o culto construido sobre estas bases elle começa por operar no fetichismo uma transformação, que se realisará plenamente entre os mais distinctos dos seus successores. Começa por operar com effeito a distincção entre a actividade e a vida. O fetichismo considera todos os sêres não somente como activos (o que é perfeitamente scientifico) mas ainda como vivos, o que não é verdadeiro senão com relação a um certo numero dentre elles.

Em Confucio já se vê claramente apparecer que se trata muito mais das *leis* do céo e da terra do que *das vontades* destes dois sêres preponderantes, de tal sorte que, posto que o commando seja concebido como um *mandato* do céo, este *mandato* tende a representar, em vez da vontade celeste, a fatalidade que resulta das leis regulares; esta concepção de Confucio tem tanto maior importancia quanto dá-lhe mais generalidade, concebendo essencialmente todos os phenomenos sociaes como regulados pelas leis dos phenomenos celestes; o que é verdadeiro até um certo gráo. Os phenomenos astronomicos dominam os phenomenos sociologicos, mas não no gráo de precisão, em que se lhe deixa suppor a principio. Assim vêem-se os espiritos eminentes da escola de Confucio tenderem espontaneamente para o estado scientifico, concebendo todos os corpos como activos, mas não como vivos, de modo a apresentar um estado mental superior em racionalidade ao estado theologico-metaphysico.

Sobre a base fornecida pelo regimen astrolatrico, Confucio construiu a sua systematisação moral, to-

mando emprestadas ao fetichismo astrolatrico as noções de *ordem* e *submissão* que resultam necessariamente do typo dos phenomenos celestes. Sobre este ponto elle coordenou a moral com o pleno sentimento de um grande destino politico e social. Trata-se aqui de uma moral verdadeiramente pratica, em que os deveres proprios ás diversas relações da vida humana são claramente formulados concebendo sempre que o fim ultimo é o estado de plena unidade caracterizada pela preponderancia da sociabilidade sobre a personalidade. Como condição da solução de um tal problema, elle systematisou a preponderancia da familia, estabelecida ao mesmo tempo sobre a submissão filial e o devotamento paterno.

Tal é o conjunto muito geral desta construcção moral. Ella está, como se vê, completamente despida de toda preoccupação sobrenatural. E eu já expliquei na minha primeira lição como isto dependia da ausencia do espirito theologico da preponderancia continua do regimen fetichico-astrolatrico.

A proposito desta ausencia completa de crenças sobrenaturaes, um espirito verdadeiramente distincto, o Sr. Abel Rémusat, affirma que á moral de Confucio falta sancção. Explica-se difficilmente como um tal espirito pôde deixar-se dominar pelos preconceitos theologico-metaphysicos, ao ponto de não comprehender que esta pretendida ausencia de *sancção* constitue ao mesmo tempo a realidade e a nobresa da moral de Confucio. Porque a falta de *sancção sobrenatural,* que é sempre essencialmente pessoal, faz resaltar em Confucio a admissão formal da existencia espontanea de sentimentos benevolos. Confucio reconhece a moralidade espontanea da natureza humana. A *sancção* consiste precisamente na felicidade de fazer o bem pelo bem, neste estado emfim de plena unidade que visa como ideal o verdadeiro sabio, sob o impulso de uma ardente sociabilidade, esclarecida por uma ardente ra-

zão. — As concepções theologico-metaphysicas têm tendido a degradar neste particular a verdadeira noção da natureza humana, sobretudo depois que os inconvenientes da doutrina não são mais contrabalançados pela sabedoria do sacerdocio.

Emfim, politicamente, o desenvolvimento gradual da reforma de Confucio teve como resultado dar á classe modificadora da civilisação chineza uma solida constituição, que assegurou e aperfeiçoou a sua acção, cuja influencia dura ainda e tem sido continuamente crescente sobre a sociedade correspondente.

Tal é o conjunto desta grande existencia systematica e activamente votada á realisação de uma nobre reforma social.

Certamente, a civilisação occidental nos apresenta typos superiores, como intelligencia ou como actividade ao do philosopho chinez. Aristoteles e Archimedes eram intelligencias de uma ordem mais elevada. Cesar era um homem de Estado de mui maior pujança. Mas, pode-se dizer, o Occidente não formou typo que realise no mesmo gráo que Confucio, esta alliança do bom senso com a moralidade, ao mesmo tempo que uma actividade longamente devotada ao melhoramento geral da sociedade correspondente. Eis um philosopho que, sem apoiar a sua renovação sobre superstição alguma, proclamando o aperfeiçoamento moral como fim supremo, e fazendo-o consistir em um devotamento continuo á Sociedade, cujas bases essenciaes melhora, não rompe de modo algum com as tradicções da civilisação que quer melhorar, e dá por sancção definitiva a uma tal vida, o profundo sentimento de haver cumprido o seu dever. — Certamente os occidentaes se podem instruir na contemplação de semelhante typo, podem aprender em contraposição á irracional ingratidão christã e revolucionaria, que pode procurar realizar a evolução social sem romper com os predecessores, e que se modifica tanto mais dignamente uma

sociedade quanto mais scientemente se procura apoio sobre aquelles que nos precederam, fazendo inteira justiça á sua acção.

Assim, o Occidente esclarecido e regenerado collocará cada vez mais entre os objectos de sua intima veneração, o illustre philosopho que um immenso imperio proclama como o mais eminente dos renovadores.

Consideremos agora a systematisação de Confucio em si mesma e relativamente a coordenação definitiva da sciencia humana.

A theoria de Confucio, constitue no fundo, uma coordenação empirica da moral, tendo por destino preciso a direcção effectiva da natureza humana. Ora a immensa lacuna de uma tal coordenação é precisamente a propria lacuna da civilisação chineza, isto é a ausencia de um conveniente desenvolvimento da sciencia abstracta, para dar uma base systematica á moral e que permitte uma modificação sufficiente, quer do mundo exterior, quer do homem. Porque a modificabilidade repousa inteiramente sobre o estabelecimento das leis abstractas. E' o conhecimento das leis abstractas dos diversos phenomenos, que permitte unicamente instituir uma modificabilidade, ao mesmo tempo poderosa e regular.

Para precisar uma tal apreciação, vou ligal-a á serie encyclopedica na qual Augusto Comte condensou hierarchicamente o conjunto da sciencia abstracta. A hierarchia encyclopedica nos offerece as sciencias abstractas na seguinte ordem: mathemtica, astronomia, physica, chimica, biologia, sociologia e moral. A moral rematante desta longa evolução mental, compõe-se de duas partes essenciaes: 1.º moral theorica, instituindo o conhecimento da natureza humana; 2.º moral pratica, instituindo o governo da natureza humana. E' por esta segunda parte que se opera a passagem da theoria á pratica; o que permittiu admittir-se que não ha normalmente no fundo senão praticos, actuando uns so-

bre as cousas e outros sobre os homens. Mas a natureza, necessariamente systematica do segundo modo de acção, tem feito com que se dê á classe que delle se occupa o nome de *classe theorica*. Apanha-se depois disto claramente a lacuna profunda que a propria natureza da civilisação chineza impoz á systematisação de Confucio. Falta-lhe a longa elaboração abstracta que vai da mathematica á moral e sem a qual não se pode estabelecer uma verdadeira theoria, sufficientemente profunda da natureza humana. Mas esta mesma lacuna theorica é, para o governo da natureza humana, uma causa de grande insufficiencia; porque o homem social não póde ser assim insufficientemente dirigido, por falta de um conhecimeto aprofundado das leis abstractas dos diversos phenomenos que o dominam, desde os phenomenos mathematicos até os phenomenos sociaes. Ora a evolução ulterior da China não pode preencher uma tal lacuna, sendo a propria natureza da civilisação chineza antipathica á instituição da abstração e por consequencia era ella impropria ás elaborações scientificas necessarias. O trabalho philosophico, proprio á escola de Confucio, reduzia-se essencialmente a alguns desenvolvimentos e a commentarios.

A analyse que acabamos de effectuar mostra a profunda isufficiencia mental e social desta bella systematisação empirica de Confucio; mas ella mostra ao mesmo tempo de que modo o Occidente poderá actuar, pelos seus orgãos mais eminentes, sobre uma tal civilisação. A sciencia occidental acceitando, como Confucio, a supremacia da moral, chegará então a fazer comprehender aos espiritos directores dessa civilisação, a necessidade de dar-lhe uma base que a consolide e fortifique e que lhe permitta emfim instituir um conveniente governo da natureza humana. De um lado os contactos cada vez mais desenvolvidos do Occidente com a China, farão comprehender aos espiritos philoso-

phicos deste grande imperio a necessidade de uma sciencia social que saiba apreciar estados sociaes tão differentes como os da China e do Occidente; a necessidade da sociologia trará gradualmente por uma serie incontestavel a necessidade successiva da biologia, da chimica, da physica, da astronomia e da mathematica, segundo as dependencias que ligam entre si as diversas ordens irreductiveis de phenomenos; donde resultará em resumo a necessidade, para os philosophos chinezes, de um estudo systematico da grande hierarchia abstracta, base essencial do estado mental definitivo da especie humana. O Positivismo, respeitando a evolução espontanea da China, operará assim a renovação total do seu estado mental, e isto de um modo tanto mais completo quanto, incorporando o fetichismo, adoptará essencialmente o seu culto official.

CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE A ESCOLA DE CONFUCIO, OU ESCOLA DOS LETTRADOS.

Trata-se de indicar agora de um modo summario, os principaes trabalhos emanados da escola de Confucio ou melhor o espirito geral que domina taes trabalhos. Não se trata aqui, com effeito, de uma historia detalhada da philosophia e da sciencia chinezas; é este um assumpto immenso que não terá, no momento actual, um grande interesse; o importante para nós é ver o seu caracter essencial. O estudo aprofundado dos historiadores chinezes poderia fornecer-nos novos detalhes; vastos trabalhos porém teem sido feitos sobre este assumpto e elles são mais que sufficientes para construir, segundo as leis geraes da philosophia da historia, uma sã theoria scientifica desta evolução mental. Tres ordens de trabalhos emanam da escola de Confucio e estão profundamente impregnados do proprio espirito da civilisação chineza, tal como nós o definimos; primeiramente obras moraes de-

senvolvendo as doutrinas de Confucio; e em segundo lugar, uma philosophia natural que transforma o fetichismo astrolatrico, pela separação da idéa de *actividade da vida*, apoiando-se sobre as bases estabelecidas por Confucio; emfim immensos trabalhos de erudição, de estatistica etc. e etc., em uma palavra trabalhos de sociologia concreta. Porque os trabalhos de erudição são, no fundo, collecções de observações que servem de ponto de partida a verdadeiros trabalhos scientificos em sociologia. Foi nesses trabalhos preparatorios que parou a civilisação chineza, segundo o espirito concreto que a caracteriza. Vejamos primeiramente os trabalhos de philosophia moral.

Estes trabalhos são, no fundo, immensos e numerosos commentarios de Confucio; elles explicam, desenvolvem as formulas da systematisação empirica deste renovador, mas sem mudar cousa alguma ao espirito fundamental da sua construcção; baseando-se o systema de exames no estudo dos livros moraes de Confucio, desenvolveu naturalmente esta immensa litteratura dos commentadores. O principal philosopho que marchava no caminho praticado por Confucio, foi Meng-tseu (Mencio). Meng-tseu nasceu no começo do IV seculo antes de Jesus Christo, na provincia actual de Chan-toung; morreu muito velho, 314 annos, antes de Jesus Christo. Occupa, com justiça, na estima dos chinezes lugar immediato ao de Confucio. Prestam-se-lhe honras publicas analogas ás prestadas ao proprio Confucio, a quem está sempre associado na veneração publica. Ha em Meng-tseu um caracter particular que constitue um progresso real na construcção de Confucio, posto que nella existisse o germen de uma maneira distincta. Mais do que Confucio, systematisou as condições de eliminação da familia imperial ou do elemento central; eliminação necessaria, quando este não preenche mais, de um modo verdadeiramente supportavel, as condições fundamentaes de sua funcção. Es-

tabeleceu claramente que quando o chefe da familia imperial não preenchesse mais os deveres moraes e sociaes ligados a sua funcção, deixe de ser chefe, de ser filho do céo; o mandato do céo, em virtude do qual elle governa, deve ser-lhe retirado. Ha pois em Meng-tseu um caracter de mais clara opposição ás invasões e as perturbações que pode suscitar o poder imperial, que descresce como elemento da unidade de conservação e de extensão da civilisação chineza. Ora é inevitavel que se seja obrigado a mudar algumas vezes o orgão preponderate da sociedade; foi esta necessidade que Meng-tseu systematisou, determinando as suas condições geraes. Um tal espirito está, como se vê, bem afastado do espirito de submissão absoluta que emana do espirito puramente theologico.

Entre os numerosos commentadores a que deu lugar Confucio, pode-se sobretudo citar Tchou-hi que vivia pelos fins do seculo XII antes de Jesus Christo, sob a dymnastia dos Soung. Tchou-hi tornou-se o commentador classico por excellencia e o seu commentario não é habitualmente separado da obra de Confucio e de Meng-tseu. Este commentario é cheio de sabedoria e de bom senso, como o de todos os lettrados chinezes em geral, quando o seu espirito não é alterado pelas extravagancias theologicas dos buddhistas e dos Tao-sse. Estes trabalhos de philosophia moral, consistentes em commentarios dos livros fundamentaes da China, teem sido continuados até aos nossos dias, e muitos soberanos não se designaram de contribuir para elles.

Confucio havia distinguido a actividade da vida. Foi o ponto de partida capital, donde resultou uma philosophia natural, que constitue um intermediario entre o fetichismo e a sciencia propriamente dita, base dogmatica do Positivismo. Assim vê-se que Tchou-hi (seculo XII antes de Jesus Christo) fundou uma philosophia atomistica, na qual estabeleceu definitivamen-

te, para os espiritos cultivados, a separação nos corpos da noção de actividade da vida, esboçada por Confucio. Os phenomenos não resultam mais, como no fetichismo propriamente dito, das vontades dos sêres correspondentes que as manifestam; são simplesmente um resultado dos diversos modos de actividade destes sêres. Elle admitte pois que a actividade especial de cada um destes sêres produz os diversos phenomenos; actividade especial cuja manifestação se acha regularisada pela actividade preponderante do céo; o que é uma transformação positiva do fetichismo astrolatrico da China; e esta concepção tem a vantagem de representar a preponderancia normal dos phenomenos astronomicos sobre todos os outros. Esta preponderancia é philosophicamente estendida, posto que de um modo exaggerado, até aos phenomenos sociaes, cujas evoluções estão ligadas ás revoluções astronomicas. E' incontestavel que a vegetalidade, a animalidade e sociabilidade, são effectivamente dominadas pelas leis as mais geraes do mundo.

Assim, em uma tal philosophia, as noções dos sêres sobrenaturaes, exteriores aos sêres reaes, e produzindo nelles os diversos phenomenos, segundo inexplicaveis caprichos, é completamente eliminado; tudo se explica pela actividade espontanea dos proprios sêres. Uma tal concepção approxima-se essencialmente da que serve de base á sciencia propriamente dita; mas falta-lhe a instituição da abstracção scientifica. Em que consiste, com effeito, a verdadeira systematisação scientifica? em admittir a actividade expontanea dos diversos sêres, e em procurar as leis abstractas proprias aos seus diversos modos de actividade ao mesmo tempo que communs a um grande numero de sêres differentes.

Os Chinezes teem tambem um consideravel numero de obras de historia natural propriamente dita, isto é collecções de observações relativas aos diversos

sêres; mas estas noções muito numerosas e muito precisas são essencialmente concretas, com o sentimento muito presente de um destino pratico e não conduziram a nenhuma verdadeira lei biologica. Constataram e colleccionaram com precisão grandissimo numero de observações metereologicas; a sua astronomia tem o mesmo caracter — as suas observações puramente concretas são numerosas e assaz precisas; mas as theorias, propriamente ditas, e no fundo muito pouco desenvolvidas, emanam dos astronomos mulsumanos e christãos.

Em resumo pois, immenso desenvolvimento de trabalhos de observações concretas precisas e numerosas, mas ausencia de sciencia verdadeiramente abstracta, nos estudos cosmologicos e biologicos.

Este mesmo caracter, consequencia inevitavel da propria natureza da civilisação chineza, se manifesta nos estudos relativos aos phenomenos sociaes. — Deve-se, com effeito, aos chinezes admiraveis trabalhos de erudicção, isto é de sociologia concreta.

Confucio occupa-se de trabalhos historicos, pois que, (além de haver feito uma compilação dos principaes trabalhos mentaes da China) havia composto uma historia do reino de Lou. De resto, o sentimento de continuidade, preponderante na China, explica sufficientemente esta activa preoccupação dos estudos historicos, do mesmo modo que o espirito verdadeiramente positivo, e desligado das crenças sobrenaturaes, dá perfeitamente conta do espirito de exactidão, de critica minuciosa e paciente que caracterisa as principaes obras de erudicção dos sabios chinezes; as fabulas e as divagações emanam sempre da influencia perturbadora dos buddhistas e dos Tao-sse.

Os sabios da escola de Confucio marcharam nesta senda de estudos historicos, pacientes, exactos, e seus trabalhos versaram, não sómente sobre a China propriamente dita mas tambem sobre todas as popula-

ções circumvisinhas, que estiveram com ella em relações de commercio ou de politica. E' neste veeiro fecundo de historiadores chinezes que se tem abundantemente haurido, e se deve ainda beber, para se terem noções positivas e serias sobre a historia e a geographia das populações tartaras. — Eu não posso, nem devo mesmo fazer aqui um resumo da historia dos immensos trabalhos de erudicção, devidos á China; quero sómente insistir sobre dois typos, como indicação e meio de precisar sufficientemente as observações geraes que acabo de expôr.

Um dos mais eminentes eruditos da China é Ssema-thsian, cognominado o *Pai da historia,* e o *Herodoto da China* (1). Nasceu em Loung-men (provincia de Chen-si), pelo anno de 165 antes de Jesus Christo sob a dymnastia dos Han occidentaes, isto é sob a grande dymnastia reparadora que se tendo aproveitado dos resultados do energico impulso de Thsin-chi-hoang-ti, retomou todavia o desenvolvimento da civilisação chineza seguindo o espirito de seus verdadeiros antecedentes. — Seu pai que era primeiro historiographo da Côrte da China, destinou seu filho a escrever a historia e educou-o com cuidado e nesta conformidade, mostrando-se elle desde os seus primeiros annos digno de uma tal distincção.

"Elle foi encarregado de dirigir uma expedição militar que o conduziu aos paizes que correspondem ás provincias actuaes de Yunan e de Sse-tchoun. Foi no curso desta viagem que soube que Ssema-than, seu pai, estava perigosamente enfermo. Não perdeu um só momento em voltar para junto de seu pai, mas só chegou para receber os seus ultimos suspiros.

"Mesmo no leito da morte, Ssema-Than conservou o sentimento de seus deveres; e a viagem que aca-

(1) Vêr a *Noticia* consagrada a Ssemathsian, por Abel Rémusat. (Novas miscellaneas asitaticas, tomo II).

bara de fazer seu filho interessava-o ainda, como pai e como historiographo. Fez com que lh'a relatasse detalhadamente e depois de tel-o ouvido dirigiu-lhe um discurso que Ssema-thsian referiu por inteiro: "O grande historiador tomou minhas mãos entre as suas, diz elle, e com lagrimas nos olhos, fallou-me assim: Os nossos antepassados, desde o tempo da terceira dymnastia, illustraram-se constantemente na academia da historia. Seria a mim que estaria reservado ver acabar esta honrosa successão? Si me succederdes, meu filho, leve os escriptos de nossos antepassados. O imperador, cujo reinado glorioso se extende por toda a China, me havia ordenado que assistisse ás ceremonias solemnes que elle praticara sobre a Montanha sagrada, não posso pôr-me ás suas ordens. Para cumprir estas ordens, sereis sem duvida chamado. Lembrai-vos então dos meus desejos. A piedade filial se mostra primeiramente nos deveres que se cumprem para com os pais, nos serviços que se prestam ao principe, emfim no cuidado que se toma da sua propria gloria. E' o cumulo da piedade a seu pai e a sua mãi augmentar gloria de um nome tornado celebre." (Abel de Rémusat, *Novas miscelanias asiaticas,* tomo II).

Ssema-thsian executou o que seu pai lhe havia indicado. Tornou-se historiador, historiographo titular e finalmente censor. Teve a dupla funcção de narrar o passado e de aconselhar o presente. Preencheu as suas funcções de censor em circumstancias verdadeiramente difficeis e com um heroismo que o honra. Os seus trabalhos historicos são immensos, precisos, conscienciosos, e guiados por uma critica sabia e esclarecida. A sua obra é um admiravel monumento de erudicção.

"A sua obra intitulada *Memorias historicas* divide-se em 130 livros, subdivididos em cinco partes. A primeira parte abrangendo 12 livros, contem, sob o nome de *Chronica imperial,* tudo o que é relativo ao imperio considerado no seu conjunto. — A segunda par-

te, composta de 10 livros, é formada de quadros historicos, de quadros symnopticos, como em grande numero existem no Occidente. — A terceira parte, em 8 livros, é designada pelo titulo de *Pa-chou* (os oito ramos das sciencias). O autor nelles trata successivamente do que se relaciona aos ritos, á musica, aos tons considerados como typos das medidas de comprimento, á divisão do tempo, á astronomia, ás ceremonias religiosas, aos rios e aos canaes, e aos pesos e medidas. Ssema-thsian ahi trata, em outras tantas dissertações separadas, de todas as variações que tem experimentado esses diversos objectos, durante os vinte e dois seculos cuja historia a sua obra abrange. A quarta parte, formada de 30 livros, encerra a historia genealogica de todas as familias que possuiram algum territorio, desde os grandes vassalos da dymnastia dos Tcheou até aos simples ministros ou generaes da dymnastia dos Han. — Emfim a quinta e ultima parte, composta de 70 livros, é consagrada a memorias sobre a geographia extrangeira, e a artigos de biographia mais ou menos extensos, sobre todos os homens que conquistaram um nome nos diversos ramos da sciencia ou da administração. (Abel de Rémusat, *Novas miscelanias asiaticas*, tomo II).

Os lettrados na China teem escripto um grande numero de encyclopedias, umas geraes, outras especiaes. Ha-as relativas ás diversas profissões, ao trabalho da porcelana, ao dos bichos da sêda, a agricultura etc., etc. Ha-as relativas ás diversas administrações, á vigilancia dos celeiros publicos, aos trabalhos de direcção dos rios etc. Um dos mais eminentes encyclopedistas chinezes é Ma-touan-lin. Ma-touan-lin nasceu na provincia de Kiang-si pelo meiado do seculo XIII. Teve por mestre o celebre commentador Tchou-hi de quem já fallamos. A quéda da dymnastia dos Soung e a conquista dos Mongóes decidiu-o a consagrar-se inteiramente aos seus trabalhos de erudicção, renunciando á carreira administrativa. Consagrou 20 annos a

acabar a immensa obra que, sob o nome de *Pesquiza aprofundada dos antigos monumentos,* constitue o seu grande titulo de gloria.

Esta vasta encyclopedia é composta de 24 sessões, que se dividem em 348 livros. Vou, segundo Abel Rémusat, dar o seu plano:

1.ª *sessão.* Da partilha das terras e dos seus productos sob as differentes dymnastias, 7 livros.

2.ª *sessão.* Das moedas quer metalicas quer ficticias; papeis-moedas, etc. etc., 2 livros.

3.ª *sessão.* Da população e suas variações, 2 livros.

4.ª *sessão.* Da administração, 2 livros.

5.ª *sessão.* Das portagens e das alfandegas, e em geral de todos os direitos que se percebem pelos lagos e tanques piscosos, plantações de chá, salinas, minas e fabricas, assim como barreiras, ferros, etc., etc., 6 livros.

6.ª *sessão.* Do commercio e do cambio, 2 livros.

7.ª *sessão.* Dos impostos territoriaes ou tributos sobre as terras, 1 livro.

8.ª *sessão.* Das despesas do Estado, 5 livros.

9.ª *sessão.* Da elevação aos cargos e da classe dos magistrados, 12 livros.

10ª *sessão.* Dos estudos e exames dos lettrados, 7 livros.

11ª *sessão.* Das funcções dos magistrados, 21 livros.

12ª *sessão.* Dos sacrificios, 23 livros.

13ª *sessão.* Dos templos dos antepassados, 15 livros.

14ª *sessão.* Do ceremonial da Côrte, 22 livros.

15ª *sessão.* Da musica, 15 livros.

16ª *sessão.* Da guerra, 13 livros.

17ª *sessão.* Dos castigos e dos supplicios, 12 livros.

18ª *sessão.* Dos livros classicos e outros, 76 livros.

A extensão desta sessão deriva de ter-se feito entrar nella a analyse d'uma multidão de tratados curiosos sobre todas as especies de assumptos e de obras de todas as seitas: é uma verdadeira historia litteraria.

19 *sessão.* Da chronologia dos imperadores, e da genealogia das familias que tem occupado o throno, 10 livros.

20ª *sessão.* Dos principados tributarios e dos feudos erigidos sob as diversas dymnastias, 18 livros.

21ª *sessão.* Dos corpos celestes e seus accidentes, como eclipses, conjunções, etc., 17 livros.

22ª *sessão.* Dos prodigios e das calamidades, como as inundações, os terremotos, os aérolithos, as chuvas de gafanhotos etc., 20 livros.

23ª *sessão.* Da geographia da China e de todas as divisões do imperio, nas differentes épocas da monarchia, 9 livros.

24ª *e ultima sessão.* Da geographia estrangeira e de todos os povos que tem sido conhecidos dos Chinezes, 25 livros.

De resto, esta vastissima obra tem sido continuada sobre o mesmo plano desde o seculo XIII até aos nossos dias. (Abel Rémusat, *Miscelanias asiaticas,* tomo. II).

O autor desse vasto monumento nasceu pelo anno de 1245 depois de Jesus Christo e morreu no anno de 1325 mais ou menos.

Este duplo specimen, precisando as novas indicações geraes, faz claramente comprehender o verdadeiro caracter da sciencia chineza tal como ella se desenvolveu, essencialmente na escola de Confucio. Estudos concretos, especiaes, precisos, exactos, mas ausencia da sciencia propriamente dita, que consiste sempre na descoberta das leis abstractas dos phenomenos, e este caracter essencial que resulta do espirito fundamental da civilisação chineza, não poude ser sensivelmente modificado, nem pelas divagações abstractas e metaphysicas dos Tao-sse e dos buddhistas, nem tampouco

pela introducção dos diversos elementos da sciencia abstracta, vinda dos Indús, dos musulmanos e dos christãos. E' que, só a religião demonstrada, baseada sobre a coordenação dogmatica das diversas sciencias abstractas desde a mathematica até a moral, poderá determinar uma transformação gradual, ao mesmo tempo profunda e regular.

DAS RELAÇÕES DO OCCIDENTE COM A CHINA

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A SITUAÇÃO GERAL DO OCCIDENTE EM SI MESMO E COM RELAÇÃO AO RESTO DO PLANETA.

Temos assim terminado a apreciação da civilisação chineza, considerada successivamente, nos seus elementos essenciaes, em sua evolução e finalmente nos seus principaes typos philosophicos. Havia uma alta importancia theorica na execução de um tal trabalho. Porque a China constituia, até agora, uma especie de mysterio historico, directamente inacessivel ás explicações de todas as theorias teologico-metaphysicas (1). Existiram sim numerosos documentos devidos a uma sagaz e paciente erudicção, alguns bosquejos interessantes e por vezes profundos haviam sido produzidos, mas não existia uma verdadeira theoria do conjunto da civilisação chineza. Impressiona fortemente ver um homem, que pensou profundamente sobre um tal assumpto, Abel Rémusat, chegar ao ponto de considerar metaphysicos, mui provavelmente imbuidos da philosophia indú, como typos da civilisação chineza, emfim, Abel Rémusat, apezar dos balanços engenhosos, e algu-

(1) E' a profunda concepção positivista sobre o Fetichismo, principio expontaneo da razão humana, que forneceu o ponto de partida de uma theoria verdadeiramente scientifica sobre tal assumpto.

mas vezes profundos, desconhece de tal sorte o espirito fundamental do povo, que tanto havia estudado, que não podia comprehender a adoração real do céo, que é entretanto a base mental de sua longa evolução.

Assim pois este grande problema historico não tenha sido nem podia ser resolvido, até ao advento da philosophia positiva, que devia mostrar por uma tal solução a sua profunda realidade e a sua intima fecundidade.

Mas, não obstante a incontestavel importancia philosophica desta theoria, é mister que della se façam decorrer consequencias de uma mais alta utilidade, fazendo-a servir de base á instituição de uma politica systematica que dirija emfim as relações cada vez mais estreitas do Occidente com a China de maneira que estas relações sejam uteis ao mesmo tempo a estes dois grandes grupos sociaes, em vez de serem tão profundamente perturbadoras para um e para outra, como se torna cada vez mais manifesta.

São pois os principios de uma tal politica, deduzidos do duplo estudo da evolução occidental e da evolução chineza, que vou agora rapidamente desenvolver; será este o resultado pratico e social do nosso estudo.

Antes de emprehender a exposição desta politica, é preciso summariamente considerar a situação do Occidente em si mesmo, com relação ao resto do planeta e especialmente quanto á China.

Um primeiro facto incontestavel, é a situação profundamente revolucionaria do Occidente; isto é, que nelle existe ausencia de doutrina directora, negação dos antecedentes, proseguimento do futuro sem preoccupação do passado, anarchia intellectual sempre crescente. A unidade de opinião, base de toda sociedade duravel, vingou cada vez mais. O Occidente collaca-se pois cada dia mais e mais em uma situação profundamente instavel.

O segundo facto capital proprio a esta situação, é o desenvolvimento crescente de uma actividade industrial cada vez mais preponderente, caracterisada por um espirito de iniciativa, que sobreexcita, em vez de regular, a ausencia de unidade doutrinal que acabamos de constatar. E' preciso apreciar a origem historica desses dois factos essenciaes antes de proseguir nas consequencias, quanto as relações do Occidente com o resto do Planeta.

A idade media, a partir do seculo XIV, entregou a éra moderna que se abria, uma massa social livre, sem casta, e necessariamente pacifica e industrial. Resultou d'ahi a situação a mais profundamente favoravel a um desenvolvimento, sempre crescente, sob o impulso do seu proprio peso, da actividade scientifica, esthetica e industrial. A situação que Augusto Comte apontou como fonte da livre evolução propria á civilisação grega, tornou-se, graças a libertação dos trabalhadores realisada na idade media, commum ás numerosas populações do occidente europeu. A actividade necessariamente pacifica da massa social, o bem estar e a independencia que ella creia em uma vasta escala, a emancipação que proporciona a ausencia do espirito de casta e a oppressão mental da theocracia, tornaram-se desde logo a fonte de uma actividade verdadeiramente inaudita, de um espirito de iniciativa inteiramente sem exemplo, que augmentavam cada dia os resultados obtidos e que limitava cada vez menos a impotencia da doutrina theologica, que havia prevalecido durante a idade media. Este movimento exclusivamente proprio ás populações occidentaes, era um resultado necessario de toda a serie dos antecedentes, gregos e romanos primeiramente, e finalmente catholicos e feudaes. Foi assim que produziu-se a situação que definimos ha pouco de uma immensa população entregue a

uma actividade constantemente crescente e cada vez menos regulada (1).

Espiritos collocados em um tal meio deviam impellir os seus emprehendimentos em todas as direcções. Deviam surgir, dahi, e com effeito surgiram, energicas individualidades desenvolvendo na industria e no commercio a mais poderosa actividade.

Este fóco incandescente devia necessariamente, sob o impulso combinado do espirito scientifico e industrial, dos habitos militares, e alguns respeitos secundarios das crenças theologicas, desenvolver a activas relações com o resto do Planeta. O estabelecimento destas relações na mais vasta escala era ao mesmo tempo inevitavel e indispensavel.

A propria situação que acabo de analysar, tão profundamente favoravel á iniciativa individual e ao desenvolvimento scientifico e industrial explica por que relações cada vez mais vastos e cada vez mais activos deveram desenvolver-se entre o Occidente e o resto do Planeta, a partir do fim da media idade e principalmente depois do meiado do seculo XV. Nessa época vemos uma actividade de circulação verdadeiramente inaudita. O Planeta está no fundo realmente descoberto e percorrido em todos os sentidos; a grande navegação aperfeiçoa-se, os conhecimentos geographicos já adquiridos concorrem para um novo desenvolvimento.

---

(1) Esse grupo, composto de cinco grandes populações distinctas, a França no centro, a Italia e a Espanha ao meio-dia, a Grã-Bretanha e a Germania ao norte, é habitualmente designado sob o nome de *christandade*. Haveria opportunidade em substituir as denominações de *occidentalidade*, de *povos occidentaes*, ás denominações evidentemente improprias de *christandade*, de *povos christãos*. Em primeiro logar, estas designações anachronicas são faltas de precisão englobando a Russia e os christãos orientaes, evidentemente extranhos a um tal grupo. De outro lado, indicam como unica, no estabelecimento da civilização occidental, a influencia christã, que não foi propria e certamente a influencia preponderante, emfim ellas tendem a manter um dualismo rancoroso entre as cinco populações avançadas e o resto do Planeta. Ha pois urgencia philosophica e utilidade social em substituir definitivamente *occidentalidade* á *christandade*.

Vemos pois ali um facto fundamental, é preciso acceital-o com um resultado inevitavel dos antecedentes; fosse isto um bem, ou fosse um mal, era impossivel que fosse de outra sorte, segundo as explicações que acabo de dar.

Mas, se estas relações eram inevitaveis, eram tambem fundamentalmente indispensaveis á preparação como ao estabelecimento, da religião universal que o Occidente regenerado deve finalmente constituir.

O termo final da evolução, proprio á nata da Humanidade, é a fundação da religião universal. Neste sentido, fez-se uma grande tentativa no Occidente; foi o catholicismo; e posto que tivesse elle completamente abortado, quanto a seu termo final, nem por isso foi menos necessario para estabelecer o problema e mesmo preparar a sua solução. A missão de fundar a religião universal pertencia necessariamente ao Occidente, porque para isto fazia-se mister uma civilisação militar no meio da qual se podesse desenvolver realmente a sciencia abstracta. Só a sciencia abstracta, descobrindo as leis geraes e ao mesmo tempo reaes proprias ás diversas ordens de phenomenos distinctos, póde servir de base dogmatica á doutrina susceptivel de tornar-se verdadeiramente universal; porque em tal sciencia revela a ordem fundamental que domina a existencia humana, ao mesmo tempo individual e collectiva. Esse desenvolvimento completo da abstracção é com effeito especialmente proprio, como o estabeleceu Augusto Comte, ás populações essencialmente militares do occidente; mas, de outro lado, esta actividade militar preponderante era indispensavel, para permittir o estabelecimento da religião definitiva, como a unica que pode dar habitos de iniciativa e de independencia pessoaes. Assim, pois, em resumo, a fundação da religião universal não podia emanar senão do Occidente, a vanguarda da Humanidade, e delle effectivamente emanou, pela grande construcção de Augusto

Comte, remate final e essencial de toda a evolução anterior.

Ora, as relações do Occidente com o resto do Planeta eram indispensaveis, primeiro para o estabelecimento e finalmente para a conveniente diffusão, da religião universal.

O conhecimento do nosso Planeta, não somente theorico (tal qual emana da astronomia), mas tambem pratico, tal qual resulta de uma activa investigação, era necessario á fundação da fé definitiva, determinando a séde precisa das diversas populações que é necessario ligar. Por este meio pode-se conceber uma politica verdadeiramente terrestre, de maneira a evitar a estreiteza do ponto de vista nacional, e o arbitrio indefinido das concepções theologicas. A fé scientifica tem desde então por objecto preciso, e sufficientemente geral, constituir uma unidade terrestre, eliminando finalmente toda preoccupação sobrenatural, como tambem toda restricção empirica, e adquirindo toda a extensão possivel, sem sahir dos limites da realidade. Assim o conhecimento pratico do nosso Planeta, completando o conhecimento devido á astronomia, contribuiu para a fundação da religião universal, determinando o objecto preciso sobre o qual devia exercer-se a sua acção.

O conhecimento real e aprofundado das diversas populações espalhadas sobre o Planeta humano, foi necessario de um outro modo á fundação da fé definitiva, desembaraçando-a do ponto de vista absoluto pelo espectaculo dessas multiplas evoluções sociaes, e fazendo definitivamente resaltar a impotencia manifesta do theologismo para a fundação da religião universal; porque os dois grandes monotheismos (islamico e catholico) unicas aspirantes á religião universal, não puderam, no seu periodo de pleno ascendente, attingir senão a uma minima porção da especie humana. Emfim, só o conhecimento destas diversas civilisações, po-

dia dar em verificação decisiva das leis sociologicas, permittindo verificar no espaço a lei da evolução descoberta pela consideração preponderante da serie homogenea das diversas phases da civilisação occidental.

Assim, pois, por estes diversos titulos, as relações activas do Occidente com o resto do Planeta eram indispensaveis á fundação da fé definitiva, mas o eram tambem ao seu estabelecimento final. O conhecimento previo das diversas populações do Planeta era necessario para conceber o plano geral da propagação da doutrina emanada do grupo occidental, formando a flor da especie humana. As relações que se desenvolveram entre o Occidente e o resto do Planeta, durante os cinco seculos da éra revolucionaria, eram pois tão indispensaveis quão inevitaveis.

Mas essas relações deveram necessariamente resentir-se do caracter anarchico da era que as viu surgir e desenvolver-se. Um proselitismo, empiricamente cego, quiz extender ao resto do Planeta uma fé que se extinguia gradualmente no seu principal fóco. Taes tentativas, devido muitas vezes a honrosos sentimentos, apezar da estreiteza intellectual que lhes servia de base, coincidiram com uma oppressão e uma exploração crescentes da parte do Occidente; esta exploração e esta oppressão sendo bastante favorecidas pela anarchia crescente das populações ou impotencia das antigas doutrinas e ausencia de uma nova fé, deixavam livre o campo aos impulsos pessoaes e egoistas. O primeiro dever da fé positiva será regular estas relações abandonadas d'aqui em diante á mais ignobil cubiça. Antes de expôr os principios de uma tal politica, especialmente sobretudo no que concerne á China, devo primeiramente, Srs., dizer-vos summariamente o que teem sido e o que são actualmente taes relações.

EXAME SUMMARIO DAS RELAÇÕES DO OCCIDENTE COM A CHINA E DO ESTADO ACTUAL DESTAS RELAÇÕES.

Os antigos Gregos e Romanos não tiveram da China senão um conhecimento muito confuso, suas relações com ella não foram em todo caso senão indirectas. Aconteceu o mesmo essencialmente durante a idade media, em que os musulmanos principalmente serviram de intermediarios entre o Occidente e o extremo Oriente; e os intermediarios tinham, em ambos os casos, interesse em occultar os seus meios de communicação com estes paizes longinquos. Entretanto algumas communicações directas tiveram lugar, e todo mundo conhece as viagens do celebre Marco-Polo. Essa viagem foi effectuada de 1271 a 1295 no reinado de Hou-pi-lie. Temos de Marco-Polo uma relação interessantissima de sua viagem, e extremamente importante do ponto de vista da geographia da idade media. Um grande numero de traducções notadamente em latim, foram feitas sobre o original provavelmente escripto no dialeto venesiano. Posto que a descripção, feita por Marco-Polo, do immenso imperio chinez, fosse em começo acoimada de fabula, dando lugar assim a que se suspeitasse da veracidade desse notavel viajante, foi pelo menos de uma alta importancia. A lembrança de um grande imperio no extremo oriente permaneceu como um fim que deviam attingir as activas investigações do Occidente. A partir do seculo XVI as relações do occidente com a China tomam um grande desenvolvimento e uma extrema intensidade. Abertas pelas duas grandes empresas de Christovão Colombo e Vasco da Gama, adquiriram em uma situação favoravel a esse respeito, uma actividade sempre crescente. Os occidentaes appareceram então na China passageira e accidentalmente, mas não appareceram senão como flibusteiros cubiçosos e ousados aventureiros. Esta impressão, longo tempo conservada, não poude ser mo-

mentaneamente contrabalançada senão pela admiravel missão dos jesuitas, gloria real desta celebre sociedade, e que constitue a tentativa a mais moral, para a instituição das relações entre o Occidente e o resto do Planeta. Além desta missão ser devida a motivos sociaes, e não a impulsos puramente pessoaes, como todas as outras empresas, a sua execução foi realizada com um espirito sabiamente relativo, tanto e mesmo mais talvez, do que permittiu o espirito absoluto do theologismo christão. Os jesuitas pensavam, como pensam ainda muitos espiritos na Europa, que o christianismo era a ultima expressão da civilisação humana e que, por consequencia, era um dever fazer com que todas e quaesquer outras populações do Planeta participassem delle. As diversas missões christães foram realizadas sob o impulso desse motivo verdadeiramente honroso em si mesmo, por mais illusoria que fosse a esperança do bom exito. Mas a missão dos jesuitas na China foi realizada como uma sagacidade especial e além disso com um pleno devotamento que merecerá sempre o respeito dos homens sensatos. Vamos summariamente resumil-a.

Esta grande missão foi instituida pelo padre Matheus Ricci (nascido em Macerata, na fronteira de Ancône, em 1552, fallecido na China a 11 de Maio de 1610) com todos os caracteres essenciaes que conservou durante os seculos XVII e XVIII. Elle comprehendeu desde logo a necessidade de actuar principalmente sobre os chefes e essencialmente sobre o imperador. Renunciou ás vestimentas dos bonzos que havia tomado primeiramente, e fez adoptar aos jesuitas o costume dos lettrados. Tem-se censurado uma tal conducta que era no fundo bastante ajuizada, pois que procurava approximar os jesuitas da corporação verdadeiramente directora da China, rompendo, tanto quanto possivel, toda a solidariedade com os padres buddhistas, mais ou menos despresados pela flor da população. Esta

conducta era tanto mais necessaria quanto ha uma grande semelhança dogmatica entre o catholicismo e o buddhismo. Ricci instituiu um sabio systema de tolerancia para com o culto dos antepassados e o do céo, do mesmo modo que para com o culto de Confucio que constituem a base fundamental da civilisação chineza. Emfim, recommenda a civilisação occidental á China pela propagação e ensino dos conhecimentos scientificos abstractos, cujo fraco desenvolvimento na China constitue uma profunda lacuna desta civilisação. Esta missão foi pois espontaneamente estabelecida, tanto quanto o permittia a estreiteza mental do dogma chistão, com os caracteres que convêm á toda missão sabiamente instituida: respeito e apreciação da civilisação que é preciso modificar, serviços prestados preenchendo, por uma propaganda devotada e pacifica, as lacunas que lhe são proprias.

A missão assim instituida por Matheus Ricci, desenvolveu-se durante os seculos XVII e XVIII com os caracteres proprios a sua fundação. Ella prestou, pelos conhecimentos geometricos e astronomicos dos missionarios, serviços reaes á civilisação chineza sem todavia poder determinar a este respeito uma modificação sufficientemente profunda, cuja instituição definitiva não póde pertencer senão á religião positiva. Os jesuitas foram sempre apreciados na China, emquanto lhe trouxeram os conhecimentos scientificos do Occidente. O imperador Kan-hi, por uma experiencia de gnomonica engenhosamente instituida, fez resaltar a superioridade da sciencia occidental sobre a sciencia chineza. Jesuitas foram postos então á testa do tribunal mathematico; poude-se ver assim que a China não era absolutamente refractaria á uma verdadeira propaganda da sciencia occidental, quando esta souber apreciar e respeitar convenientemente a civilisação do celeste imperio.

A missão dos jesuitas póde-se dividir em dois periodos successivos, proprios o primeiro ao seculo XVII e o segundo ao seculo XVIII a que se poderia summariamente designar sob o nome de periodo italiano e francez. O primeiro é caracterisado pela fundação da missão sob o impulso de Matheus Ricci, o segundo foi sobretudo honrado por grandes trabalhos de erudicção, sobretudo do padre Gaubil, que é o seu mais eminente representante.

Além dos serviços prestados á China, os jesuitas prestaram ao Occidente o importante serviço de fazer conhecer emfim a grande civilisação chineza, por immensos trabalhos de erudicção que serão sempre a base sobre a qual repousarão as novas investigações. De um outro lado, os jesuitas tiveram a este respeito a inapreciavel vantagem de passar a sua vida inteira no meio da população que elles estudavam. Evitaram assim essas superficiaes apreciações, muitas vezes caluminosas e sempre ridiculas, pelas quaes viajantes pretendiam julgar ás pressas uma civilisação, da qual não podiam apreciar desde logo senão os inconvenientes. — Devemos ao padre Gaubil uma historia da astronomia chineza que só elle, talvez, por uma rara combinação de profundos conhecimentos astronomicos e de um intimo conhecimento do chinez, podia realizar. Deve-se-lhe tambem uma traducção do *Chou-King,* o mais antigo e o mais preciso dos livros sagrados da China, e cujo conhecimento está para os proprios chinezes eriçado de difficuldades. — "O estylo no qual está escripto o *Chou-King,* diz o Sr. Abel Rémusat resente-se do tempo em que o livro foi composto, o seu laconismo excessivo, a escolha das palavras que nelle são empregadas, a especie de figura que ahi se encontra, fazem com que nenhum outro livro chinez lhe possa ser comparado em difficuldades, e que se pensa estar em estado de ler todos os outros, mesmo os de Confucio sem entender uma palavra deste. E' de alguma sorte

uma outra lingua, que differe mais do chinez moderno do que este de qualquer outro idioma." O padre Gaubil compoz um grande numero de outras obras, todas distinctas por uma erudicção ao mesmo tempo profunda e segura.

(AQUI TERMINAM OS ORIGINAES DA TRADUCÇÃO DE GENERINO DOS SANTO, PAG. 137 DA 1.ª EDIÇÃO E 131 DA 2.ª.)

Enviado á China em 1723, ahi morreu aos 24 de Julho de 1759. Além de seus trabalhos de erudição e suas funcções especiaes de missionario, o padre Gaubil, succedeu ao padre Parenin como director do collegio em que os jovens Mandchús vinham estudar latim, para serem empregados a seguir nos negocios com os Russos. Foi além disto interprete para o latim, e o tartaro. Muitos outros missionarios jesuitas souberam assim combinar os deveres de sua missão especial com grandes trabalhos de erudição e importantes funcções publicas, utilmente preenchida, com grande proveito da população que queriam converter.

Assim se desenvolveu, durante dois seculos, uma missão util ao mesmo tempo para a China e o Occidente.

Mas por mais sabio e respeitavel que tenha sido no fundo o systema de tolerancia para com o culto de Confucio e dos antepassados, era antipathico comtudo á estreiteza dogmatica do catholicismo, que os jesuitas haviam sabido sobrepujar por nobre instincto politico. O abbade Boileau exclamando, a proposito deste systema da missão: "Meu entendimento de christão, ficou transtornado", traduz ingenuamente a incompatibilidade do espirito relativo e de uma sabia tolerancia com o dogmatismo absoluto proprio ao Monotheis-

mo christão. Tambem o papado, sob a excitação continua dos dominicanos, fiel ao espirito de seu dogma, finalmente condemnou o systema de tolerancia introduzido pelos jesuitas, e que só poderia permittir, não a connexão chimerica da China ao catholicismo, mas ao menos sua admissão junto ao Buddhismo.

Nem por isto esta grande missão deixa de constituir a unica tentativa honesta e séria para modificar a civilisação chineza. O Occidente ultrapassará certamente uma tal missão no ponto de vista mental, apoiando-se em uma doutrina relativa e mais real; mas jamais ouso dizel-o, não se sobrepujará a probidade, o devotamento e a estricta modestia destes respeitaveis religiosos. Era dever de reconhecimento dar testemunho tão merecido de respeito a esta nobre missão, verdadeiro titulo de gloria da celebre companhia que a instituiu.

A partir do 18º seculo, as relações commerciaes do Occidente com a China adquiriu mais extensão e importancia; mas, ao mesmo tempo, as disposições dos Occidentaes em considerar a China como mina a explorar, sem outros limites que não fossem os resultados de necessidade insuperavel, tambem augmentaram. Chega-se a não crêr em nenhuma especie de obrigação moral para com essas populações: a só preponderancia da força lenta é invocada e o Occidente vangloria-se sobretudo, contra populações chegadas essencialmente ao estado industrial e pacifico, da enorme superioridade de seus meios de destruição. Taes disposições manifestaram-se sobretudo na vergonhosa guerra do opio em 1842. Uma expedição em que uniu-se uma poderosa população empregar a violencia para obrigar um governo a permittir o envenenamento de sua população, não é apenas deshonrosa para a aristocracia e a burguezia inglezas que a instituiu; o labéo recahe tambem sobre o Occidente inteiro, que não pro-

testou sufficiente nem perseverantemente contra o abuso tão imoral da farça lenta. (1)

Assim as relações commerciaes do Occidente com a China tomaram um caracter de mais a mais anarchico, sobretudo pela protecção da força publica. Poderão melhorar recebendo comtudo maior extensão ainda, quando os governos tiverem comprehendido a necessidade de corrigir os abusos, em vezes de deixarem-se levar pelos impulsos de uma opinião publica que infelizmente, favorece muito taes alienações. — Porque, sobre a preponderancia sobretudo da escola, supposta progressiva, chegou-se, no Occidente, a systematizar a oppressão e a exploração do resto do Planeta, sob o pretexto especioso de civilisação. Formou-se, relativamente á China e ás relações commerciaes do Occidente com ella, um conjunto de opinião que é preciso caracterisar.

Estas opiniões resumem-se em um sentimento orgulhoso da preponderancia da civilisação occidental, e em cego despreso de todas as outras civilisações quaesquer. D'ahi resulta a disposição para fazer prevalecer por toda a parte, e sobretudo pela força, sob o nome vago de progresso, a anarchia mental e o industrialismo desregrado que prevalecem cada vez mais no Occidente. Posso fazer a este respeito duas citações, tanto mais caracteristicas porque emanam de espiritos serios e honrados. Mostrarão a que grau de observação pode conduzir esta noção vaga e d'ora avante tão perigosa de *progresso*, que no fundo, mais não é, no momento, sinão a glorificação systematica de um industrialismo anarchico.

Em um trabalho, interessante de certo, sobre o Buddhismo, o sr. Barthelemy Saint-Hilaire resume a

(1) Apezar dos vagos principios economicos sobre a liberdade industrial, é certo ser dever de todo governo impedir uma cultura e um commercio como o do opio. E' agindo assim que o Occidente poderia mostrar ao Oriente a superioridade de sua civilisação, em vez de apresentar o espectaculo da força publica ao serviço da cupidez desregrada e infrene.

opinião de um peregrino chinez sobre a india e fal-a seguir de algumas apreciações que lhe são pessoaes: — "Hiouen-Thsang (1) indica em algumas linhas a distincção das castas, e não se detem, como ordinariamente se faz, senão ás quatro principaes, porque seria muito longo fazer conhecer as outras em detalhe, como elle proprio diz. Analysa, perfunctoriamente as leis do casamento entre os Indús, e tem bastante cuidado de accentuar o horror que elles tem para com as segundas nupcias da mulher. Desde que uma mulher casou-se uma vez, é-lhe expressamente prohibido até o fim da vida ter segundo esposo. Sabe-se que esta lei sanccionada por uso inflexivel, perpetuou-se até este momento; e ainda recentemente os jornaes inglezes da India nos deram conhecimento, como facto desusado, e como grande victoria da civilisação sobre preconceitos inveterados, que joven viuva indú acabára de convolar segundas nupcias. E' um progresso immenso, que as autoridades inglezas obtiveram após ingentes esforços e de que ellas estão tão ufanas, quanto de terem abolido o costume atroz dos Suttios." (Barthelemy de Saint-Hilarie, o Buddha e sua religião, pag. 257).

Eis um costume que todos os homens sensatos de todos os tempos haviam se comprasido em respeitar.

Honrou-se em todos os paizes o estado de viuvez como um estado mais perfeito que o de segundas nupcias; creu-se sempre haver qualquer cousa de digno nesta fidelidade á morte. Os occidentaes chegam na India, e veem como o maior de todos os progressos conseguir destruir um uso honroso, que a todos os aspectos deveriam respeitar. E' um exemplo verdadeiramente caracteristico desta singular fatuidade do espirito occidental, preconisar como progresso a violação d'uma regra moral, que era preciso expandir em vez de restringir, principalmente porque esta regra não está

(1) Peregrino chinez do seculo 7.º da nossa era.

conforme ao estado actual de anarchia de nossa civilisação.

Um ministro protestante publicou recentemente sobre a China um interessante trabalho, e com as mais benevolentes intenções em relação a um povo que estudou de perto. Resumiu em algumas linhas a maneira porque concebe poder o Occidente civilisar a China.

"Si se poder conceber alguma esperança em mudança feliz, ella não se deve fundar sobre uma agitação mais ou menos organizada, mas sobre o facto que o *pensamento* começa a circular no povo. Novas idéas foram infiltradas no espirito popular. Desde o estabelecimento das relações livres com os estrangeiros em 1842, "o conductor de homens" mostrou-se á China. O espirito de confiança em si mesmo, tão manifesto nas ultimas insurreições, começou a tomar no povo um tom mais elevado. Semelhantes agitações, como as tempestades e os furacões, purificam a atmosphera. Commoções de natureza tão grave excitam o pensamento e as tentações, ensinam ao povo agir por si mesmo, e destruir as migalhas fosseis dos preconceitos, da beatice e da superstição. Cada abalo na nação revela o trabalho deste vasto laboratorio onde se preparam os resultados novos e inesperados. Não podemos nos impedir de crer que todas estas ondulações moraes do solo da China chegarão a produzir alguma cousa de bom. E' assim que todo o nosso globo, depois que as convulsões terriveis da natureza varreram a superficie, acabou por apresentar uma forma que o proprio soberano Creador dignou-se achar satisfactoria." (A vida real na China, pelo reverendo Guilherme C. Milne, 1858, pag. 509).

Notemos, primeiro, de passagem, como é singular ouvir um ministro da religião christã fallar de superstição e de beatice, em se tratando duma civilisação tão desprendida de crenças sobrenaturaes, propriamente

ditas, quanto a civilisação chineza. Mas no fundo, qual é o ideal que propõem transportar á China? E' simplesmente um estado de completa anarchia, de que se espera surgirá emfim uma regeneração de que não se fixa nem o espirito, nem as condições, nem a natureza.

Isto é tanto mais caracteristico, que esta deploravel algaravia revolucionaria emana de um homem da ordem, do ministro de uma religião pacifica, que não traduz sinão melhor involuntariamente esta disposição cada vez mais preponderante do Occidente a considerar toda agitação vaga como um progresso.

Assim, em resumo o Occidente desenvolveu com a China indispensaveis relações commerciaes, mas levou nellas uma disposição verdadeiramente anarchica e oppressiva pela chamada continua da força publica afim de favorecer, em vez de restringir, os mais condemnaveis excessos da cupidez. — Quanto áquelles que, sinceramente desejam a melhoria da China por seus contactos com o Occidente, infelizmente só trazem preconceitos os mais estreitos na apreciação de uma civilisação que desconhecem completamente, e não concebem no fundo senão anarchia indeterminada como condição da civilisação do immenso imperio oriental. (1) Applicam como processo de civilisação a noção vaga de progresso, d'oravante o mais commum synonimo de anarchia e que cada vez mais torna-se uma especie de formula banal com a qual se justificam as tentativas, as mais absurdas.

Ha pois urgencia em estabelecer os principios geraes de uma politica mais racional e mais moral, para

(1) Ha, bem entendido, honrosas excepções a uma tal apreciação geral, emanadas sobretudo de habeis sinologos, devotados ao estudo desta grande civilisação. Após as assignaladas considerações geraes de Abel Rémusat, podem-se citar os interessantes trabalhos dos Srs. G. Pauthier, d'Hervey Saint-Denis; deve-se a este ultimo uma apreciação muito judiciosa da questão chineza. Ver seu opusculo intitulado: *A China perante a Europa.*

regular emfim as relações espontaneamente surgidas da actividade desordenada do Occidente.

DOS PRINCIPIOS GERAES SEGUNDO OS QUAES DEVEM SER REGULADAS AS RELAÇÕES DO OCCIDENTE COM A CHINA

E' preciso agora, senhores, indicar rapidamente quaes são os principios fundamentaes segundo os quaes devem ser reguladas as relações entre o Occidente e o resto do Planeta, e dever-se-á precisar a applicação d'estas considerações ao caso especial da China.

O passado desenvolveu no Occidente as forças humanas sob todos os seus diversos aspectos. Esta longa e laboriosa preparação está hoje em dia terminada. O estado normal deve regular as forças que o passado desenvolveu. E' esta directriz que institue a religião demonstrada. Para todos os verdadeiros regenerados, este regulamento deve começar immediatamente para todos os diversos aspectos da vida privada e publica. Mas, no ponto de vista social, as relações as mais geraes, quer dizer as de um povo para com outro, tendo sido as primeiras perturbadas, devem ser as inicialmente regradas, ao menos em seu conjunto. Estas relações geraes, perturbadas desde o inicio do seculo decimo quarto, são aquellas sobre as quaes nós podemos mais, sobretudo as relações extra-Occidentaes, porque estão ligadas a habitos ao mesmo tempo menos intensos e menos numerosos. E' na regulamentação destas relações, que o Positivismo poderá mostrar, de inicio, sua superioridade; porque, só elle, pode as conceber, ao abrigo concumitantemente de uma difamação ou de uma admiração systematicas, e porque vem emfim regulal-as moralmente fóra de todo arbitrario, segundo principios fundamentados sobre o proprio conjunto de nossos conhecimentos abstractos.

A religião universal, cujo problema final é fazer prevalecer a sociabilidade sobre a personalidade em todos os aspectos, quaesquer que sejam, de nossa existencia, finalmente estabeleceu os principios d'este regimen. Mas cuida-se examinar primeiro quaes são no Occidente as forças sobre as quaes pode sobretudo apoiar-se o Positivismo, para constituir emfim esta opinião publica que fará prevalecer os principios geraes da moral demonstrada, contra as forças perturbadoras que favorecem o estado revolucionario. — As forças ás quaes o Positivismo pode e deve chamar, para apoiar com sua livre opinião as prescripções da moral demonstrada, são essencialmente as mulheres e os proletarios.

O Positivismo estabelece em principio que a moral é uma, e que suas prescripções devem applicar-se a todas e quaesquer relações, mesmo ás entre o homem e os animaes, o que de resto o instincto pratico fez espontaneamente admittir no Occidente — suas classes são naturalmente dispostas, fóra de toda convicção dogmatica em virtude de sua natureza e situação a admittir e a sanccionar esse grande principio; são as mulheres e os proletarios. Porque essas duas classes soffrem necessariamente do desregramento das forças humanas, desregramento que dimana sempre, seja dos theoricos, seja dos praticos que, pela unica razão de constituirem as forças dirigentes, tendem sempre necessariamente á abusar. O caracter mesmo de toda verdadeira força é poder abusar.

As mulheres tendem expontaneamente a apoiar todo regulamento moral por uma disposição nobre e pura, que pertence á sua superioridade moral; é pois em virtude da sua melhor natureza intrinseca, bem mais do que de sua situação que são naturalmente inclinadas a sanccionar todas as prescripções moraes. Assim, na Inglaterra onde as relações extra-Occidentaes receberam o mais anarchico desenvolvimento, viu-

se as damas inglezas darem o apoio efficaz de sua opinião na abolição da escravidão dos negros nas colonias. Este admiravel exemplo mostra o que pode adquirir de poderio este nobre sustentaculo espontaneo de todo regramento moral.

Da parte do proletariado, o apoio será menos espontaneo, e mais systematico porque dimana principalmente da situação dos individuos do que das suas proprias naturezas. Toda perturbação na acção das forças sociaes reage necessariamente e sobretudo sobre a immensa massa proletaria que constitue a propria base de nossas sociedades. Ora, existe uma intima solidariedade entre qualquer regulamento; e aquelles que pedem o regulamento moral das relações entre os empreiteiros e os trabalhadores não podem sanccionar o dominio anarchico da força nas relações do Occidente com o resto do Planeta, e reciprocamente aquelles que com um fim de lucro e cupidez ou de orgulho e vaidade, sanccionam o dominio oppressivo do Occidente, serão pois capazes de vir pedir a seus chefes uma administração, melhor das forças sociaes, poderio ou riqueza? E' pois a essas duas grandes classes que o Positivismo vem pedir, mesmo fóra de toda convicção dogmatica, para sanccinar activamente as prescripções da moral universal, em suas relações as mais geraes da Humanidade. E' ás mulheres e aos proletarios, guiados pelas mais irrecusaveis demonstrações da religião positiva, o formar emfim no Occidente uma opinião preponderante que ponha um freio ás forças perturbadoras que aproveitam do interregno revolucionario para empregar a força publica ao serviço da cupidez privada.

E' assim que constituiremos gradativamente a corrente de opinião que deve modificar os elementos perturbadores, essencialmente emanados da burguezia que produzem com muita frequencia a perturbação e a oppressão das outras populações planetarias. Mas é

certo tambem que esta opinião deverá encontrar finalmente um ponto de apoio efficaz nos governos propriamente ditos, sobretudo dictatoriaes.

Porque esta acção desordenada das populações avançadas sobre o Oriente tende a desenvolver no Occidente a noção anarchica de progresso, que serve de justificação antecipada a toda e qualquer perturbação. A noção de progresso não representa mais no Occidente senão um desenvolvimento sem freio e sem limites. Trata-se actualmente de produzir muito e consumir ainda mais; eis o essencial. Se surgisse uma modificação qualquer, sobretudo material e profundamente perturbadora, é immediatamente justificada; é o progresso! A noção de progresso é actualmente uma especie de justificação automatica e estupida de todo acontecimento, contanto que perturbe uma situação existente. Se quizerdes conservar um estado de coisas existentes, na sciencia, na industria, na politica, sois, retrogrado; mais se quizerdes perturbar uma ordem determinada, sois progressista. A preponderancia crescente de uma tal situação torna-se cada vez mais perigosa. E' em nome de um tal principio, que as tentativas as mais anarchicas, em sciencia, na moral, na politica, são continuamente tentadas, ou ao menos concebidas. Que um espirito incompetente, sem preencher nenhuma especie de condição preliminar, venha atacar os principios mais incontestaveis da sciencia, em vez do justo desprezo que merece taes esforços, emanados, sempre de uma vaidade indisciplinada, alliada habitualmente a uma profunda debilidade mental, um publico ainda mais incompetente applaude, em nome do progresso. Essa palavra constitue d'oravante uma especie de explicação mystica que dispensa toda a reflexão. Passado, presente, futuro, tudo é explicado por essa palavra maravilhosa. E é assim que se estabeleceu um dogmatismo banal tão immoral quanto absurdo.

Já é mais que tempo de reagir contra esta noção perigosa, que tende a comprometter a existencia de toda e qualquer ordem. — O progresso *nada mais é que o desenvolvimento da ordem. O progresso moral é mais importante que o material e o intellectual*: Taes são os dois grandes principios estabelecidos por Augusto Comte e segundo os quaes as intelligencias Occidentaes podem ser trazidas emfim á situação normal de que tendem cada vez mais a se afastar. E' preciso subordinar o *progresso* á *ordem*, e proclamar emfim *a supremacia do progresso moral*: Taes são duas das conclusões essenciaes resultantes da immensa elaboração mental que caracterisa o Positivismo, mas o bom senso universal sanccionará cada vez mais estes principios, cujo estabelecimento systematico exigiu as mais poderosas meditações. As mulheres e os proletarios sentiram o profundo perigo do progresso concebido independentemente da ordem, e os immensos inconvenientes da supremacia do progresso material sobre todos os outros.

Tambem pode se esperar que os governos Occidentaes, que devem absorver a mantença da ordem material de mais a mais difficil no meio de uma anarchia mental e moral crescentes, comprehenderão emfim a solidariedade que liga a ordem material á moral. Cedo comprehenderão o perigo que ha em desenvolver por uma acção perturbadora sobre o Oriente, a noção perturbadora de progresso proprio ao Occidente. E mesmo que fosse verdadeiro ser nossa intervenção exterior verdadeiramente util ao Oriente, a desmoralisação que resulta incontestavelmente para os Occidentes d'ella dever-nos ia afastar, adstrindo-nos ás simples relações commerciaes livremente queridas e acceitas pelas duas partes.

Será preciso emfim que a força publica seja concebida como destinada a regular e muitas vezes a refrear em vez de cegamente favorecer, as relações do

Occidente com o Oriente. E' neste sentido que devem mudar as opiniões das populações e dos governos.

E' preciso notar que é necessariamente da burguezia que emanam estes elementos de perturbações e são os governos parlamentares, orgãos de uma tal classe, que sobretudo favorecem e protegem uma tal politica. Tambem é na Inglaterra que esta politica extra-Occidental tem completo desenvolvimento. Graças ao regimen parlamentar, uma porção da burguezia fez servir uma altiva aristocracia a favorecer e dirigir expedições militares com fim de abrir por todos os meios escoadouros commerciaes, este systema politico provoca o desregramento das forças industriaes, além de impellir á desmoralisação mesma do proletariado procurando ligal-o a uma fructifera exploração do resto do planeta. Esta politica de resto teve sempre o apoio habitual do jornalismo, que nada mais, é do que complemento necessario do regimen parlamentar. Temos visto os mais acreditados orgãos do jornalismo inglez em citar um massacre systematico dos indús, e intentar as mais monstruosas calumnias para attingir tal finalidade. Contra estas manifestações sanguinarias surgiram na Inglaterra protestos admiraveis (1). Mas o conjunto do jornalismo Occidental não protestou em absoluto contra tão censuraveis excessos.

E' pois sobre a opinião publica, cujos governos, sobretudo dictatoriaes, saberão fazer-se orgãos, que poderemos encontrar no Occidente um ponto de apoio energico para reagir contra uma politica extra-Occidental verdadeiramente nociva.

---

(1) Vêr a *India*, pelo sr. Ricardo Congréve, 1 vol. in-8º em casa de Dunod, cáes dos Agostinhos, 49 — Vêr igualmente, no termino da noticia do sr. doutor Robinet sobre Augusto Comte, a traducção do protesto publico do sr. Ricardo Congréve contra o *Te Deum* ordenado pelo governo britannico pela terminação da insurreição da India.

E' preciso primeiro, no caso especial que nos occupa, que a opinião publica mude profundamente seu ponto de vista relativamente á civilisação chineza. — E' preciso que se admitta que ha, apezar de preconceitos, estupidos, uma civilisação respeitavel cujas condições de existencia é preciso conhecer antes de procurar modifical-a; é necessario tambem reconhecer emfim que o Occidente deve tender elle mesmo a sahir de uma situação revolucionaria, para chegar a uma situação verdadeiramente normal, antes de procurar modificar outras civilisações; modificações que, em virtude de seu caracter indeterminado, só podem ser perturbadoras para as populações em que agiram, e desmoralisadora para aquellas que agem.

A civilisação chineza desenvolveu-se gradualmente, e constantemente, em determinada direcção, durante quatro mil annos. Preside aos destinos da metade da especie humana, que faz viver convenientemente, em uma situação a muitos respeitos preferivel a de grande parte do proletariado Occidental. Esta civilisação verdadeiramente organica, solidamente assentada sobre uma admiravel constituição da familia, offerece um espectaculo onde o superficial orgulho, revolucionario do Occidente pode beber uteis licções. Collocados em ponto de vista normal, os chinezes concebem que todo o desenvolvimento social deve acceitar a continuidade, e que o presente, nascido do passado para preparar o futuro deve primeiro respeital-o e honral-o, em vez de amaldiçoal-o e desconhecel-o de accordo com uma ingratidão tão immoral quanto absurda. Emfim, esse grande imperio finalmente subordinou, no seculo passado, as populações tartaras, ligou-as emfim a um nucleo civilisador; a China preencheu assim uma funcção que uma apreciação superficial attribue á Russia, e preencheu-a certamente melhor do que esta poderia fazel-o. — Esta grande civilisação faz pois viver sob

um regimen pacifico a metade da especie humana (1), sem oppor a uma acção renovadora outra resistencia verdadeiramente seria senão a que resulta de uma justa confiança contra a forma, realmente anarchica que apresenta a civilisação Occidental. Apezar do Occidente possuir em si um desenvolvimento das forças sociaes que lhe confere definitivamente a suprema iniciativa, não é menos verdadeira que suas forças não regulamentadas constituem um estado profundamente anarchico, cuja acção sobre a China seria necessariamente funesta. Que o Occidente resolva emfim o problema de sua organisação normal; até lá os dirigentes da civilisação chineza não poderão senão contemplar, com maior repulsa (2) do que sympathia, uma agitação cada vez mais convulsiva e cuja reacção não poderia

---

(1) "Para juntar meu proprio testemunho ao do sr. Ellis, affirmarei que, durante nossa viagem na China, não vi (excepto em Cantão) (a) senão muito poucos exemplos de uma miseria abjecta entre as classes baixas, ou de um luxo extravagante entre as classes elevadas." (J. F. Davis, antigo Presidente da Companhia das Indias na China).

J. F. Davis cita em seguida as palavras caracteristicas de um chinez, Tien-ki-chi, que expõe as razões segundo as quaes felicita-se de ter nascido na China. — J. F. Davis accrescenta em seguida á esta citação as seguintes reflexões: "Seguramente, o paiz cujos habitantes se exprimem assim não poderá ser tido por mal governado. Um facto ainda mais notorio, é esta maxima popular que os chinezes citam frequentemente: O Imperador e o subdito que violam a *lei* são tão culpados um como o outro." (Da China, por J. F. Davis).

.....

(a) A excepção é caracteristica, e vê-se nitidamente os effeitos, desastrosos até aqui, dos contactos europeus.

(2) Mantinha, ha alguns annos, relações amigaveis e seguidas com um joven lettrado do norte da China, que o desejo de conhecer a Europa trouxera a Paris... Admirou sem reservas nossas descobertas scientificas modernas, a photographia, o galvanismo, as maravilhas da electricidade. Mas não invejava em absoluto senão os resultados positivos de nossas sciencias, o lado moral de nosso conjuncto social estava longe de impressional-o favoravelmente.

"Reconhecia francamente a superioridade de nossa iniciativa intellectual, sem estar bem persuadido que deveria nos invejar.

"Os olhos de nossa intelligencia são mais penetrantes que os nossos, me dizia elle, mas olhais para tão longe que não vêdes em derredor.

"Tendes um espirito ousado que deve fazer-vos vencer em muitas cousas, mas não tendes bastante respeito pelo que merece ser respeitado. Esta agitação perpetua na qual viveis, esta necessidade constante de distração, indicam claramente que não nos crêdes felizes.

ser senão perturbadora. Iremos transportar nosso despreso por toda autoridade, nossa familia em decomposição em que o justo respeito pelo patrio poder tornou-se uma excepção, para o meio de uma civilisação fortemente assentada, sobre admiravel constituição organica da familia? Concebe-se pois a justa repulsa desse povo contra conctatos mais intimos com o Occidente; a analyse scientifica a mais profunda e a mais exacta deve sanccionar, ao mesmo tempo que proclamar, em nome tanto da razão quanto da moral, a necessidade de restringir em vez de estender taes contactos.

O Occidente regenerado terá sem duvida de exercer mais tarde uma acção pacifica tão salutar quanto profunda, sobre esta grande civilisação para fundar o estado normal da especie humana sobre o planeta. E' pois util indicar as lacunas proprias a esta civilisação, e que nossa creação gradual fará cessar, para constituir emfim a Humanidade.

A lacuna capital e que, no ponto de vista mental, domina todas as outras, é a ausencia da instituição social da abstracção scientifica. A observação e a sciencia concretas amplamente surgiram e largamente desenvolveram-se na China, mas não a observação e a sciencia abstracta. D'ahi ausencia de generalidade sufficiente, e impossibilidade de uma verdadeira systematisação mental. A generalidade como a systematisação não podem resultar senão da abstracção scientifica.

Mas a constituição mental da China fornecerá, como já indiquei de resto, um ponto de partida admira-

---

"No meio de Vós está-se sempre como um homem em viagem; no meio de nós, ama-se repousar. Quanto aos vossos governos, quero crêr que elles tem lados bons; mas se elles nos conviessem tão bem como nos convem o nosso, não mudarieis tão frequentemente. Estou bem certo, eu, de encontrar em meu paiz as instituições que ahi deixei, e não vejo um d'entre vós que me garanta sómente por dois annos a solidez de seu governo de hoje." (A China perante a Europa, pelo marquez d'Hervey Saint-Denis.).

vel, para ahi fazer admittir pelas intelligencias directrizes a vasta construcção abstrata, gloria do Occidente e base de sua supremacia final. E isto só pode ter lugar porque a sciencia coordenada encontra sua méta final na moral, segundo a incomparavel systematisação de Augusto Comte. — Admittimos, como os pensadores chinezes, que a moral deve dominar ao mesmo tempo tanto a evolução theorica quanto a actividade pratica. Mas, segundo este principio mesmo pode-se cedo fazer comprehender que no ponto de vista theorico como no ponto de vista pratico uma constituição efficaz da moral exige precisamente uma longa preparação abstrata que vá por escalas successivas, da mathematica á moral. (Mathematica, astronomia, physica, biologia, sociologia, moral).

Porque a moral institue o governo da natureza humana segundo seu conhecimento profundo. Ora o conhecimento da natureza humana repousa necessariamente, para ser verdadeiramente profundo, sobre o conhecimento das leis reaes dos diversos phenomenos que influem sobre elle. Como conhecer o homem sem conhecer as leis estaticas e dynamicas dos phenomenos sociaes, e esses phenomenos mesmos como aprecial-os sem conhecer as leis da vida que dependem por sua vez dos phenomenos chimicos como esses dos phenomenos physicos que se processam sob a influencia dos phenomenos astronomicos e finalmente mathematicos. Mas se o conhecimento abstracto das leis dos diversos phenomenos distinctos é indispensavel a uma sã theoria da natureza humana ella é tambem á instituição de seu governo. Porque a modificabilidade, depende, tanto quanto a systematisação, do conhecimento das leis abstratas.

Assim pois a constituição mental da civilisação chineza, apesar de sua immensa lacuna, apresenta todavia um ponto de partida sufficiente para que o Occi-

dente regenerado possa determinar n'ella modificações tão salutares quanto profundas.

No ponto de vista da familia, o Occidente tem, quanto as relações filiaes e paternaes, mais a aprender do que a ensinar. Acceitando, sobre este aspecto, uma constituição verdadeiramente organica, não teremos senão que systematisal-a. Quanto ás relações conjugaes o incompleto desenvolvimento militar proprio da China as manteve em um estado imperfeito. Mas, a este respeito, e em nome do aperfeiçoamento universal admittido pela escola de Confucio como a méta final da existencia humana poder-se-á facilmente fazer admittir uma plena monogamia, monogamia extendida até a viuvez eterna. De resto, o respeito universal de que a viuvez é objecto na China facilitarão uma tal transformação.

No ponto de vista social, os chinezes chegaram com maior plenitude que o Occidente ao estado verdadeiramente normal, quer dizer ao regimen industrial e pacifico de tal maneira, que mesmo a acção militar é ahi reduzida á pura funcção normal de policia. Mas a divisão entre empreiteiros e trabalhadores, base necessaria de toda systematisação industrial, não se desenvolveu na China senão de uma maneira radicalmente insufficiente, sobretudo para a agricultura onde domina quasi exclusivamente a propriedade muito reduzida; de sorte que a constituição normal do estado industrial e pacifico só pode surgir no Occidente. De outro lado, a ausencia da sciencia abstrata não permittiu na China o estabelecimento da grande industria baseada finalmente sobre o emprego das machinas; de tal sorte que a lacuna mental desta civilisação constituiu uma profunda lacuna material. Sob este aspecto ainda, a systematisação industrial, que repousa necessariamente sobre a divisão entre empreiteiros e trabalhadores e sobre o emprego connexo das machinas, só poderia surgir no Occidente, sob o impulso da sciencia re-

generada, chegada emfim ao estado religioso. Mas esta systematisação, uma vez surgida, poderá gradualmente ser admittida em uma civilisação que reconhece o principio fundamental da preponderancia normal da vida industrial e pacifica. Até lá, toda a tentativa prematura de transportar para a China nosso typo Occidental de uma vasta concentração de capitaes e de um emprego desenvolvido das machinas não teria outro effeito senão produzir apavorantes perturbações (1). De resto, o espectaculo de nossa anarchia industrial não pode seduzir muito os homens de estado da China para impellil-os a uma introducção prematura e fatal.

Em resumo pois, respeitemos esta grande e nobre civilisação. Comprehendamos emfim que se ella apresenta lacunas incontestaveis, não se pode procurar preenchel-as sinão partindo de um conhecimento aprofundado da sociedade correspondente. Seu estado actual resultado de todo o seu passado, deve ser tomado como um ponto de partida de uma modificação systematica e gradual. Admittamos de inicio que o proprio Occidente deve ter sahido de seu estado de anarchia, deve ser emfim regenerado, attingindo, ao menos no conjunto, o estado normal, antes de tentar uma acção profunda sobre a China. Comprehendamos emfim que nossos esforços para agir violentamente sobre este gran-

(1) "Todas as medidas capazes de contribuir para a manutenção da ordem e da tranquilidade geraes são tomadas com uma solicitude verdadeiramente admiraveis. A verdade é que existe entre os chinezes uma actividade infatigavel que os assimila de uma maneira natural ás nações as mais intelligentes do Occidente, ao mesmo que ella os distingue eminentemente tambem de todos os povos asiaticos. Poder-se-ha achar nossa asserção bastante estranha, mas não cremos absolutamente dizer que, para tudo quanto entra na composição das communidades industriaes e bem organizadas, ha infinitamente menos differença entre elles e os Inglezes, os Francezes e os Americanos, do que entre esses povos e os habitantes da Espanha e de Portugal. Veremos com que arte, que garbo os chinezes souberam tirar partido da força dos diversos elementos; ignoram, é verdade, o poder do vapor... a primeira idéa que impressiona um chinez intelligente ao qual se explica os effeitos de nossas machinas é a dos males que poderão cahir sobre seu paiz se este systema, de que elle consideraria a importação como verdadeiro flagello, viesse a ser ahi inopinadamente introduzido." (Da China, por J. F. Davis).

de povo não podem ser senão perturbadores para elle e desmoralisadores para nós. Respeitemos a evolução espontanea desta grande civilisação, e nos livres contactos emanados das relações commerciaes, saibamos nos desembaraçar de preconceitos verdadeiramente pueris, e comprehender os nobres aspectos de uma organização que rege, convenientemente a metade da nossa especie. E trazendo assim ás nossas apreciações uma disposição moral e racional que as relações commerciaes actualmente constituidas poderão preparar espontaneamente, por uma livre e voluntaria adhesão, a acção que o Occidente regenerado poderá então ser digno de exercer.

NOTA Á ADVERTENCIA

Para melhor esclarecer as razões que levaram Miguel Lemos a solicitar de Generino a traducção d'este livro convém transcrever alguns trechos do Apostolo brasileiro.

Foram estes trechos tirados da publicação numero cinco da *Igreja e Apostolado Positivista do Brasil*, intitulada *"Imigração Chineza"* (Mensagem a S. Ex. o Embaixador do Celeste Imperio junto aos governos de França e Inglaterra), publicada a 1º de Frederico de 93, 5 de Novembro de 1881.)

"O governo do Brazil esforça-se atualmente por entrar em comunicação direta com a ilustre nação de que é representante V. Ex., a pretesto de alargar as nossas relações de comércio e amisade no interesse de ambos os paizes. Infelizmente ha falta de sinceridade em similhante afirmação, e os positivistas brasileiros julgão de seu dever levar ao conhecimento de V. Ex. o conjunto de documentos oficiais que demonstrão os verdadeiros intuitos do nosso governo em tais negociações. Antes porém, consinta V. Ex. que motivemos o nosso ato em poucas palavras.

"Separados pelos oceanos, pelos dezertos, pelas grandes cordilheiras, os póvos que, se derrâmão pela superficie da terra poderão dezenvolver-se livremente durante épocas imemoráveis. Ignorados uns dos outros, cada um seguiu a sua evolução espontanea, dando em rezultado as diferentes civilizações atualmente conhecidas. Entre grupos mais ou menos izolados que assim se forão constituindo destaca-se o conjunto de nações que Augusto Comte denominou a Republica Ocidental, formado hoje pela França, a Italia, e Espanha, a Inglaterra, a Allemanha e seus anéxos europeus e americnos.

"Enfeixados durante alguns seculos em um todo harmônico sob a autoridade do pontifice católico, esse grupo, caiu em revolução cada vez mais profunda a partir do XIV século. Foi isso conseqüência do aniquilamento gradativo das crenças religiozas em contradição crecente com todas as ezigências da Humanidade, sem que ao mesmo tempo pudésse surgir uma doutrina regéneradora capás de substituí-las.

"Rotos todos os laços morais só restava o dominio da viólencia e da opressão pela luta inevitavel entre os antigos chéfes espirituais e temporais e os antigos subordinados que acábavão de sair da escravidão pela servidão da gléba, e que trazião consigo os vicios de similhante origem.

"Forão-se perdendo a pouco e pouco as preocupações de moralidade, e erigindo-se a satisfação dezenfreada dos instintos subalternos em baze da felicidade individual e politica. Dai a ambição cada vês mais pronunciada de gozos materiais com o inteiro esquecimento de quaesquer outras considerações; a fébre do esquecimento rápido e sem escrupulos; a falta de lealdade nas relações sociais e internacio-

nais; o interesse egoista, em suma, dos individuos e dos póvos tornado a ultima razão e o supremo juiz de todas as condutas. Essa obra de continua degradação minava o Ocidente havia seculo quando ás viagens dos grandes navegadores dérão-lhe o pleno conhecimento do planeta humano. Para lógo abriu-se vasto campo ás devastações da anarquia em que se convulsionava a Europa, e começou a esploração monstruóza dos póvos novamente descobértos. Por ésta fórma originou-se o banditismo internacional hoje em prática pelos governos do Ocidente e que rezume-se nésta fraze cruel: opressão dos fracos pelos fórtes desmoralizados.

"Para que nada faltasse, pretensos sábios ,mantidos por tais governos, sistematizárão tamanha perversidade, formulando a teoria das raças, em virtude da qual o conjunto do gênero humano tem de ser fatalmente sacrificado a raça mais eminente. Quanto a determinação déssa raça execranda que está destinada para algôs universal, constitúi um problema fácilmente acomodável aos interesses e ambições de todos os potentados.

"E' contra esse vandalismo prático e teórico que os pozitivistas protéstão enérgicamente. Graças a Augusto Comte, sabemos que todas as civilizações se dezenvolvem segundo as mesmas leis; e que, si os póvos áchão-se atualmente em situações divérsas é, porque as suas progressões respéctivas não tivérão a mesma velocidade. Para tal retardamento concorrêrão cauzas múltiplas que os politicos ocidentais têm o dever de não ignorar e remover, esforçosando-se por acelerar a marcha espontânea das divérsas civilizações por uma intervensão sientifica e honésta:

"Ora, similhante intervensão ezige uma operação preliminar que ainda não está realizada, e vem a ser a definitiva pacificação desse mesmo Ocidente, pelo termo da revolução em que ele se agita. Em nome de que principios tais, governos que dificilmente se pódem manter em seus próprios estados, e póvos oferécem cotidianamente o ezemplo de todas as opressões e de todos os escàndalos, civis e internacionais, irão intervir nos destinos da outra população da Térra? A este Ocidente anarquizado, a razão honésta indica uma anarchia única em suas relações com os póvos que tivérão a infelicidade de conhecê-lo em hóra tão má: — limitar-se a simples tranzações comerciais, sem a minima estorsão, o regimen em suma de uma liberdade sinceramente aceita e lealmente mantida.

"Tal é, Exm. Senhor, em poucas palavras o ponto de vista geral em que se áchão os pozitivistas, para os quais o patriotismo jámais ha de consistir na solidariedade com os homens degenerados que, por ignorancia ou má fé, confundem a cobiça própria com a dignidade e os interesses nacionais".

.....

"Não é ésta a primeira vês que os pozitivistas se levantão contra a politica moral dos governos ocidentais. Augusto Comte, fundador da Religião da Humanidade, não cessou de reclamar o abandono da Algeria pelos francezes, seus compatriotas, e ouzou mesmo formar o vóto solene de serem os francezes espulsos pelos arabes, se perzistissem em manter éssa criminóza conquista.

"Desde 1859, Richard Congreve reclamou da mesma fórma o abandono de Gibraltar e da India pelos inglezes; e alguns anos mais tarde os pozitivistas inglezes publicarão, sob o titulo "International Policy", um verdadeiro tratado das relações da Inglaterra com o résto do nosso planeta. Em 1873 a Inglaterra tendo declarado guérra aos Achantes, o Sr. Congreve estigmatizou nóvamente a conducta do governo do seu país. E no mesmo ano os pozitivistas francezes e inglezes apresentarão ao embaixador, do Japão uma mensagem na qual afirmavão os principios internacionais do pozitivismo aconselhando-o ao mesmo tempo a que se esforçasse por dotar o Japão dos meios de defeza de que dispõe

o Ocidente, com o fim de fazer-se respeitar por um comércio sem escrúpulos e ficar em estado de manter enérgicamente a sua independencia.

"Por ocazião da última guerra com a Turquia, ainda os pozitivistas fizérão votos pela victoria das armas otomanas e protestarão altamente contra o desmembramento dessa glorioza nação. E agóra mesmo acabão de erguer-se contra a politica do governo francês em Tunis.

"A China especialmente. Exm. Senhor tem sido objéto das mais solicitas simpatias por parte dos pozitivistas. A conduta politica do Ocidente com relação á pátria de V. Ex. tem sido continuamente estigmatizada, provocando ainda em 1876 um protesto do Dr. Bridges.

"Demais o venerando diretor atual do Pozitivista, o Sr. Pierre Laffitte (1) consagrou três lições do seu curso geral da Historia da Humanidade á apreciação da civilização chineza. (2)

Nestas lições fês ele sobresair o alto valor social e moral da grande nação de que é reprezentante V. Ex. e a rara superioridade do eminente hômem que a simboliza, o imortal Confucio.

"O ato, pois, dos pozitivistas brazileiros é apenas a continuação de uma serie de precedentes honrozos e vem provar que sabemos comprehender o carater pratico da religião que professamos. Para nós o Positivismo não se redús á ezaltação dos sentimentos generosos em solenidades culturais e ainda menos a acquizição sem objetivos dos fórtes conhecimentos sobre o mundo, a sociedade, e o homem, que constituem o nósso dógma. Retemperamos os corações em festividades sociolátricas pois que sabemos que é do coração que emânão os impulsos; dezenvolvemos a intelligência porque só éla póde fornecer-nos os meios de satisfazer as aspirações de nóssa alma; mas tudo isto cumprímos tendo sempre em vista a prática do bem universal, ao qual só o amor a Humanidade, convenientemente ezercitado pelo culto, póde conduzizr, e só o conhecimento da siência abstrata permite realizar".

Tambem cumpre recordar a nota que á pagina 403 da tradução brasileira de "Cathecismo Positivista ou sumaria esposição da religião da Humanidade", por Augusto Comte fez Miguel Lemos (Pags. 494 e 495 da 3ª edição, publicação n. 99 do Apostolado Positivista do Brasil), cujo theor é o seguinte: —

"3. — Toda a folozofia da civilização chineza condensou-a depois Augusto Comte néstas poucas linhas:

> "Um concurso especial de influéncias sobretudo sociais, dispôs a civilização chineza a desenvolver o fetichismo além de tudo quanto foi possivel alhures.
>
> "Mais bem sistematizado do que em nenhum outro cazo ele ai precaleceu sobre o teologismo, e preservou a terça parte de nóssa especie do regimen das castas, apezar da hereditariedade das profissões. Superou a todos os contatos heterogéneos e conservou seu acendente nacional no meio das misturas, mais toleradas do que consagradas, do politeismo esterior sem acolher jamais o monoteismo. O culto aí consiste sobretudo, na adoração da Térra e do Céu... Segundo o carater concréto da sociabilidade chineza cuja principal imperfeição rezulta da falta de dezenvolvimento abstrato, o Espaço aí se confunde com o conjunto dos corpos celestes, sob o impulso astrolátrico.

---

(1) — A proposito da direcção de P. Laffitte, do qual se separou a Igreja Positivista do Brasil em 1883, vêde o folheto n. 31. (Nota da 2ª edição). *A segunda edição foi publicada no anno* 139 (1927).

(2) — Estas lições áchão-se publicadas em volume sob o titulo: — "Considérations générales sur l'ensemble de la Civilisation chinoise et sur les relations de l'Occident avec la Chine" — Paris. 1861.

Espurgada pela relatividade, esta instituição será facilmente subordinada á Humanidade em um povo onde a destinação social prevaléce sempre1'. Sinteze Subjetiva. Introdução, p. 22-23)"

"O Sr. Laffitte, num interessante opúsculo (3) se encarregou de demonstrar em seu conjunto, e em suas partes, o teorema sociológico constituido pelo admiravel trecho que acabâmos de citar".

Sobre o mesmo assumpto, é de toda a conveniencia compulsar o trabalho do Apostolo Raymundo Teixeira Mendes intitulado "Appel cordial au peuple chinois" (Publicação n. 1 do anno 136 — 1924 — da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil; onde a questão chinesa é larga e eruditamente ventilada, de sorte a bem fazer comprehender os motivos de interesse existentes n'ella em relação ao pôvo brasileiro.

Finalmente é de necessidade transcrever alguns periodos da segunda circular anual de Miguel Lemos aos cooperadores do subsidio pozitivista brazileiro (Pags. 35 a 37):

"La question chinoise est revenue en discussion dans le courent de l'année dernière.

"Ou sait déjá que pour remédier à labolition prochaine de l'esclavage au Brésil, quelques planteurs s'avisèrent de vouloir recourrir á une colonisation chinoise, dans laquelle ils voiaient la possibilité de continuer les vieilles habitudes contractées envers des travailleurs asservis. Cette propagande poussa le gouvernement d'alors á susciter un rapprôchement officiel entre les deux empires. A cet effet, on envoya en Chine une ambassade spéciale ayant pour but apparent de signer un traité de commerce et d'amitié avéc la cour de Pékin. Em même temps, le consul brésilien á New York etait chargé d'ecrire un livre pour démontrer, d'aprés l'expérience, des Etats-Unis, l'excellence du travailleur chinois et ce que gagnerait le Brésil avec l'importation de ces machines de travail a bon marché. On y conseillait ouvertement de la politique industrialiste de l'exploitation de l'homme par l'homme et on y affichait, em même temps, le plus profond mépris qu'un littérateur chrétien puisse avoir pour des peuples qui n'ont pas connu, les subimes vérites de l'Evangile, etc.

"L'opinion publique ne pouvait pas approuver de tels projects et de telles doctrines, aussi, trouva-t-elle bientôt en nous les organes systématiques de ses repugnances et de sa réprobation. Vous connaissez les détails de notre intervention dans cette première période de la discussion.

"Peu de temps aprés, un changement de ministére vint modifier la situation. Le nouveau président du conseil déclara hautement qu'il etait opposé á toute tentative officielle d'immigration chinoise. Mais les défenseurs de cette nouvelle traite ne se tinrent pas pour battus, et essayèrent une deuxième levée de boucliers en faveur de leur expedient favori. Le Centre du Commerce et de l'Agriculture prit l'initiative de cette agitation et annonça des réunions publiques pour discuter toute une série de questions relatives aux intérêts de la classe commerciale et agricole. Parmi ces questions, l'immigration chinoise occupait une place importante.

"Nous avons dès lors cherché á éclairer de nouveau le public, d'abord en dénonçant le vrai caractère des tendances de ce club et

---

(3) — "Considerations générales sur l'ensemble de la Civilisation Chinoise et sur les relations de l'Occident avec la Chine", par M. Pierre Laffitte, Paris, 1861. — E' o unico trabalho verdadeiramente recomendável do degenerado dicípulo, pretendido sucessor de Augusto Comte. — V. nósso opusculo: *Pour notre Maître et notre Foi. Le positivisme et le sophiste Pierre Laffitte,* Rio 1889

toutes les énormités industrialistes qui y etaint proclamées. En outre j'ai fait un appel direct au public, en prenant l'iinitiative d'une petition populaire demandant au Parlament de refuser toute espêce d'encouragement aux entreprises se proposant l'introduction de colons chinois.

"Mais il fallait faire aussi une exposition systématique de notre manière de voir sur la question. Dans ce but j'ai fait au théâtre S. Luiz, le dimanche 2 César (30 Avril), une conference publique. Plus de 500 personnes ecoutérent ma longue exposition, dont voici le programme:

1 — Introduction: Notion relative de civilisation.

2 — Lois sociologiques decouvertes par Auguste Comte.

3 — Apreciation de l'ensemble de la civilisation chinoise, d'après les travaux de M. Pierre Laffitte.

4 — Appreciation de l'ensemble des caractères de la civilisation occidentale et comparaison des deux civilisations.

5 — Appreciation du problème général des rapports de l'Occident avec le reste de la Planete et spécialment avec la Chine.

6 — Appreciation des principes précédents, á l'examen de la tentative d'une colonisation chinoise au Brésil.

7 — Conclusions.

"Mais ce n'est pas assez d'agir ainsi sur notre public, il faut encore mettre en garde les autorités chinoises, non plus déjá contre les vues de notre gouvernement, ce que nous avons déja fait mais contre les entreprises des particuliers eux-même. M. Mendes est chargé de rédiger cette seconde adresse à l'ambassadeur Chinois en Occident.

"Finalement pour répandre dans le public les principes généraux qui nous guident dans la discussion des ces matières, j'avais prié notre confrére M. Generino dos Santos de traduire les leçons de M. Laffitte sur la civilisation chinoise. La tradution est faite, mais la cherté chez nous du travail typographique nous oblige à en ajourner la publication."

Generino tambem tomou parte activa na questão chinesa, formando com os demais positivistas brasileiros que assumiram attitude desassombrada, contra as directrises que pelo governo aqui e em New York na pessôa do consul, vinham sendo tomadas.

Na "Primeira circular anual" (1881) Miguel Lemos transcreve, o protesto feito, da pag. 83 a 85 (2ª edição brasileira, 1900) annexo F:

"Protesto contra as teorias emitidas pelo consul geral do Brasil em New York, na sua conferencia sobre imigração chineza.

"Os abaixo assignados, membros da Sociedade Pozitivista do Rio de Janeiro, protestão com indignação. como homens e como brazileiros, contra os principios proclamados e defendidos pelo Sr. Dr. Salvador de Mendonça em sua ultima conferencia, sobre imigração chineza. Nunca se ouzou falar assim em nosso paiz sobre as populações cujos emigrantes se pretendem atrahir. E' necessario que a degradação industrialista de nosso seculo seja muito profunda, para que um agente consular de nosso governo se pronuncie publicamente por aquele modo sobre os trabalhadores aziaticos, ostentando por eles o mais aviltante despreso, comparando-os a simples machinas de produção mais barata e considerando-os desde já indignos de naturalização. Tudo isto de par com a apologia da politica mais imoral que o industrialismo desregrado tem imaginado contra as raças de civilização diversa.

"Opostos, por motivo que em ocasião oportuna havemos de expôr, á tentativa de colonização aziatica, não podemos deixar sem protesto este programa de uma politica escluzivamente mercantil, em que tudo é subordinado á cobiça dezenfreada dos que entendem que a produção industrial é o unico fim da vida humana.

"Quão superiores erão por certo os missionarios catolicos, que nas suas relações com os infieis se preoccupavão menos da produção barata e um pouco mais da situação social e moral dos individuos.

"E' tambem para lamentar que o ministro de um paiz que acaba de assinar um tratado de comercio e amizade com o Imperador da China,autorizassse com a sua prezença silencioza as injurias lançadas contra uma nação amiga.

"Para tornar eficaz este protesto, julgamos de nosso dever comunicar ao embaixador chinez em Londres uma tradução autenticada do rezumo da conferencia do Sr. Dr. Salvador de Mendonça. E assim impedindo, quanto em nós cabe a realização de um projecto iniquo, pouparemos especialmente ao nosso paiz a reprodução de condições que autorizam mais tarde alguma intervenção internacional, analoga á que deu já lugar o trafico africano.

"Estamos certos que acharemos um éco em todos aqueles que colocão os interesses gerais da Humanidade acima dos interesses particulares de um paiz; em todos aqueles que não confundem a felicidade e a grandeza da patria com a satisfação egoista de alguns individuos.

"Rio de Janeiro, 6 de Dante de 93 (21 de Julho de 1881). — *Miguel Lemos*, prezidente. — *Generino dos Santos*. — *R. Teixeira Mendes*. — *Honorio G. Pinheiro*. — *Dr. Teixeira de Souza*. — *Calisto de Paula Souza*.

"Adherem a esta declaração os membros auzentes: *Godofredo José Furtado, Cipriano José de Carvalho* e *Anibal Falcão*."

Para maior claresa deste protesto convém lêr o que diz na mesma circular, Miguel Lemos, de pags. 44 a 46:

"Poucos dias depois iniciámos o apelo direto á opinião publica nos negocios patrios, a propozito da questão relativa á colonização chineza. Este assunto ocupava então a atenção publica. Esgotada a fonte da escravatura pela lei Paranhos, e tendo surgido um movimento abolicionista que pedia a completa extinção do regimen servil, alguns fazendeiros — estadistas, auxiliados por um jornalismo assalariado, procurara aprezentar o colono chinez como a melhar tranzição para o trabalho livre. O ministerio do Sr. Sinimbú sistematizou estes esforços, promovendo uma missão especial á China, verdadeiro atentado internacional, porque, sob o pretexto de assinar com o imperio celeste um tratado de comercio e amizade, procurava-se apenas abrir um novo trafico de escravos. Uma nova escravatura era, com efeito, o alvo secreto do egoismo agricola, encoberto por sofismas inconsistentes.

"O ministerio do Sr. Saraiva aceitou esta parte da herança do seu antecessor, pois que as negociações diplomaticas continuárão com a côrte de Pekin, que soube, com o seu tino proverbial, iludir os fins inconfessaveis destas relações.

"Um novo fato, porém, veio ainda agitar a questão, determinando a nossa intervenção.

"O nosso consul geral em Nova-York, tendo vindo ao Rio, aproveitou o ensejo para fazer uma conferencia quazi oficial sobre o assunto.

"Este funcionario, conhecido em nosso paiz pela mais escandaloza das dezerções politicas, escrevêra um livro, encomendado pelo ministerio Sinimbú, com o fim de defender a imigração chineza para o Brasil, livro monstruozo, em que o cinismo revoltante da politica ahi aconselhada só tem paridade com a incompetencia sientifica do autor, simples literato, alheio a todo o conhecimento real. A sua conferencia foi uma condensação das mesmas doutrinas. O orador não hesitou em aconselhar de novo a exploração sistematica do homem pelo homem, e pediu sem rebuço para os futuros colonos, uma situação legal de eceção que sancionasse esta escravidão de nova especie. Fez a apologia da politica dos Estados Unidos, que consiste em destruir sistematicamente as raças pretendidas inferiores, de modo a estabelecer o excluzivo predominio do branco. Para vergonha do nosso paiz, estas abonimações literario-industriais, tão contrarias á moral humana como ao verdadeiro progresso material, forão ouvidas por um ministro de estado e por um auditorio de 150 pessoas, sem provocar nenhuma

reclamação. Informado no dia seguinte, pelos rezumos publicados nas folhas diarias, do teôr desta conferencia, redigi imediatamente um protesto cheio de indignação, contra similhante atentado. Este protesto, assignado por mim e por outros membros da Sociedade Pozitivista, foi publicado no dia imediato, 22 de Julho, em todas as folhas da capital, e produziu um verdadeiro, abalo na opinião publica.

"O Pozitivismo inaugurava assim em nossa patria as bellas tradições das escolas de Paris e Londres, solicitas sempre em protestar, em nome da moral e da dignidade nacional, contra os abusos do individualismo desregrado que domina nas relações do Ocidente com o resto das populações da terra. Não fizemos sinão seguir em circunstancias analogas os brilhantes exemplos que o proprio Augusto Comte e seus discipulos inglezes, e francezes nos ensinarão, quando se erguerão contra todas as perfidias e violencias internacionais — ocupação da Argelia, de Gibraltar, da India, guerras da China, intervenção no Oriente, guerra dos Achautis, dos Zulús, etc., — em nome do principio fundamental de que a politica deve ser subordinada á moral". (1)

Cremos mais que sufficientes para esclarecer devidamente as razões da feitura desta traducção, as citações feitas e a indicação de fontes preciosas para um estudo mais detido e completo.

L. F. V. S.

FIM

(1) — Excusado é dizer que o Sr. Laffitte mudou depois de rumo e subordinou, pelo contrario, a moral á politica, sancionando explicita ou implicitamente todos os atentados coloniais da França; mas cumpre declarar, ao mesmo tempo, que tão degradante exemplo não foi seguido pelos seus sustentadores de Londres, que continuão, justiça lhes seja feita, a estigmatizar com denodo e brilho todas as violencias internacionaes perpetradas pela Inglaterra. (1900).

Espolio Literário de Generino dos Santos

HUMANIADAS

Vol. 1º — Liv. 1º: — Paysagens.
» 2º: — Rapsodias pernambucanas.
Vol. 2º — » 3º: — Alma positivista.
» 3º — » 4º: — Immortalidade subjectiva:
1ª parte: Grandes typos da Humanidade.
2ª parte: Typos secundarios.
Liv. 5º: — Marmores e bronzes.
Vol. 4º — » 6º: — Alma collectiva.
» 7º: — Alma alheia.
Vol. 5º — » 8º: — Alma reflexa.
» 6º — » 9º: — Lyrismo.
» 10º: — Versos de amôr.
Vol. 7º — » 11º: — Candido Caetano de Almeida Reis. (Apontamentos para sua biographia.)
Vol. 8º — Liv. 12º: — Æterna carmine.
» 13º: — Seculare carmen.
» 14º: — Varias composições sobre Dante.
Vol. 9º » 15º: — Vária.
» 16º: — Moscas de Milão.
Vol. 10º — » 17º: — Coévos e ancestraes:
1ª parte: Sonetos da India.
2ª parte: Pequenos cantares do grande cyclo da Navegação Aérea.
3ª parte: Ode épica. — A Esthetica em apuros.
4ª parte: A Floriano Peixoto.
5ª parte: Impressões de guerras.
6ª parte: Pela Historia do Brasil.
7ª parte: Pela America.
8ª parte: Pelo tempo afóra.
Liv. 18º: — Aos meus amigos.
Vol. 11º — Civilização chineza.
» 12º — José Jorge de Siqueira Filho e sua obra inédita.

Preço 7$000